3 1761 07036569 7

SILVA PINTO

NA PROCELLA

1909

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54

1909

NA PROCELLA

O accordo assignado no Rio de Janeiro, em 9 de Setembro de 1889, entre o Brazil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas Bibliothecas Nacionaes do Rio de Janeiro e de Lisboa.

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
RUA AUGUSTA, 44 A 54
LISBOA

CASA FUNDADA EM 1848
Premiada com medalhas d'ouro nas Exposições do Porto 1897, e Rio de Janeiro 1908

SILVA PINTO

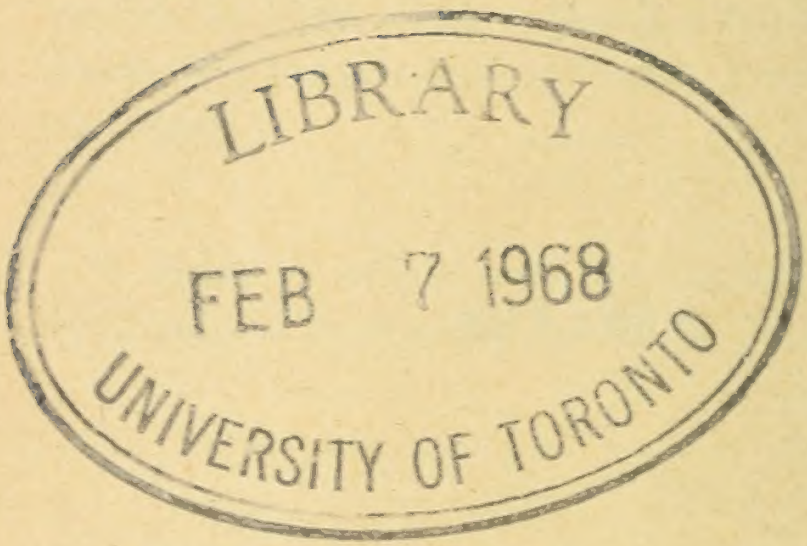
NA PROCELLA

1909

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54

1909

PQ
9261
S55P7



1909

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

MOVIDAS A ELECTRICIDADE

DA

PARCERIA A. M. PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46, 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

Ao Excellentissimo

Conde d'Agrolongo

em homenagem á sua caridade, sem ostentação.

1886.

SILVA PINTO.

CLARIDADES

I

Em dezembro de 1908, visitou o Porto o rei D. Manuel II. As mais rudimentares e as mais complexas de todas as regras de correcção impunham-me retrahimento absoluto, de referencias, nas minhas cartas diarias á *Voz Publica*, sobre tal assumpto: sou um correspondente a dezenas de leguas do Porto, um profissional ha 40 annos, — um velho de sessenta, — um funccionario diretor d'um estabelecimento penal e educativo, do Estado, — um pratico das leis da cortezia, — e um homem que tem o respeitoso culto da sinceridade correcta: — por tudo

isto, eu não podia menosprezar os meus deveres. Mais papistas do que o papá, os mandatarios da Justiça impuzeram aos que applicam perseguições uma attitude aggressiva para com a imprensa jornalistica republicana d'aquella cidade, durante a permanencia do rei entre muros do Porto. Não podendo os pobres de espirito e do resto perseguir-me por offensas ao chefe do Estado portuguez, descobriram que eu não manifestava admiração — antes pelo contrario — para com o imperador da Allemanha; d'ahi o perseguirem-me, processando-me. *Et pour cause.*

Deu esta miseria origem a demonstrações, na imprensa e no tribunal do Porto, que eu registro, como claridades bemvindas á cerrada noite do meu viver. Já no meu livro *Para o Fim*, archivei as muitas annotações aos perseguidores. Citarei, agora, o que eu considero farta recompensa da minha folha de serviços.

.....

*

Na *Voz Publica*, de 7 de dezembro de 1907, escreve Padua Correia:

«Querellado o director-gerente da *Voz Publica*, Lopes Teixeira, por um cabeçalho fóra-a-fóra da gazeta, em quê se fallava da influencia incontestada da sr.ª D. Amelia de Orleans, na politica dinastica. Não ha, na phrase incriminada, sequer um desprimor de linguagem. Pois, segundo lemos no papel sellado — o caso mette *injuria e offensa*, sem que as palavras estampadas offendam ou injuriem.

«Querellado o nosso collaborador, dr. Alfredo Pimenta, por n'um artigo não ter escripto sobre a dinastia, um terço do que disse Oliveira Martins. E fazendo critica historica, reportando-se aos Braganças mortos — ossadas de santos, heroes, martyres e justos — incorreu, conforme os dizeres

consagrados, em *manifesta injuria, offensa e falta de respeito ao Rei.*

«Querellado o garatujador d'esta secção, eu que tenho pelas justiças o temor que preserva do peccado. Motivos: — ter dito n'um artigo, que o sr. D. Manuel era um bonito rapaz. Enojou-me essa epidemia d'erotismo, que lavrava na cidade Repugnou-me a linguagem de impotencia senil e luxuriosa, com que certos jornaes quasi desandavam na pornographia, a proposito ou desproposito de radiantes mocidades.

«Consignei que, em pugnas de caracter politico, se dava o espectaculo de incitar o amor ás instituições, pelos processos com que se accendem desejos sexuaes. Emfim, mais parecia monarchico zelando o decoro de monarchicos, que um republicano sorrindo-se do fio da baba que descia das boccas adversas.

«Tenho aqui a recompensa: — *Manifesta injuria, offensa, e falta de respeito contra El-Rei.*

«E por ultimo, como era de absoluta ne-

cessidade sangrar a *Voz Publica* e não fosse possivel topar no esmiuçamento da collecção, materia unhavel, remataram a festa, querellando Silva Pinto, por causa d'uma das suas *Cartas de Lisboa*.

«Ha 18 annos que Silva Pinto, atravessando todos os periodos criticos de repressão, besta com que os salvadores vexam e affrontam a imprensa, collabora na *Voz Publica*, sem que o seu fel temperado em piedade e desdem, pingasse nas margens do codigo penal. Escriptor que sabe o valor da lingua que falla, a sua dialetica fere, sem que a estupidez das leis de excepção a possa incriminar.

«D'esta vez — pelo visto — o proprio *Kaiser* ficou assombrado com a viagem de D. Manuel, e a Imperial Allemanha de olho pregado na prosa do nosso illustre collaborador, ferrou-lhe uma querella por — *manifesta injuria, offensa e falta de respeito contra Guilherme II*. Ficam os commentarios para Silva Pinto.

«E' bem de ver que, de tudo isto, nos

resta a consolação de concordarmos em que o liberalismo e democracia do novo reinado, são absolutamente differentes do liberalismo e democracia da dictadura franquista. A lei que nos applicam é a mais repugnante dejecção de João Franco. Mas como o sr. D. Manuel conta 19 annos *viva a monarchia liberal!*

«P. S. O artigo que á alçada dos tribunaes me conduz. — como acima vae dito — reportava-se ao impudor de certas manifestações de salas. Escriptas estas linhas, recebo as seguintes informações, da mais authentica fonte:

«No Paço dos Carrancas, depois da sahida de D. Manuel, um bando de damas invadiram os aposentos do rei. Entre o grupo dividiram ellas, pentes, sabonetes, e outros objectos miudos e intimos de *toilette*, de que o sr. D. Manuel se servira.

«Um lençol e toalhas a que o real corpinho se enxugara, foram partidos ás tiras, e devota e amorosamente recolhidos pelas

gentis apaixonadas. Olhem lá! Mas porque lhes não querellam os noivos e os maridos?»

Em 25 de dezembro de 1908, insere a *Voz Publica* a seguinte contestação do advogado Alfredo Pimenta:

«Contestando, diz Antonio Maria Lopes Teixeira, na qualidade de director gerente d'*A Voz Publica*, contra o delegado do Procurador Regio do 1.º Districto Criminal:

1.º

«O auctor do artigo... *Ai!* publicado no n.º 5:302 da *Voz Publica*, é o jornalista Antonio Padua Correia.

2.º

«As expressões que o M. P. aponta, como

contendo injuria, offensa e falta de respeito ao Rei, não são mais que a manifestação da opinião, ironica é verdade, mas nunca insultuosa, do seu auctor.

3.º

«Essas phrases não podem ser analisadas e interpretadas independentemente do conjuncto do artigo, e assim:

4.º

«Lendo-se totalmente o artigo, vê-se, sem precisar-se de grande argucia, que não é a pessoa do Rei a visada, mas sim quem doentiamente, n'um sentimento que não brilha pelo pudor, o applaudia e admirava, por motivos que precisamente não eram politicos.

5.º

«Mas mesmo que d'essas palavras se pudesse concluir injuria, offensa, ou desres-

peito á pessoa do Rei, não havia motivo para condemnação visto não haver intenção criminosa, porquanto,

6.º

«Se recommendou especial e formalmente aos varios chefes das varias secções da *Voz Publica*, desde a do artigo do fundo á do simples noticiario local, que não se publicasse coisa alguma que podesse considerar-se offensa, injuria, aggravo em desrespeito ás pessoas do Rei e da Rainha de Portugal, de visita, n'essa data, á cidade do Porto — recommendação que foi acatada e cumprida. E

7.º

«O auctor da *Carta de Lisboa* publicada n'esse mesmo n.º 5:302, é o conhecido e respeitavel polemista Silva Pinto.

8.º

«O seu passado de escriptor, onde ha paginas brilhantes que hão de ser lidas em todos os tempos com agrado e utilidade, e factos honrados que se recordarão sempre com carinho, abona de sobra as suas qualidades moraes

9.º

«Todos conhecem o feitio do jornalista Silva Pinto, discipulo que honra o mestre — Camillo Castello Branco —, no *processo* zombeteiro e por vezes gaiato de escrever, mas nunca revelando sentimentos maus, odiosos, offensivos, profundamente antagonicos com a sua vida publica e particular, e naturalmente improprios da sua edade e da situação moral em que se encontra perante o paiz.

10.º

«As phrases apontadas pelo M. P. n'uma *trop de zéle* excessivo, arrogando-se o pa-

pel, um todo nada ridiculo, diga-se de passagem, de denfensor do *Kaiser*, não são mais que uma critica ligeira e alegre das inconfidencias do imperador da Allemanha, tão discutidas e tão criticadas ultimamente na imprensa allemã e estrangeira.

11.º

«De resto, mesmo que nas expressões que feriram os sentimentos — no momento da leitura — germanicos do M. P. se pudesse ver desrespeito ao *Kaiser*, não havia motivos para condemnação, visto não haver intenção criminosa, porquanto

12.º

«Se fez, para não haver intervenções extranhas desagradaveis, a recommendação que se frisa no n.º 6 d'esta contestação.»

Na *Voz Publica* de 27 de dezembro de

1908 vem, ao relato do julgamento no tribunal criminal do Porto:

«O advogado dr. Eduardo d'Almeida:

«Começa dizendo que veiu a este julgamento cumprir um dever — acompanhar o seu antigo e querido amigo dr. Alfredo Pimenta na sua estreia como advogado. Precisa fazer violencia sobre a consoladora impressão que fez no seu espirito o discurso que alli acaba de ser pronunciado, para se desempenhar do seu cargo apresentando a defeza — a defeza não, a affirmação banal mas sempre justa, de que um velho honradissimo não trahiu o que deve ao seu nome e um jornalista ainda novo, que merece largo futuro ás suas qualidades, as não ensaiou tem ensaiará por certo na injuria.

«Porque, atraz da ficção da lei, sob a autoria do illustre director do jornal querellado, quem responde, quem accusa o agente do M. P. é Silva Pinto e é Padua Correia.

«O director d'*A Voz Publica* teme a sua

.....

defeza bem cathegorica e juridicamente sustentada no depoimento das testemunhas inquiridas.

«O corpo redatorial foi avisado de que deveria ter o maximo cuidado em que não fosse publicada, emquanto D. Manuel estivesse no Porto, materia sujeita aos reparos das querellas.

«Isto mostra que não houve da sua parte o menor intuito de offender qualquer pessoa: pelo contrario, chamou a attenção para que alguem podesse considerar-se offendido.

«Não obstante o M. P. lá foi encontrar, ora para a dynastia de Bragança, ora para D. Manuel ou sua mãe, e até para o imperador da Allemanha, phrases que apontou, comprehendidas em artigos do Codigo Penal...

«Como offendeu Silva Pinto o soberano allemão?

«Silva Pinto é um escriptor honrado. N'uma epoca da vida em que a mocidade

facilmente o poderia tentar, ajudando-se no seu magnifico talento, para se impôr á bajulação proveitosa, quando se viu obrigado a ganhar dia a dia sustento, não vendeu a sua penna ás influencias que o cercam, manteve intactos os seus principios, robusteceu, firmou e impôz sua consciencia.

«Elle comeu o pão do seu trabalho n'essa phase d'onde tantos se precipitam no crime, por onde alguns se elevam ás faceis honrarias sociaes obtidas por todos os meios e em que rarissimos conservam a probidade.

«Elle foi sempre coherente com os seus principios, com o seu coração, com o seu caracter, que para ahi ficam derramados nos jornaes e nos livros, dia a dia, agitadamente, nervosamente, como agitada, nervosamente, como agitada, nervosa e dolorida terá sido para elle a vida.

«Para os criminosos vulgares é de uso apontar-se á compaixão do julgador um passado de bom comportamento que é, tantas vezes bastante duvidoso.

«Não fará a Silva Pinto nem aos seus julgadores a injuria de repetir, pois aqui teriam as armas da critica, o que elle é como escriptor e cidadão.

«Como escriptor, deixa nos *Combates e Criticas* paginas que honram a nossa litteratura e honrariam a litteratura de outro paiz; como cidadão é modelar no cumprimento dos seus deveres na.

«Ninguem ignora a funda commoção politica que despertou uma entrevista com o imperador, essa entrevista que levantou o povo allemão indignado, que foi discutida na camara, e cujas inconveniencias lhe foram ponderadas pelo proprio chanceller.

«Pois quando ainda não se havia desfeito o movimento de surpreza, o jornal americano *The World* annuncia nova entrevista, muito mais perigosa, realisada pelo seu redactor William Halt.

«*The World* acompanhava a entrevista de interessantes comentarios sobre a hora e situação em que se effectuára, relatava co-

mentarios que foram reproduzidos em jornaes portuguezes.

«O illustre escriptor deu a sumula da entrevista que, a ser verdadeira, offende o povo allemão, cuja offensa, não o sendo, tem de liquidar-se por outra fórma.

«Mas os jornaes da Allemanha que foram ainda menos benevolentes e mais precisos, nem por isso os querellaram...

«O que póde notar-se é a fórma como está redigida a *Carta de Lisboa*. Extranha-se o estylo de Silva Pinto, mas não o extranharia quem conhecesse a sua obra, porque, nervoso e aspero, ha sempre n'elle um fundo de justiça. Silva Pinto obedeceu ao sentimento e ao receio de ver desperdiçados inutilmente uns milhares de vidas.»

A estas nesgas de azul em céu perpetuamente tenebroso — de uma perpetuidade de meio seculo — succederam, mezes volvidos, as seguintes:

Em março de 1909 publicavam quasi todos os jornaes de Lisboa noticias concebidas como abaixo reproduzo, uma do *Seculo* e outra do *Diario de Noticias*, conservando por todos os outros collegas o devido e profundo reconhecimento:

(No *Seculo*:)

«SILVA PINTO

«Uma commissão de amigos e admiradores do illustre escriptor promove-lhe uma recita de homenagem

«Alguns escriptores e jornalistas, amigos e admiradores de Silva Pinto, acabam de constituir-se em commissão, no intuito de realisar n'um dos primeiros theatros de Lisboa, uma recita de homenagem ao illustre escriptor. Preito de admiração pelo brilhantismo talento, affirmado n'uma extensa producção litteraria, essa festa repre-

senta, por sua vez tambem, a consagração do caracter d'este homem publico que ao cabo de longas e trabalhosas canceiras só tem accumulado desillusões.

«O *Secuo* associa-se a esse justo preito de homenagem, esperando que elle attinja a proporção de que é digno esse trabalhador da imprensa.»

(No *Diario de Noticias*:)

«RECITA DE HOMENAGEM

«Varios collegas e admiradores de Silva Pinto constituiram-se em commisso, a fim de promoverem n'um dos principaes theatros de Lisboa uma recita de homenagem consagrada ao distincto escriptor.

«O facto representa ao mesmo tempo que um tributo pessoal, um precedente para os trabalhadores assim cotados, como aquelle, de intelligencia, de trabalho e de caracter.

«Ninguem ignora que é precisamente a

rigidez de caracter que torna espinhosa a carreira do homem publico entre nós; e corre o dever á geração nova de presar e cobrir com o seu protesto, os nomes cada vez mais raros, que como o de Silva Pinto, representam a isenção com os respectivos sacrificios.»

*

No dia immediato dirigi a todos os jornaes que ao assumpto se referiram a seguinte carta:

«A MINHA RECITA

(Carta aberta a Pires Avellanoso)

«*Meu caro amigo.* — Passaram-se assim os factos: Haverá tres mezes, cambaleava eu, ao sahir de um ministerio para a Arcada, quando v. olhando, commovido, para o meu preparo, me disse — «que era impossivel continuar eu a trabalhar como um ne-

gro, sem que os meus camaradas se manifestassem, por modo alentador para quem assim se fatigava. Mas que havia um grupo já inclinado a certas manifestações, e que esperasse eu, para ver».

«Dois mezes depois communicou-me v. que o grupo resolvera proceder quanto antes e que o procedimento vinha a ser uma recita-homenagem offerecida ao *moi chétif*. O applauso sem duvida, pensei, a quarenta annos de trabalho persistente, assim inabalavel em principios sociaes, como indifferente a *effeitos* : — ou isso, ou reconhecimento de dotes intellectuaes, o que de mais vulgar existe por esse mundo!...

«Vejo impresso, nos jornaes, que é, especialmente, o *caracter* do individuo que v. e o grupo levam em vista celebrar, e n'este ponto se estabelece no meu espirito uma duvida: se mais em meu favor milita a resolução tomada, do que em honra da solidariedade que, tão nobremente, me avoca de um sombrio retrahimento, para a ruidosa e luminosa *consagração*!

«Um ponto negro surge, em extremo delicado. Não faltará quem n'ella veja o quinhão *moral* e o *material*: para a satisfação do sentimento e, quiçá, para regalo dos sentidos. Não é assim. Devo dizer a v. que ha muitos annos, desde a minha primeira mocidade, eu nunca pedi auxilio extranho, senão para relativo conforto de *terceiros*, sendo certo que representavam esses *terceiros* parte da minha alma. Esta circumstancia torna effectivo e profundo o meu reconhecimento para com diversos homens, em diversos pontos da minha vida; mas devo esclarecer ventrudos egoistas: se algum dia pensaram esses em ferir-me *directamente*, com uma recusa, miseravelmente se enganaram: feriram, especialmente, innocentes para quem eu pedia, o que torna o egoismo mais digno de castigo — e do meu desprezo. Por mim, *pessoalmente*, contundido pelos *que roubam* e pelos *que atraiçôam*, só preciso que a morte me seja mais serena do que tem sido a vida.

«Deixe-me resumir, meu caro amigo, e

condensar, em palavras de paz, o meu pensamento d'esta hora: Oxalá que a idéa de v. e do grupo haja de tornar-se bem fertil: ganhariam, em contentamento de um nobre orgulho os meus bravos camaradas, que ao meu novembro algido trazem o conforto da sua juventude, — e alguns meus irmãos em Christo, para os quaes não seria inutil a minha relativa e ephemera *prosperidade*.

Seu amigo e camarada muito obrigado

Silva Pinto.

Nota. — Acontecimentos inesperados — a derivação dos espectaculos em favor das victimas dos terramotos de abril, — impozeram o adiamento d'essa *récita*.

*

Iniciados os preparativos da *festa*, eis que, em abril do corrente anno, cahe a fundo sobre Portugal o tremor de terra que destruiu Benavente e outras povoações do Ribatejo. Então se impôz o addiamento á projectada recita de profissionaes das Letras, pois que a miseria dos sobreviventes da catastrophe reclamava a convergencia de todos os esforços, espectaculos publicos, etc., em favor dos desventurados. Cumpre-me dizer que me surprehenderam as adhesões não menos que os retrahimentos de hostilidade. Os factos são por mim lançados em credito social — com a nota do meu reconhecimento.

Maio, 1909. *S. P.*

II

A noite passada, chovia, deu-me a gana de trabalhar; mas o cerebro resistiu á es-

troinice que resuscitava o noctivago.—«Que dormisse!» impunha-se me com vigor.—«Ao menos isto!» suppliquei, indicando uns milhares de cartas que alli tenho, da travessia de 40 annos—a parte aproveitavel da monstruosa porção condemnada e destruida.—«Pois que folheasse; que me entretivesse, sem exemplo!»

E foi assim que eu coordenei milhares de cartas, silenciosamente, emquanto nas vidraças do meu quarto batia a chuva. De quando em quando, eu lia e *recordava-me*. Não será isto o verdadeiro *viver*?

Durante horas, desfilaram, aqui, pela minha frente, vindas de 1868 até agora—40 annos—cartas d'estes companheiros da travessia, muitos d'elles mortos:

José Caldas, Pato de Lima, Anthero do Quental, Augusto Soromenho, Conde de Valenças, Simões Dias, Guerra Junqueiro, Luciano Cordeiro, Gomes Leal, Julio Cesar Machado, Mendes Leal, Candido de Figueiredo, Cesario Verde, Raphael Bordallo Pinheiro, Sousa Martins, Jayme Moniz, João

Bonança, Alfredo Carvalhaes, Fialho d'Almeida, Bazilio Telles, José Sampaio (*Bruno*), Antonio Nobre, Oliveira Martins, Fausto Guedes Teixeira, Antonio Teixeira Lopes, Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz, João de Deus, Narciso de Lacerda, Eugenio de Castro, Bulhão Pato, Guilherme Braga, Marcellino Mesquita, Zacharias d'Aça, Fernandes Costa, Trindade Coelho, Raul Brandão, Antonio Feijó, Emilia das Neves, Sarah Bernhardt, Lucinda Simões, Conde d'Arnoso, Ricardo Jorge, Manuel Duarte d'Almeida, Rodrigues de Freitas, Ruiz Aguilera, Urbano Loureiro, Borges d'Avellar, Agostinho Albano, Balthazar Radich, José Ribeiro Guimarães, Antonio Ennes, Mariano de Carvalho, Enygdio d'Oliveira, Fernando Garrido, Fernando Leal, Urbano de Castro, D. João da Camara, Alberto de Oliveira, D. João de Castro, Henrique de Vasconcellos, Antonio Candido, Luiz d'Andrade, Bettencourt Rodrigues, Luiz Osorio, Francisco Tubino, Pessanha Povoa, Guilherme d'Azevedo, Eduardo Coelho, Teixeira

Gomes, Campos Carvalho, José de Castro, Lucilia Simões, Mercedes Blasco, Cinira Polonio, Marie Denis, Columbano Bordallo Pinheiro, Campos Henriques, Hintze Ribeiro, João Arroyo, Antonio Pedro, Anna Pereira Abel Andrade, Alberto Pinheiro Torres, Ernesto Leite de Vasconcellos, Bernardino Machado, Fernando Mattoso dos Santos, Alfredo Keil, José Antonio de Freitas, Alberto Braga, Horacio Ferrari, João Saraiva, Ferreira d'Almeida, Roberto Ivens, José Carlos dos Santos, Alberto Ozorio de Castro, Rodrigo Vellozo, G. Moniz Barreto, Alves da Veiga, Salvador Marques, Visconde de Ouguella, Herrmann, Anna Placido, Cezar Polla, P. Pinto de Campos, José Elias Garcia, Benigno Joaquim Martinez, Lopes Trovão, Gomes d'Amorim, Angelina Vidal, Visconde de S. Luiz Braga, Clemente dos Santos, José Rodrigues d'Almeida Ribeiro, José Estevam de Moraes Sarmento, Luiz Guimarães, Graça Barreto, Alves Mendes, Manuel Carda, F. Ferraz de Macedo, F. Cabral Metello, Raul Mesnier, Flamiano Anjos, Car-

los Anjos, Polycarpo Anjos, Conde de Fontalva, Conde da Ribeira Grande, Conde de Figueiró, Marquez de Valle Flor, Silva Lisboa, Paulo Osorio, Nuno Queriol, Zepherino Candido, Zepherino Brandão, Diogo de Macedo, Bernardim Pinheiro, Albertina Paraizo, Marçal Pacheco, Ramalho Ortigão, João Chagas, Eduardo Lupi, Heliodoro Salgado, Alves Correia, Magalhães Lima, Antonio d'Azevedo Castello Branco, Virgilio Machado, Alfredo Luiz Lopes, José Augusto Vieira, Vasco Ortigão de Sampaio, Alberto Bramão, Almeida Serra, Alexandre da Conceição, Manuel d'Arriaga, Armando da Silva, Silva Graça, Frederico d'Abreu Gouveia, José Frederico Laranjo, J. J. M. Oliveira Valle, Calvet de Magalhães, Alberto Pimentel, Theophilo Braga, Alexandre Braga (filho), Adriano Anthero, Botto Machado, M. Oliveira Ramos, Henrique das Neves, Antonio M. Pereira, Ernesto Chardron, Fernando de Lacerda, Padre Antonio do Espirito Santo, Padre Senna Freitas, Theophilo Ferreira, Caetano Pinto, Marianno Presado,

Barros de Seixas, Rodrigo Pequito, Eduardo Shwalbach, Carlos Malheiro Dias, Padre Antonio d'Oliveira, Manuel Sardenha, Alves de Moraes, Domingos Tarrozo, *João Franco*, Luiz Botelho, Henrique Marinho, Lyster Franco, Emygdio Navarro, Beldemonio, Anselmo d'Andrade, Anna de Castro Osorio, Julio de Vilhena, Teixeira de Queiroz, Nicolau Estevanez, João Patrona, José d'Almeida Vidal, Raul Mesnier, Victoriano Braga, Gomes da Silva, Lino d'Assumpção, Leão d'Oliveira, Francisco Figueira, Dias Costa, Malaquias de Lemos, Visconde de Villarinho S. Romão, A. Vieira Mendes, Lucinda do Carmo, Carlota Vellozo, Maria da Luz Vellozo, A. Moraes Pinto, Paulo Cancella, Eduardo Falcão, David Ramos, Nogueira Lima Hamilton d'Araujo, Conde de Paçô Vieira, José d'Alpoim, Carlos Lobo d'Avila, Sergio de Castro, Pereira de Miranda, Amorim Vianna, Bjorkman, Guiomar Torrezão, José Augusto de Castro, Delfim Guimarães, Augusto Forjaz de Sampaio, Olga Sarmento, Célia Roma, Manuel Zerbone, Carlos Galrão,

Sousa Bastos, Freitas e Costa, F. Adolpho Coelho, Brito Aranha, Eduardo de Noronha, Manuel Penteado, Amadeu de Freitas, Carneiro de Moura, J. Barbosa Colén, Fernando Pedrozo, A. X. Rodrigues Contreiro, Evaristo Brandão, Alfredo Cesar Brandão, Rodrigo Vellozo, M. Bernardes Branco, Bento Carqueja, Barjona de Freitas, Lopo Vaz, Blanche Barbe, Ernesto Pires, João Tedeschi, Anselmo de Moraes, Costa Carregal, Gualdino de Campos, Gualdino Gomes, Padre Oliveira Brandão, Miguel de Paiva, Adriano Villas Boas, Teixeira de Pascoaes, Barão de Fornellos, Manuel Maria Rodrigues, Augusto de Lacerda, Sebastião de Carapeços, José Passos, Delfim Maya, Libanio da Silva, Gabriel Pereira, Xavier da Cunha, Eduardo Tavares, Abbade Sant'Anna, Anselmo Vieira, Antonio Navarro, Joaquim Martins de Carvalho, Antonio Thomaz Pires, Joaquim José Marques, Pereira Caldas, etc.

Recordo-me...

III

Já se sabe que fez, no Rio de Janeiro, um doloroso fiasco a recente exposição, pelo que directamente nos toca. O *Seculo*, condensando os factos, diz:

« — De 400 contos de mercadorias, que foram para o Brazil, apenas se collocaram 4.

— Voltarão para Portugal quasi todos os nossos artigos expostos.

— Escusado será dizer que os vinhos portuguezes ficaram, na sua quasi totalidade por collocar. Não houve quem os comprasse, porque tambem não houve quem soubesse chamar para elles a attenção dos que com esse producto commerceiam. Pelo que fica rapidamente exposto, vê-se que a exposição fracassou em absoluto, mercê das causas que vão indicadas. Isso, porém, pouca admiração deve causar, porque succede outro tanto sempre que se trata de empre-

hendimentos em que o Estado entra como factor principal. E' esse, entre nós, o destino das coisas officiaes. E não ha duvida de que é um destino bem triste!»

*

Estamos, realmente, com pouca sorte: — *malfeitores*, estupidos e sanguinarios, — *olho vê e mão pilha* incorrigiveis, — *dominus vobiscum* a tramar, — crises em toda a linha, — desespero e desorientação!

Mas, restringindo-nos ao fracasso da exposição: ainda bem *que volta* o que se não vende! Da outra vez... que o diga *a Custodia das Monicas!*

*

A camara municipal de Lisboa lucta por fazer entrar nas calhas—os Electricos e os Ascensores. Longe vão, pelo visto, os ominosos tempos da *kagadeira*. Chegue-se-*lhes!*

*

No Fayal, alastra-se a peste.
Somma e segue.

Os moageiros já ganharam 100 contos de réis. E viva *o velho!*

IV

Ali o imperador Guilherme II...

*

O papa deu uns 200 contos para as victimas sobreviventes da catastrophe na Italia.

Tem 200 contos só para uma esmola. Foi o que faltou a Jesus Christo; por isso lhe chamam doido — scientificamente!

*

Ali o *kaiser*...

*

Consta ao *Mundo* que no proximo dia 1 de fevereiro sairá um numero especial de folha jornalistica, enriquecido com a collaboração deplorativa dos srs. Fialho d'Almeida, Ramalho Ortigão e Arnoso.

E diz mais:

«— Que o sr. Ramalho Ortigão verá nos dias da sua gloria, por um artigo semelhante á *bacirrabice litteraria do rei martyrisado*, reproduzida a sua prosa de jacobino do tempo do centenario de Camões.

«— Que este decadentissimo personagem, envaidecido do contacto dos *vencidos da vida* e das *canastras*, se esqueceu já dos tempos plebeus em que era mestre de francez, e mau francez, no collegio de seu pae, sendo então democrata.

«— Que o sr. Fialho d'Almeida, ao mesmo tempo que publica um artigo elogioso para o rei dos *adiantamentos*, é capaz de reeditar, no mesmo dia, e com egual consciencia, os artigos que escreveu contra o paço e contra o sr. D. Carlos.

«— Que n'esses artigos ha até cousas essencialmente offensivas da sr.ª D. Amelia, á qual é agora capaz de babujar a mão.

«— Que o sr. conde de Arnoso, hoje socio nas venias lutuosas do sr. Fialho d'Almeida, já foi por elle mettido a ridiculo como homem de lettras, não só em artigos, mas até nas palestras das esquina do Suisso, quando o sr. Fialho n'elias coçava democraticamente os costados.

«— Que por tudo isto se vê que a antiga alma jacobinissima do sr. Fialho d'Almeida só pescava o aplauso interesseiro das multidões democraticas e já tinha de olho algum logar rendoso e a venera de S. Thiago, dada a tantos patetas das lettras.»

Para a Historia — e para a gente se rir.

*

Ali, aquelle que não é Carlos Magno, nem Julio Cesar...

*

Pondéra *O Mundo*:

«Ainda ninguem explicou porque é que, tendo o sr. Calvet de Magalhães auctorisado a importação de trigo mediante o direito de 9 réis por kilogramma, a despeito de todos os pedidos e de todas as ameaças, o novo ministro das obras publicas, mal tomou conta da secretaria, auctorisou logo a importação de 50.000:000 kilos, com o direito de 7 réis.»

... E' o sr. D. Luiz de Castro

*

O *Daily Telegraph* publica isto do imperador Guilherme — esse grande vulto:

«A Europa formou uma colligação offensiva contra a Austria e a Allemanha: a França fortifica os desfiladeiros do Jura; a Hollanda trata de impedir que a Allemanha a invada; a Russia occupa-se na construcção de formidaveis linhas de defeza que interceptam o caminho de Moscow; a Suissa fecha as gargantas e os desfiladeiros das suas montanhas; a Italia, depois de se fortificar contra a França, procede de egual modo a respeito da Austria. Esse annel de ferro estava apenas aberto do lado dos Balkans; a Turquia, a Servia e o Montenegro acabam de fechal-o hermeticamente.

«No dia em que rebentar uma grande guerra, a Austria e a Allemanha serão accommettidas por todas as fronteiras. A Russia será arrastada a combatel-as pelo odio hereditario dos slavos contra a raça ger-

manica. A Italia tratará de disputar á antiga proprietaria da Lombardia a posse das costas do Adriatica. A situação dos nossos inimigos é mais vantajosa. No entanto, desde que a Austria occupa os Balkans, os nossos adversarios não querem aventurar-se a uma guerra, porque nos consideram demasiado fortes. Tratam por isso de nos dividirem internamente. E' preciso que sejamos um povo unido contra o estrangeiro, para continuarmos a merecer o nome de grande potencia militar, hoje conduzida por uma mão de ferro.»

... O Diniz das bolachas — um cavalheiro! — é da mesma opinião e da contraria.

O M. P. (1.º dist. cr. do Porto) não me perde de vista! Vá lá uma de Mazalipatão!

V

O que se sabe das povoações ruraes do Douro faz estremecer. No *Seculo* vem hoje

uma descripção dos horrores que assaltam e assolam as visinhanças da Regoa. Ha poucos annos, fallar da Regoa, o mesmo era que alludir á prosperidade. Hoje, são dolorosissimas as referencias.

No entanto, a caridade nacional compraz-se em sustentar que a miseria não tem patria, e ella ahi vae até Italia! Certo é que *cada qual dispõe do que é seu*, mas se faz alarde das disposições cahe sob a alçada da critica. Os *marquezes de Franco* são de todos nós — mais a sua philantropia cebacea e menos as suas fétidas sobrecasacas. São *documento... humano* (vá lá humano!)

Encontrei ainda agora, no comboio de Caxias um official superior, meu amigo de mocidade, em sargento, na Polytechnica, e coronel de hoje, prestes a ser general. Como *isto* passa! Como é natural entre *bons rapazes* de 60 annos, que de ha muito se não encontram, parolámos a valer e com gosto.

O coronel F. não é um revolucionario, nem um conservador ferrenho, nem um descontente *com tudo*. Entende que já se não volta para traz, mas como chefe militar e mesmo por opinião propria, crê do seu dever obstar a que se avance em desordem: quer a marcha da locomotiva, mas sem descarrilamentos. Restringindo-se a coisas do dia, affirma-me *que nada ha, nem haverá* — a não ser a boa vontade dos que conspiram—em contra-revolução—nas prégas dos reposteiros palacianos e nas prégas das roupetas. — Que nós já não podemos voltar para traz! insiste.

Emfim, diz elle que nada ha, nem haverá — que sobresalte os espiritos e embargue as digestões. Parabens aos felizes!

Como viram, o Supremo Tribunal Administrativo annullou as deliberações da tal auditoria, no tocante aos tres vereadores de Lisboa, condemnados como republicanos, — 3 á falta de todos!

Só votou contra elles o sr. Julio de Vilhena. Tenho pena.

E ella a medrar!

O *Diario* publicou hontem a nota da divida fluctuante nos mezes de junho a novembro ultimos.

Em junho era na importancia de 79:844 contos (numeros redondos), em novembro 80:834, isto é, mais 990.

... Eu cá não fui.

VI

As noticias do Douro, publicadas na imprensa, causariam incomportavel horror, se a commoção não estivesse na maxima parte voltada para a Italia. O *Seculo* de hoje refere-se á aldeia de Lobrigos, perto da Regoa. Vá um cantinho do quadro:

«Ha, n'uma das ruelas da aldeia, uma d'essas barracas que me attrahe. Lá dentro

o desconforto deve ser tremendo. Para entrar, tenho de curvar-me, e, uma vez no interior do pardieiro, que uma tempestade faria em pedaços, depara-se-me a dona da casa, que me recebe apavorada e que quasi cahe de joelhos deante de mim, pedindo-me que não lhe faça mal.

«Tranquilliso-a e interrogo-a. Chama-se Joaquina Ferreira, de 33 annos. O marido é doente. Chama-se José Marques, de 32 annos. E' trabalhador. Tem tres filhos: — Henrique, de nove annos; Joanna, de cinco, e Luiz, de sete mezes.

«O cubiculo deve ter cinco ou seis metros quadrados. A' direita fica a cama dos pequenos — uma enxerga pôdre, com um velho cobertor enrolado sobre ella. A seguir, e encostada á parede do fundo, está a cama do casal — outra enxerga um pouco maior, com a palha de centeio a furar a linhagem suja. Outro cobertor, tão velho como o que serve para cobrir os pequenitos, cobre o catre miseravel.

«Aos pés da cama maior fica uma arca,

que ella — a desgraçada mãe — trouxe com o enxoval, quando se casou. Na parede do fundo está a lareira — uma pedra tosca sobre a qual se faz lume. Mais duas cadeiras, uns cacos enegrecidos pelo fumo, e eis toda a fortuna d'esta familia.

«Apesar de doente, de *tossir muito*, o dono da casa ainda trabalha. Não encontra, porém, quem dê mais de sete vintens por dia. E o que cóme toda esta gente? Brôa, em que gasta cento e oitenta réis, e um misero caldo, feito de agua e couves, sem azeite, nem nenhuma especie de tempero.

*

«E não andam nús, os pobresitos. Nunca, porém, na sua pavorosa tóca brilha o fulgor d'uma luz. A's escuras se deitam, ás escuras se erguem. O dinheiro, coisa que só de raro em raro lhes tilinta nas mãos, não lhes chega para meio quartilho de petroleo... A candeia, companheira amiga, não é objecto que figure n'este casebre.

.....

— «Vivemos do credito, senhor, diz-me a malaventurada mulher. Emquanto o padeiro e o lojista nos fiam, vamos entretendo a vida. Depois, será o que Deus quizer.

— «E tem fome? — pergunto.

— «Se temos fome! Pois se uma broa mal chegava para uma pessoa, como nos ha de matar a fome a todos?

«E o mulherio esfarrapado, que se vae juntando, conta tambem o que lhes corre lá por casa. E' um nunca acabar de historias commoventes, de lamurias que cortam o coração. Um vintem que dou a uma creança faz luzir clarões de inveja em todos os olhos que me fixam. Pergunto ao petiz se vae á escola. Não tem fato, e a mãe envergonha-se de o apresentar coberto de trapos ao senhor professor.

«E' n'este abandono que vive o povo de Lobrigos. E' n'este supremo desamparo que encontra a classe trabalhadora do Douro. Ella bem sabe que existe um governo n'este paiz, mas conhece-o por intermedio do fisco e da força armada...»

. . . . . .

*

. . . E conhecem, por informação do padre, mais da dona devota, a *bondade de Deus*, mais a *bemaventurança!*

E, todavia, ha 20 seculos que pelos desgraçados penou e morreu Jesus — a quem os *doutores* chamam doido, — não podendo já escornal-o, nem escouceal-o, nem mordel-o!

VII

Raro me é dado, — pouca sorte! — rir, como ainda ha pouco ri, — sem ruido, silenciosamente:

Não vá a Dôr acordar!

Foi, *primo*, a proposito da seguinte carta, que apparece entre os meus papeis: este modelo de lapide:

«Ill.mo Ex.mo Snr.
Conselheiro
Hintze Ribeiro.
Meu venerando chefe».

(Segue :)

«D'aqui e com o mais profundo respeito me congratulo com o anniversario natalicio de V. Ex.ª e que por muitos, muitissimos annos se repita tão auspicioso acontecimento, para honra, gloria e felicidade da nação inteira, pois está provado até á evidencia que V. Ex.ª é uma das primeiras notabilidades do mundo.

«Permitta V. Ex.ª que abrace o meu venerando e prestigiosissimo chefe, de quem sempre fui e serei eterno admirador.

«Moimenta da Beira, 9 de novembro.

. . . .

Esta carta, a não ser de um typico ma-

duro, deve ter um *post scriptum*, em folha especial:

— «Rogo a V. Ex.ª que não se esqueça do meu rapaz, que, como eu, é todo de V. Ex.ª»

Nota: Hintze não chegou a vêr aquelle apontoado. A Tropa interceptou-lh'o e re metteu-m'o. Já d'aqui não sae.

E a proposito de concursos em Portugal.

Acabava de ser nomeado 2.º official do ministerio da justiça Urbano de Castro. Eu, que, ao tempo, me dava com o nomeado, perguntei-lhe:

— Foi por concurso?

E o Urbano:

— «Eu, por concurso?! Que idea faz você do meu caracter?!»

Ironico, mas certo.

VIII

A Associação dos Creados de meza *também* enviou os seus sentimentos á Legação da Italia, em Lisboa.

Está bem. Agora que desabafaram, estou que não entornarão molho no fato dos convivas.

Dizem de Espinho que o mar vae destruindo a população.

E pedem soccorros.

Mais tarde. Primeiro, a Italia!

IX

No *Seculo* de hoje, um medico de Lisboa, o sr. dr. Arthur Bebiano, dirige-se ao sr. D. Manuel, chamando a attenção de sua magestade para a *fome no Douro*. O sr. D. Manuel deve realmente *(pardon!)* dispôr de certa influencia junto ao seu governo e aos

homens de dinheiro — para se acudir áquelles verdadeiros *martyrisados*. Creio que a attenção do joven rei não se terá demorado pela Italia; certo é que o seu correspondente no *Seculo* lhe diz d'estas verdades como punhos — de linho, não de borracha:

«Senhor! Nós, que andamos a fazer de ricos, mandando para fóra n'esta occasião tanto dinheiro, quando temos estes nossos irmãos, aqui ao pé da porta, a morrer de fome, devemos parar n'esta fingida abastança, para nos virarmos para o nosso Douro. Os sobreviventes da catastrophe d'Italia a estas horas estão rodeados de carinhos e confortos, dispensados não só pelos regios corações d'aquella nação como pelos soccorros dos seus patricios e os de todo o mundo. N'esta confraternisação geral, mal fóra que não concorressemos tambem com o nosso obulo; mas, tudo que é de mais, mal parece, quando temos tantos irmãos nossos aqui, a alguns kilometros, a morrer de fome.»

E mais:

«E' este realmente, o nosso feitio de peninsulares: esquecermos as nossas desgraças para acudirmos ás dos outros. O que hoje aqui lembramos, Senhor, estamos convencidos de que ha de cahir bem não só no vosso animo como no de todos os portuguezes, e admirados ficarão muitos de ha mais tempo não se ter pensado na fome do Douro, quando estamos a arranjar dinheiro por toda a parte, para ir soccorrer sim desgraçados, mas que a estas horas menos precisam do que os nossos irmãos famintos.»

... Deve-se entender que eu não espero que uma opinião alheia se manifeste, para emittir a minha opinião pessoal; mas é-me agradavel, em extremo, vêr que nos achamos de accôrdo — eu e um espirito illustrado e recto. Diz muito bem o sr. doutor. Oiça-o o sr. D. Manuel — que está na feliz idade em que se aprende.

. . . . . .

X

Um cumulo, antes que esqueça:

«CARPENTRAS, DOCURDS, 20. — O creado que assassinou os patrões, foi esta manhã justiçado, morrendo passivamente.»

. . . Isto é da Havas. Morrer passivamente é de entupir!

Bem sei eu quem morrerá — atirando...

Estás lá, ó *malfeitor?!*

A fome alastra-se no Douro. E' pavoroso.

A proposito o *Diario de Noticias* reproduz hoje o seguinte:

«Tendo em attenção as urgencias do Estado, hei por bem declarar que da dotação que me compete, em virtude do meu contracto matrimonial, celebrado em Coburgo, no dia

1 de dezembro de 1835, faço cessão a favor do thesouro publico, como donativo espontaneo, da quantia de 15:000$000 réis, para ser deduzida na dita dotação, no anno economico de 1869-1870, nas prestações mensaes, como se tem praticado nos annos anteriores.

«O conselheiro Joaquim Rodrigues Chaves, meu secretario particular, assim o tenha entendido e faça constar na repartição competente.

«Paço das Necessidades, em 25 de janeiro de 1859. — Rei, D. Fernando.»

... Se eu tivesse a honra de ser amigo do sr. D. Manuel não deixaria de aconselhar-lhe — para os do Douro — coisa assim.

Mas *os amigos* de s. m. lembram me certos amigos de D. Carlos..

Olhem para isto:

«BELGRADO, 27. — O rei Pedro conde-

coron a rainha Helena de Italia, com a grã-cruz da Ordem de Santa Sava, cujas insignias o ministro da Servia em Roma entregará á agraciada com uma carta autographa do seu soberano.»

Este rei Pedro é, decerto, um protegido do 1.º distr. cr. do Porto... E' o que nos vale!

Louvando a caridade para com a Italia, accrescenta hoje *O Seculo*:

«Não occultaremos que é extremamente sensata a opinião dos que lastimam que nos esqueçamos dos que no Douro luctam com a fome e se veem cercados pela mais pavorosa das miserias. Chegam-nos de varios pontos do paiz cartas de leitores nossos que pertilham as considerações do sr. dr. Bebiano, publicadas no *Seculo*, ácerca da nossa caridade para com os Italianos do sul, que contrasta com o abandono, quasi

criminoso, a que votámos os habitantes da região duriense...»

... Assim! Assim!

Referindo-se á fome no Douro, diz no *Seculo* o informador A. M.:

«Em Sedielos quasi toda a gente anda de lucto: lucto de morte, lucto de fome, lucto de miseria.

— «Senhores que estaes no poder: — quando vos dignaes lançar sobre Sedielos olhares misericordiosos?

... Chama-se a isto — *perturbar a ordem publica!*

XI

No charco. D'ali consta ao *Mundo:*

—«Que o sr. Villena, apaixonado inimigo dos republicanos, como mostrou no Supremo Tribunal Administrativo, onde combateu o mais possivel a entrada de alguns vereadores republicanos na camara, não póde ser nunca um liberal.

—«Que, na sessão do Supremo Tribunal, perdeu a calma por tal fórma que, estando a presidir, disse ao sr. Abel de Andrade: —E' melhor gritar: Viva a republica.»

... Tenho muita pena.

Mais importantes casos:

Inicia-se, em Lisboa, um movimento de soccorro aos infelizes povos do Douro. E' *O Seculo* o iniciador: bem haja o poderoso

jornal! O seu collaborador A. M., que tanto se tem distinguido, narrando *o que por lá vae*, termina hoje a sua entrevista com desgraçados dos arredores de Ahjó, nos seguintes termos:

«Converso com alguns. Poucos sabem lêr, mas todos teem voto. Dão no a varios regedores do sitio, que só os procuram em dias de eleições. N'estes tempos de crise nem um só nos apparece, affirmam. Cada qual que se arrauje.

«Assim fazem tambem os grandes politicos. Pedem-se-lhes trabalhos publicos para os famintos, mas fazem convidos de mercador. O povo tem fome? Pois rebente.

«N'este paiz só elles podem engordar. E o povo já o sabe e já o vae dizendo a quem lhe falla do governo, que para elle está prestes a deixar de ser o tyranno implacavel, para se transformar n'um espantalho, com guizos e tudo.

— «O governo, replica-me um d'estes aldeãos esfomeados, para que serve isso?

— «Tem razão, homem. Sim, para que servem os governos em Portugal?»

Pergunta bem. Eu ia a responder-lhe agora, quando vi, á cóca, o *M. P. do 1.º districto*. Limito-me a repetir:

— Eu cá não fui!

A campanha de descredito contra Portugal prosegue no estrangeiro. Dos nossos *camellos* nada consta, em protestos: sabe-se apenas que recebem o ordenado — *e oxalá que só isso!*

Cá, na capital portugueza — foco do poder — moita!

XII

A proposito do projecto do monumento a Alexandre Herculano, pela camara municipal de Lisboa, diz o *Diario de Noticias*, após um estudo ácerca do historiador:

.....

«D'este rapido esboço, d'este lampejo de apreciação, fica bem patente quanto o organismo de Alexandre Herculano era diamantino, e, como diamante lapidado, apresentando diversas facetas, qual d'ellas mais luminosa e resplendente de scintillações. E, não obstante tudo isto, era um simples e um austero, e como tal o seu monumento deve representar e simbolisar todas estas faculdades poderosas.

«Se o monumento deixar de corresponder a esta soberana elevação intellectual e moral, se não traduzir a physionomia incorruptivel do moralista e do poeta, se o monumento fôr apenas uma banal ornamentação de praça ou de avenida, então o melhor será não pensar mais em o erigir.»

... Diz muito bem. E já agora, lembramo-nos do que se fez a Pinheiro Chagas e a que se refere no *Seculo*, com inteira justiça, o sr. José de Figueiredo:

«O ultimo concluido, o monumento a Pi-

nheiro Chagas, é dos mais infelizes, tanto na sua concepção, como na sua realização.

«Pinheiro Chagas não foi sobretudo, o auctor da *Morgadinha de Valflôr*. Essa peça, que obteve um justo exito, marcou, na epoca em que appareceu, mas não póde, de fórma alguma, ser considerada como o trabalho de maior brilho, nem o mais typico d'esse illustre homem de letiras, que foi, essencialmente, um orador e um polygrapho estupendo, e que, portanto, devia ter sido assim encarado. Mas, quando pudesse ainda haver duvidas sobre o que essa obra marca na individualidade do escriptor, essas duvidas deviam desapparecer, desde que se pensasse no que ha de antistetico n'essa sobreposição de almofadas, que é, afinal, o que dá, no costume feminino, a linha do *panier*, em que o sr. Costa Motta plasticisou essa creação de Pinheiro Chagas.

«Para mais, a acção da *Morgadinha*, passa-se em epoca em que, sendo a moda feminina, embora com atraso, importada então de França, é mais que provavel que se

tivesse já tambem simplificado muito entre nós, tendo-se, se não abandonado por completo pelo menos começado a abandonar o *panier*, por modas mais simples e, portanto, mais plasticas, modas que, no dizer de um escriptor da epoca, «ne visent qu'á mouler les formes et á les cacher le moins possible».

... Justo! Justo!
Cuidado! Cuidado!

XIII

E' já inutil insistir, aqui do lado, na urgencia em accudir aos do Douro. Mercê da iniciativa e mais acção do *Seculo*, adquiriu-se o impulso. Ainda bem.

Agora vejo eu, — a proposito de miseria, — duas noticias de opulencia. Que o papa fundou um asylo para 200 creanças — e que o thesouro da Sé de Lisboa vale 3 mil contos.

Estas prosperidades da egreja christã desconheceu-as Jesus. Se fosse rico, podia ter comprado a *lealdade* de Judas, e não lhe chamavam *doudo* varios *doutores na asneira e na sciencia burros.*

E' boa esta. Vem no *Diario de Noticias*:

«O imperador Guilherme da Allemanha resolveu conceder a medalha de honra, de ouro, aos veteranos da guerra franco-prussiana da Alsacia Lorena, que serviram sob a bandeira franceza.»

... Mandar condecorar o inimigo! Não lembrou a Alexandre, nem a Annibal, nem a Julio Cesar, nem a Napoleão!

Áquelle diabo...

Está alli o M. P. do 1.º distr. cr. do Porto — á cóca Toma, Thereza!

XIV

Não afrouxe o enthusiasmo, bemdito, de quem pensa em accudir aos desgraçados do Douro: não percam um momento, e, sobre tudo, não se fiem nos promettidos soccorros do governo! Tempo haveria para morrerem de fome os mais resistentes miseraveis — antes que taes soccorros passassem da escripta e das lérias — á realidade.

Mais depressa se *arranjaria* uma cavallariça dos régios paços!

*

Fazem-me pensar, as delongas officiaes em casos de urgencia, nos dizeres de um velho amigo meu a um ministro que lhe promettera merecida e urgente collocação:

—«Imagine v. ex.ª que eu escorreguei por um telhado e estou dependurado das telhas — de beiral — á altura de cinco andares. As forças esgotam-se me e eu oiço

v. ex.ª a discutir, lá em baixo, as vantagens da escada *Magirus*. Nem já tenho posses para o mandar bugiar!»

Sempre assim... Vão acudindo sempre!

Registe-se:

«PARIS, 5 — O *Courrier du Brésil*, alludindo ao facto do professor Tonnelat ter elogiado, na Sorbonne, o tratamento dado aos colonos no Brazil, diz o seguinte:

«A bondade, qualidade proverbial dos Portuguezes, é uma parte da herança que nos legaram.»

... Não se engrilem os egoistas, nem os cynicos: os canalhas não teem patria.

Oucam! Oucam! Vem no *Seculo*:

«ROMA, 5 — O delegado do Papa, na Ca-

labria e na Sicilia, conferenciou hoje com o presidente do conselho, sr. Giolitti, lamentando que as auctoridades locaes tenham difficultado a entrega das creanças orphãs que escaparam da catastrophe, á commissão de beneficencia, do Vaticano. O sr. Giolitti prometteu providenciar no sentido d'essas creanças não serem entregues a associações de ensino laico.»

E' para isto que *elles* acodem, — *elles* e *ellas!*

E o sr. Giolitti, — alma de *João Franco*, — ás ordens *d'elles* e *d'ellas*. Tóma!

Será, pois, preciso matar — para não ser morto, — como dizia *o muita parra e nenhuma uva*, ás ordens do rufião maluco e sanguinario?!

Certo que *elles* dão ao rabo!

Ellas tambem dão.

XV

Havia poucos dias que eu relera, em cres-

cente admiração, os dois primorosos livros de Catulle Mendés — *Mefistophela* e *Zó Har*, quando me chegou a noticia da morte do grande escriptor — esmagado por um comboio — como qualquer banqueiro, ou carregador: — «Muito mal feito está o mundo!» dizia-me Sarah Bernhardt, ao saber da morte de Souza Martins — que umas ostras de Veneza determinaram. Emfim, Deus o quer!

*

Em Portugal, matam-se, a tiro, *Camillo* e *Anthero do Quental*. Em França, morrem — *Curie*, atropellado por uma carroça; *Zola*, asfixiado pelo gaz; *Catulle*, esmagado por um comboio. Nem o genio, nem o saber, respeita a Fatalidade. Como hão-de respeital-os os imbecis?

Mal feito — tudo isto!

*

Sem obras primas realizadas, nem sequer

esboçadas, e sem direitos á admiração do meu proximo, vou eu, *chélif*, cahir nos 64 annos. Será a 14 d'abril, se lá chegar, Deus tal permitta: que ha n'este mundo — quem de mim precise. A vida não me tem sido, a bem dizer, deliciosa, se eu me lembro de faltas de conforto, material e moral, e de excessos de amargura, moral e material. Um inferno, com todas as legiões de diabos! Mas, comprehendo *la joie de vivre*.

Diz a minha creada Maria Candida—que eu hei-de viver cem annos. E' pouco, para os meus sonhos de macrobio...

Adiante!

A camara municipal de Lisboa continúa a obter e a merecer a execração de varios e numerosos coiros cabelludos — sem fallar dos carécas. Fique-se com esta: — Dize-me quem te odeia, dir-te-hei quem tu és.

XVI

N'um d'aquelles dias que mediaram entre as festas a João de Deus e a morte do grande poeta, encontrei eu, uma tarde, a contemplar a *montre* de um *bric-à-brac*, na rua da Escola Polytechnica, o auctor da *Heresta* e da *Marina*. Ao abeirar-me de João de Deus, olhou elle para mim, com ar succumbido, e disse-me:

—«Pobre, velho e doente: não ha nada mais ridiculo.»

Devia dizer: mais *doloroso*. *Ridiculo*, é aquelle litterato — rico, moço e com saude e alegria. Um baci-rabo vidrado e ageitadinho, — fóra o resto!

*

Lembrei-me agora do caso de João de Deus, ao ler n'um bom livro, recentemente escripto, ácerca de Camillo Castello Branco, que muitos safardanas, assaz tapados, cha-

velhudos na alma (?) e no corpo, exultaram, ao verem passar pelas ruas do Porto, caminho do cemiterio, o prestito funerario do homem de genio que é orgulho dos que sabem ler o Portuguez, — e que nasceram em Portugal — como *elle*.

Mais coices e escornadellas joviaes teriam dado esses animaes immundos, se tivessem, como eu, ouvido um ignobil trolha do concelho de Famalicão:

—«Mas é que já se lhe não fiava um kilo de assucar.»

... Fel — gratis!

*

Paz aos Menelaus e ás suas respeitaveis croias! O que importa aceitar, e acentuar — é que o escriptor publico tem de ser um *martyrisado a valer* — se do trabalho litterario especialmente vive, n'uma terra que á estatistica europeia offerece *80 a 90 p. c.* de analphabetos — com gaudio e animação de cima. Estabeleceu-se que o povo mais se

presta a *chau a canon*, quanto mais bestificado. E' um erro, que terá expiação no dia em que, á falta de *instrucção*, surgir a *percepção instinctiva*. Boas pégas de cara e sujos martyrios : ai ! dos especuladores !

*

No entanto, vão se aguentando, até final, os *raros apenas*. Os pansudos, — materia molle e mais molle e fetido criterio, — hão de evolucionar para o nicho tepido onde ha assucar e não ha fel — e ha, mais, uma pouca — para todos elles !

XVII

A esta hora o rei de Inglaterra abraça e beija o seu bom irmão, aliás sobrinho, Guilherme II, da Allemanha. E' enternecedor e expreme lagrimas — como duas cebolas cortadas para o refugado ! Acresce que assim o Inglez, como o Allemão, — ambos —

são nossos amigos provados, cheirados e sentidos. Parece que não fallo a sério, pois não ha coisa mais séria!

*

Outra. A entrevista, em Villa Viçosa, dos jovens D. Affonso XIII e D. Manuel II, tem dado rebate a torvas conjecturas — em Portugal e, quiçá, no paiz visinho. Creem os caturras que não será familiar, mas politica, a palestra dos dois mancebos. Eu acho que nada haverá mais familiar, mais *at home*, mais *pot au feu*. A presença da senhora D. Amelia — a rainha mãe em Portugal — é syntomatica. Quer dizer *ménage;* não se admittiria, em são criterio, que a sr.ª D. Amelia — que nem, sequer, é a esposa do reinante, — fosse, com o devido respeito, metter o bedelho em combinações politicas: para tal, pois que seriam internacionaes, lá estava *um Camello*, — sem offensa ao Metternich da Pesqueira — em Londres: terra de gaiteiros.

Demos, porém, de barato que de combinações politicas se tratava. Não vão os tempos propicios aos projectos contra a liberdade e os direitos dos povos — dado que de tal fosse capaz a reconhecida lealdade dos dois jovens monarchas da peninsula. Dolorosas recordações, além das imposições do caracter pessoal, embargariam veleidades imprudentes no espirito pouco mais de infantil de qualquer dos principes. Seria triste — e pueril.

*

A proposito: failou-se hontem muito na hypothese d'um tratado secreto, mediante o qual forneceriamos cem mil homens á Inglaterra e á França, no caso de guerra das duas potencias com a Allemanha. No tratado teriam posto mão o rei D. Carlos, o *malfeitor* que o desgraçou, e o Metternich da Pesqueira — por parte de Portugal. E' para rir tres semanas!

Boas contas fizeram os de cá e os de lá.

Cem mil homens, hein? Já ahi vão — cem mil raios que vos partam!

Emquanto, porém, os jovens soberanos se abraçam e beijam em terras do Alemtejo, são presos, em Lisboa, dois homens — porque estavam a olhar, na rua, para os fios telephonicos.

Estes diabos estão malucos de todo. Para egualarem o bandido da sinistra aventura, falta-lhes, porém, serem sanguinarios. Loucura mansa: tem-se visto através a Historia — com uns correctivos que não são mansos.

Quero viver — por curiosidade!

XVIII

Referindo-se á visita do joven Affonso XIII, diz *O Seculo*:

«Deve hoje chegar a Villa Viçosa o rei

de Hespanha, de visita ao rei de Portugal. Não tem essa entrevista caracter official, o que, todavia, não quer dizer que ella não possa ter intuitos politicos e de circumstancia.

«De todo o modo, o chefe do Estado da nação visinha encontrará em terras de Portugal a sympathia e o respeito a que tem direito, como representante d'esse paiz cavalheiresco e nobre, nosso irmão de raça e a que nos ligam os laços d'uma cordeal visinhança e de uma proveitosa reciprocidade de interesses.»

... Decerto. Até se diz, em Portugal:

—«De Hespanha, nem bom vento, nem bom casamento.»

Mas, admittindo certas hipotheses, accrescenta *O Seculo*:

«Fallou se em interesses de familia, como a causal da entrevista de Villa Viçosa. Mas

é hipothese que se tem de pôr de lado, visto como não seria facil descobrir relações de *interesses particulares* entre as duas casas reinantes da peninsula. Deveremos buscar a razão, que d'este modo falha, em interesses dynasticos, ou em allianças conducentes a impôrem á um dos povos um modo de ser politico que elle poderia não querer conservar?

«Ainda n'este ultimo caso a hipothese nos parece arriscada. Hoje, os pactos dos reis podem valer alguma coisa, e decerto valem, quando correspondem aos sentimentos dos povos. Mas entendimentos de reis, com desprezo do sentir das nações, não é, decerto, resolução que haja de se tomar na conta de coisa séria, n'estes tempos de liberdade e de democracia.»

... E' como eu hontem lhes disse. Deve estar certo.

Todos *elles* dispõem de nós — sem nos

consultarem. Lá vem um dia em que os povos tambem se dispõem — a dispôr.

E sem uma nesga de consulta.

Informam de Villa Viçosa que são alli grandes as precauções policiaes.

Não ha, pois, confiança no *amor do povo*?!

Consta ao *Diario de Noticias*:

«O ministro das obras publicas mandou elaborar o projecto de alargamento da bibliotheca da Universidade, melhoramento ha muito reclamado.»

... Largos dias tem cem annos.

XIX

E' no *Diario de Noticias* que eu vejo estampado o seguinte documento humano:

«POMBALINHO, 17 — Com a cooperação dos srs. Carlos Albano, Joaquim Gonçalves, José Antonio Nunes, Julio Barreiros, Sabino Duarte, Germano Souto, Manuel Martinho Gameiro, Antonio Augusto Motta e philarmonica do Pombalinho, effectuou-se hoje o bando precatorio a favor das victimas da catastrophe do sul da Italia.

«A's 3 e meia horas da tarde começou a percorrer-se as ruas do Pombalinho pela seguinte fórma: Rua do Campo, rua da Egreja, rua do Norte, largo da Egreja, rua de Baixo, pateo do Neto, Valle Verde, Santo Antonio, rua Nova e bairro Carvalho.

«Contado o dinheiro recebido, verificou-se que a grande vontade de soccorrer os desgraçados foi tal que, embora a crise de trabalho seja tão grande que ha mais de seis mezes o trabalhador rural não attinge salario superior a 200 réis diarios, ainda assim se reuniram 11$135 réis, que foram entregues ao regedor, para elle por sua vez os enviar para o sr. vigario geral.

«O prior d'esta freguezia não compare-

ceu, porque a esmola lhe não era sympathica e o sr. barão d'Almeirim offereceu aos cooperadores d'esta obra de caridade a quantia de 3$000 réis, com fim diverso, mas egualmente sympathico. S. ex.ª preveniu os srs Carlos Albano e Antonio Mota bem como os demais, que aquella importancia era exclusivamente para ser distribuida pelos pobres d'esta freguezia.»

. . . Permittam-me alterar a relação:

Apurou se a quantia de 11$135 reis, ridicula gotta d'agua no oceano philantropico, mas bastante para demonstrar a cegueira moral dos que deixam na medonha crise da fome centenares de patricios seus e vão dar os seus tostões ás longinquas terras, parodiando — miseros e mesquinhos — os grandes centros millionarios e tafues.

Protestaram, em seus modos diversos, o rev. prior, afastando se, e o sr. barão d'Almeirim — esmolando os pobres da freguezia. Boas, mas improficuas lições!

Discute-se com ancia quem foi o auctor da *Arte de furtar*.

Trata-se do livro e não da arte em si propria. D'aquelle dirão os eruditos. Da rica prenda foi um *senhor Ricardo* da antiguidade judenga.

Eu, na historia da tal arte — figuro como victima. Antes ausente!

XX

No *Glasgow Herald* vem uma correspondencia de Lisboa, na qual o auctor, inglez, extranha e deplora que a *ingratidão portugueza* tenha até hoje deixado de celebrar o auxilio da Inglaterra, na guerra peninsular. Queria monumento a Wellington, a Beresford, etc. E que até embirramos com taes amigos!

Está o *beef* a trocar sem dar por isso! A nossa *ingratidão* não perde de vista que a Inglaterra veiu cá *defender-se* de Napoleão e que nos sahiu ainda mais caro do

que os Francezes. Já não fallamos do que nos custou a saccudir taes hospedes. Pergunte-o o *beef* aos manes de Gomes Freire!

Ingratos nós — para com os Piratas! Ainda em cima, borrachão!

A' Portugueza. Vem no *Diario de Noticias*:

«Installou-se hontem a commissão ha dias nomeada pelo sr. ministro da marinha, de que é presidente o sr. conselheiro Adolpho Loureiro, para estudar o ante-projecto do capitão de engenheiros sr. Antonio dos Santos Viegas, para aproveitamento dos terrenos em que está estabelecido o actual Arsenal da Marinha e a sua mudança para a margem sul do Tejo.

«A commissão sub-dividiu-se em tres sub commissões: a primeira occupar-se-ha do projecto do arsenal sob o ponto de vista militar; a segunda sob o ponto de vista in-

dustrial e financeiro e a terceira para estudar o traçado da Avenida Marginal de Santa Apolonia a Belem e de uma linha ferrea que ligue aquelle ponto com a de Cascaes.

«Logo que as sub-commissões tenham concluidos os seus trabalhos serão estes apreciados pela grande commissão.»

... Deve ficar bom o casaco. Vae-se escolher o linho — para semear.

Falaremos no seculo XXX.

Diz o *New-York Herald*:

«As relações entre os gabinetes de Madrid e de Lisboa estão claramente indicadas no sentido de ambos tomarem medidas de vigilancia e de repressão sobre os inimigos da sociedade. Por outro lado, ha a considerar as relações amistosas dos dois monarchas com o rei Eduardo, tio de Affonso XIII, pelo casamento d'este soberano

com a princeza, hoje rainha de Hespanha. E, sendo Portugal o unico alliado da Inglaterra na Europa, comprehende-se perfeitamente que o rei Eduardo exerça a sua influencia pessoal tanto n'uma como n'outra côrte.»

... Os *inimigos da sociedade* — é muito vago: por exemplo, os inimigos de quem trabalha são — quem não faz nada. Agora foram presos, em Villa Viçosa, *por suspeitos*, dois homens que caçavam minhocas. Eram *inimigos da sociedade minhoca?*

Ou o americano inglez carregou lhe — na pinga?

Informam do Alemtejo, que as camaras do districto d'Evora foram hontem, a Villa Viçosa, cumprimentar o sr. D. Manuel.

... E D. Carlos, que Deus haja, a louvar os Alemtejanos, porque elles não eram para cortezias! Vão-se tornando *palatinos!*

XXI

Noticiaram o *Seculo* e o *Diario de Noticias*, que eu soubesse, o aggravamento dos meus incommodos physicos. E' certo. Coincide o facto, para mim doloroso e exhaustivo, com a chegada do periodo que eu mais exécro — no decorrer do anno: periodo em que um imbecil se julga no direito de injuriar e escourear e escornar — *para divertir-se!* Certo é que o Entrudo tem perdido em brutalidades materiaes, mas ganhou em porcaria *moral*. Já não atira, das janeilas, os alguidares rachados, mas pede, como cégo, para supposlos infortunios — com a forinheira enfarinhada, ou mascarada. O Carnaval é a cloaca da Philantropia.

Ora, de tal coincidencia — mau estado de saude e Mixordia á porta — resulta eu safar-me de Lisboa, até quarta feira de Cinzas, — se não houver *cousa de maior*. Vou-me até Collares, ou Praia das Maçãs, que para alli fica. Bons desejos de ir regalar-

me no Minho, a recordar-me, n'uma aldeia... mas vá lá eu transportar *la bête*, sem o risco de perder ossos, pelo caminho!

Que contas daria o pobre de mim — no dia da reunião das almas aos corpos?!

—Dia de Juizo! resmunga de lado aquelle idiota, espremendo risos e perdigotos,— em troça aos meus provaveis *absurdos*.

— Tudo hipotheses! Que sabemos nós, ó bebedo!?

*

Quer *um velho leitor* saber, afinal, de que eu soffro — physicamente — Eu lhe digo:

Chama-se o meu soffrimento *ataxia locomotriz*, vem do *tabes*. Sou um tabetico. O dr. Davilliares, n'um estudo ácerca do *elixir Zidal*, do dr. Omnes, pretende com o sabio Fournier, que o tabes é sempre de origem siphylitica. E' falso: posso jural-o. Charcot inclina-se para a perversão nervosa. A esta definição se refere, no bello livro *Camillo*, recentemente publicado no Porto, o sr.

Paulo Osorio, a proposito do gigante que escreveu *O Amor de Perdição*. E' o unico ponto de contacto que eu tenho com o grande homem: — o tabes. E creio que tal doença é, simplesmente, *um esgotamento, devido a faltas e a excessos*. Eu sei.

E' um *fraco* da espinhal medula, derivando-se, em mim, ás pernas: difficultando andar, por falta de cohesão. De resto, insensibilidade para a dôr.

Na rua, tem-me succedido rirem-se d'aquella difficuldade diversas boas almas, *quasi sempre mulheres*. E eu, que talvez ao amor que lhes consagro devo a maior parte do tabes!

Mais um *documento para a Historia*.

Nota. Diz *O Seculo*:

«Quando, por morte de Salmeron, foi a Madrid o sr. dr. Bernardino Machado, os republicanos d'alli quizeram prestar ao re-

presentante dos republicanos portuguezes uma homenagem calorosa da sua solidariedade. O sr. dr. Bernardino Machado esquivou-se a esses testemunhos de estima e de consideração, porque não quereria que da sua visita a Hespanha se tirassem conclusões politicas que não estavam no seu animo.

«Como Gambetta, o prestigioso republicano portuguez entendeu tambem que — *a republica não é artigo de exportação*.

«Seria crivel que o soberano de Portugal pudesse ter, mesmo na imminencia de um desastre dynastico, um procedimento diametralmente opposto ao do dr. Bernardino Machado e que no seu espirito se pudesse aninhar o pensamento reservado de que, se a nação se manifestasse um dia *contra elle*, poderia elle ir buscar o auxilio do estrangeiro *contra a nação*, que é afinal a sua patria e patria de nós todos?

«Porque isto nos não pareça de aceitar, logo de começo repellimos a hypothese de que, na entrevista de Villa Viçosa, se pu-

desse ter firmado qualquer entendimento de caracter dynastico, que tolhesse a liberdade e a independencia do povo portuguez.

«Inclinamo-nos a crêr, antes, que a tão discutida e fallada visita de Affonso XIII a Portugal não foi, d'esta vez, senão uma visita familiar e um testemunho, nada estranhavel, de sympathia pessoal.

«Mas se não foi, se houve mais do que isso — falle o governo!»

... Parece-me inutil que o governo se incommode. Os reis são bons e tudo se passou *em familia*.

XXII

Não sei porque, dei-me agora a recordar-me de uns dizeres do tragico Marinho da Cruz. Foi no dia da sua condemnação decisiva: no Tribunal Superior de Guerra e Marinha, por diversos tarimbeiros, somnolentos, e já perto da Morte. Eu dissera ao

desventurado: —«Perdemos!» E o Marinho da Cruz, sorridente:

—«Não chore! Todos nós perdemos: o caso é vivermos. Desde o paço real até ao casebre do proletario, tudo chora, ou tem porque. Veja lá: enfermidades,—parentes ou entes queridos em lucta com a desgraça,—difficuldades economicas,—desgostos domesticos,—*superiores* insolentes,—os egoistas, os traidores, os calumniadores: um inferno!»

Certo é que o horrivel consiste em haver nascido. O soffrimento nasceu com a sensibilidade,—assim, na ordem moral, como na ordem physica. Não ha *caridade* que chegue para tanta *miseria!* E uma tal combinação de factores diversos! Vejam isto:—na Turquia o feroz Abdul-Hamid manda exterminar Armenios: homens, mulheres e creanças—vinte mil mortos E' um horror! Vem d'alli a Santa Natureza, com o seu terramoto e cahe sobre a Italia: homens, mulheres e creanças—noventa ou cem mil

supprimidos. Feliz humanidade! Doce destino!

E ainda ha quem se mate e quem desfalleça! Não, que o doloroso abandono em que se encontra o homem, em frente da Fatalidade, só póde aterrar e annular os fracos de corações e de entendimento. Reagir, fitar firme as trévas, como a aguia o sol, — semear o exemplo da resistencia á desgraça — soltar o grito de guerra ao esmorecimento — é um doce e nobre dever. A alliança dos bons, dos fortes, dos dignos impõe-se a cada hora, contra as desditas da Fatalidade e contra o blóco dos estupidos e dos perversos!

*

Não sei porque — disse eu, ha pouco, ao começar. Sei. E' porque *um rapaz* me diz, ao termo de uma triste narrativa: — «Que me diz v., que é um eterno resistente?!»

— Vamos lá: isso é *tudo* e *nada* vale, meu querido neophito da Desventura!

XXIII

Demoro-me em Lisboa, no meu velho quarto da travessa da Palmeira — onde, ha 12 annos, trabalho, penso, recordo-me e espero... não sei bem o que, — demóro-me aqui, contando com força nova para sair. Deve vir hoje, por todo o dia: *não vae d'esta*. Por signal, é com energia e lucidez que eu me lembro *d'aquelle homem gordo*...

O qual, rico, por acaso do matrimonio, com saude e robustez de moço de fretes, entranhado na politica — como um burro no pasto, estupido como um vaqueiro, *não vive satisfeito* — o estuporinho! Elle não me consulta ácerca das origens e causas dos seus males; mas não é *aquelle homem gordo* que eu me dirijo.

Fallo d'elle, com uns *magros*...

*

Aos quaes explico:

Falta áquelle *desventurado* o gozo da pratica do Bem. Agora mesmo tenho eu aqui aberto um livro que eu estou relendo — admiravel trabalho de um superior mundial: — os *Contos do Natal*, de Ch. Dickens. E' no primeiro canto *(canto do Natal)* que releio:

«Nunca pessoa alguma lhe tomou o passo, na rua, para lhe perguntar: — «Como esta v. de saude, meu caro Stronge?» — «Quando é que v. apparece?» Nenhum mendigo lhe pedia soccorro, nenhuma creança lhe perguntou as horas. Ninguem viu, nunca, um homem, ou uma mulher, pedir a Stronge que lhe indicasse o caminho. Parecia reconhecel-o os proprios cães de cego; e, refugiando-se com os donos, nos portaes e nos becos, agitavam a cauda, em ar de assim dizerem: — «Meu pobre dono cego, mais vale não ter olhos do que vêr torto!»

Estão admirando o *homem*? Ouçam agora, no mesmo conto de Dickens, as palavras de um ex-socio d'aquelle *gordo*:

«Os negocios! O meu *negocio* devera ser a humanidade: o bem geral! Era a caridade, a misericordia, a tolerancia e a benevolencia: era esse o meu verdadeiro e desprezado *negocio*.»

Toda a obra litteraria do primeiro romancista de Inglaterra — possuidora de uma poderosa litteratura — é um grito de piedade pelos que soffrem, sem deixar de ser um conjuncto de obras primas. E bem o disse, conciso e eloquente o critico Taine, resumindo nas seguintes palavras, que attribue a Dickens, a obra do grande inglez:

«Sede bons e amae. Deixae aos sabios a sciencia, aos nobres o orgulho: compadecei-vos das miserias humildes; o ser mais pequenino e desprezado póde valer tanto, por si só, como milhares de seres podero-

sos e soberbos... Acreditae que a humanidade, a compaixão e o perdão são o que de mais bello existe no homem; crêde que a intimidade, as expansões, o enternecimento e as lagrimas são o que de mais doce existe na terra. Nada é o viver; pouco vale ser poderoso, sabio, illustre; não basta ser util. Só tem vivido e só é um homem aquelle que chorou ao lembrar-se de um beneficio que fez, ou de um beneficio que recebeu.»

*

... Até á volta!

XIV

Já agora, não sahirei de Lisboa. Tantos são *os outros* que d'aqui sahem fugindo ao Entrudo — que me parece a capital a terra portugueza mais livre d'elle.

Fico.

De nenhum modo á similhança dos ministerios que mais *ficam*, quanto mais abalados.

Fico, a valer — na travessa da Palmeira, 35, — como ha 22 annos a esta parte.

Desde que duramente me roubaram.

*

Fico, a ver as provas de um livro novo que a Parceria Pereira começou hoje a compôr.

E' o 63.º — em 40 annos

Mesmo assim — dado que eu morresse agora, — o que Deus não permitta, pelos que desejam o meu viver, — deixaria ficar *vinte mil paginas escriptas e publicadas.*

*

Revejo-me no meu trabálho. Eil-o. Contestem-me o que lhes parecer. Teem de deixar-me esta alegria: da evidencia da minha labuta.

Trabalhei e — já me esquecia — dediquei-me. Vou chegar ao fim da travessia, sem haver experimentado, ou posto em pratica, a covardia e a deslealdade. *Confiteor!*

Lê-se que o sr. D. Manuel, na festa ao Saldanha, apertou a mão a cada um dos vereadores de Lisboa, dizendo cortezmente, a cada um d'esses homens honrados, a quem se estorva ignobilmente o exercicio de uma administração honrada:

— «Estimei muito conhecel-o».

Não é natural que, aos 20 annos incompletos, o sr. D. Manuel *já conheça os homens.*

Nem aquelles, nem os outros.

Não é natural, mas é possivel.

E se assim é — se sua magestade *uns* e *outros* conhece, pela observação intelligente que applica aos factos, não dou parabens á sua mocidade — que tão deploraveis cousas encontra no inicio da vida e da missão.

Pobre creança, que ainda ha um anno— poucos dias mais — podia rir, despreoccupado e feliz quanto se póde sel-o, — e que hoje tem de desconfiar — principalmente de suppostos *amigos!*

Abuso, talvez, dos meus direitos — lamentando-o: dos meus direitos de velho, de luctador e de companheiro leal dos que soffrem. E' que se *póde estimar muito conhecer* um grupo de cidadãos dignos, mas a humanidade em regra... *não dá gosto conhecel-a.*

XXV

Dado que eu não amasse, como amo, a casa que ha 22 annos habito, na travessa da Palmeira, passaria agora, em fins d'abril de 1909, a querer-lhe extremosamente. Vem isto á conta do tremor de terra, que apavora Lisboa e arrazou Benavente — e mal se sentiu n'esta minha antecamara da Morte. Eu, velho nauta, com dura pratica

de rude travessia, prolongada e cheia de perigos, senti-me irritado ao ouvir os clamores da visinhança: attribui-os a demasias de pusilanimidade. Depois soube que o phenomeno só deixara em paz a minha morada, — a minha pobre casita.

Independente, pequena, leve e sem grosso mobiliario — assim escapou ás citações da chronica. Tambem, d'aqui só para o cemiterio!

*

O caso é que as desgraças de Benavente e de Salvaterra alliviaram os do governo — e estão robustecendo as instituições: é o sentir de boa parte dos Lusos, — d'aquella parte que não tem nada dentro e que puxuva e puxa para o *malfeitor*.

Já se não falla em inquerito ás *espreguiçices*, nem de Castilho no Transvaal, nem da tutela dos municipios, nem dos horrores financeiros, nem da combinação jesuitica-francacea; já não quebra carteiras o politico *Pancada na mola*; nem a Estatistica da tal

coisa marca *80 a 90 p. c.* Ditoso paiz! Propicios fados! Patusca sorte! Chiça!

XXVI

Escrevo, pois que será isto publicado já fóra da epoca immunda. Hoje, recolhido em casa—que não fosse o meu estado physico provocar, na rua, alguma escamadela, deime a relêr cartas de amigos *mortos*,— recebidas em sua vida, entenda-se. De uma que tem a data de 10—2—80 e a assiguatura *Camillo Castello Branco*, reproduzo esta passagem graciosa.

«Vinha com a sua carta outra — que devolvo. Faz-me este caso lembrar um galante equivoco. Minha filha, quando estava no convento da Ave-Maria, do Porto, um dia, mandou-me a carta que escrevera ao namoro, e mandou ao namoro a carta que escrevera ao pae. Eu devolvi-lh'a, e disse-lhe que não fizesse a sua correspondencia de um folego, para se não equivocar com os

destinatarios. Um dia d'estes me lembrava ella o caso, e tinha já ao pé de si uma menina que se ria da passagem.»

*

A qual passagem eu reproduzo sério, porque as palavras de Camillo são mais uma prova para a solução de um inventado problema, segundo o qual *ella não era sua filha*.

Adiante!

As sete cartas autographas de Camillo, que eu offereci ao *Seculo*, para os famintos do Douro, já teem o lanço de 6$200 (seis mil e duzentos réis). Uns 885 réis cada uma! Já se cobrem de moedas de 10 réis!

Hei de enviar para proximos futuros necessitados, *cartas de João Franco*. Essas, sim: devem despertar sensibilidade no intimo dos bibliophilos ricos...

Chiça!

No Barreiro, uma esposa atraiçoada matou a sua rival — que, sendo tambem casada, era duplamente adultera.

Acha o meu caro Alberto Bramão que o *divorcio* remediaria tudo? Talvez o creiam os de Cerva e de Mondim. Vou consultal-os.

Eu duvido.

Consternado pelo espectaculo, de numerosas e tremendas bebedeiras, a que se assiste em Lisboa, pergunta-me um viajante estrangeiro (italiano) se em Portugal se ignora o uso dos meios indicados pelos congressos para combater aquelle vicio ignobil.

Respondo, por exemplo:

Está impresso no Relatorio official do Congresso de S. Petersburgo, em 1890, — Relatorio que sahiu da Imprensa Nacional em Lisboa, — o seguinte extracto de uma sessão:

«Quaes são os meios para melhor combater o abuso das bebidas alcoolicas?

«Este quesito não foi apresentado ao congresso *in pleno*, mas constituiu apenas objecto de uma discussão não muito prolongada no seio da terceira secção. Um dos poucos oradores, que tomaram a palavra sobre o assumpto, insistiu sobre a extrema utilidade das cosinhas economicas publicas, que deveriam ser consideradas como pequenas casas de pasto rusticas, proprias para serem frequentadas pelos aperarios pobres e de bons costumes. Graças a estabelecimentos d'esta natureza, a alimentação regular, em parte constituida pela carne, passaria a ser habitual para o maior numero, e poderia assim mais facilmente ser evitado o perigo das libações excessivas, que predispõem para os crimes.»

... Fôi ao poder, em Portugal, um reformador, que produziu uma *lei do descanço ao domingo*. Segundo elle, o carvoeiro é obrigado a descançar da venda de carvão, mas póde trabalhar — fornecendo vinho e aguardente ao povo.

A'cerca das cosinhas economicas, — servem para toda a especie de gente, incluindo os amadores da pinga — que lá vão *fazer bocca*.

O reformador chamou-se João Franco — sinistro maluco. Os outros... deixam correr.

XXVII

Leio e releio, no *Seculo* d'hontem, a lamentavel resenha do que nos falta e do que nos sobra — para nos podermos equilibrar como nação independente. O que nos sobra em peccados mortaes e o que nos falta em virtudes contrarias é X para desfallecer como se, na parede, alli junto á meza do brodio, surgissem, a côr de pulga, os caracteres do festim de Balthazar, ou o retrato do *João Franco*, ou o *susto* do levita de Santa Cóca! E' de tremer!

Simultaneamente, lê-se e relê-se a descripção do que se disse, hontem, na reunião da maioria, no ministerio do reino. Não

ha que anotar — por partes. Tudo — em globo — representa a *certeza absoluta* de *que não nos salvamos* — e de que ninguem pensa em similhante coisa. Ouçam-n'os a um por um — aos que falaram, — e *ouçam* os que ficaram calados... Estamos no fim!

E' o horror da chateza!

*

Da intervenção do povo? Tão esmeradamente o habilitaram á razão de *80 a 90 p. c.*, a olhar firme e direito pelos seus destinos, que as palavras do sr. conde de Bretiandos, na tal reunião, tem um cunho sinistro. Disse s. ex.ª — *que lhe parece que tudo acabará em bem...*

Tambem me quer parecer — que bem *acabará tudo!*

XXVIII

Noticias do terrivel *Vasco da Gama*, ostreira couraçada e rheumatica, em viagem

sobre o Extremo Oriente — com maus fins, — informam-nos de que o medonho *tem-te, não caias!* encalhou em Singapura. Vingou safar-se do encalhe, mas entrou na doca — para limpezas. Sorte egual, ou algo parecida já teve o *D. Amelia (?)*, outro que levava d'olho os Chinezes. São capazes de se rir — os homens do rabicho!

Certo é que estão bem vingadas as victimas do nosso poderio assolador, dos bons tempos das Descobertas e Conquistas!

Parece certo — que tudo se paga n'este mundo.

O governo premedita um novo emprestimo.

De quando em quando, diz-me Tiberio, zombeteiro e cynico:

— «Mais dia, menos dia, temos catastrophe *a italiana*, e tudo se liquida. Descance!»

Supponho que as catastrophes fogem de nós. Teem medo do *prégo!*

O *Seculo* informando e commentando:

«Não vimos, já na *monarchia nova*, mezes depois de uma violenta campanha contra a dictadura e mal repostos os animos da surpreza tragica do Terreiro do Paço, os *recursos velhos das chapeladas*, typo Peral e Azambuja, na confissão de alguns dos proprios partidos affectos ao regimen?

«Agora apparece aperrado contra o eleitorado de Lisboa o velho bacamarte do recenseamento.

«Contam-se por milhares os eleitores riscados dos cadernos eleitoraes; e, para que não possam restar duvidas sobre as intenções d'esses córtes, apura-se que os sacrificados são, *na totalidade*, republicanos.

«Que se pretende com estes repugnantes attentados aos direitos dos cidadãos? Impedir a representação parlamentar ao partido adverso ás instituições?»

Dissesse eu o que a minha alma sente,

e teria logo á perna o *M. P. do 1.º districto, do Porto*. Sume-te, mafarrico!

XXIX

Alguns jornaes francezes censuram o publico do theatro de S. Carlos, de Lisboa, o qual publico festejou alli o Entrudo á laia do publico da Mouraria, n'um barracão theatral. Ora, todos nós podemos vêr nos livros e nas chronicas de Paris, ha muitos annos, protestos e lamurias — porque a velha *cortezia franceza* já não existe, havendo sido substituida por uma grosseria de gallegos endinheirados, ou de *parvendus* sem nacionalidade. Em taes condições, desatarem os de Paris a vociferar contra os de Lisboa, o mesmo é que Portugal a troçar da civilisação de Marrocos. Antes parece *rivalidade* do que differença de pontos de vista e de processos. Abobora para os *messieurs!*

Quem berra a esta hora, com justiça, são os populares de Lisboa — tão verberados

pelas *camadas finas*, á conta da sua má educação. Aquillo em S. Carlos foi ignobil e já nos ultimos annos, anteriores, tinha sido repugnante — vindo de muito alto o exemplo. Certo é que durante as noites do Entrudo foi impossivel pregar olho em Lisboa: tal era o vozear dos bebados, pelas ruas! O que se apura é que *tudo isto* prima pela má creação, a ponto de, no Entrudo e fóra d'elle, ser difficil acompanhar em publico uma senhora, sem provocar conflictos com representantes da nobreza, clero e povo! Parece que o *espirito do João Franco* inspira esta sociedade, com uma differença: menos sangue e mais vinho!

Chegados somos ao ponto de a todos os dotes e qualidades apreciaveis, preferir-se, pela raridade, nos dominios do são juizo, a *boa educação*. Dizia-se outr'ora: — «E' cortez, mas só isso. Falta-lhe lealdade, intelligencia, etc.» Diz-se hoje: — «Tem muitas prendas, mas é muito réles, muito besta.» Quer dizer: abaixo de tudo!

*

E quando o *bruto* enverga sobrecasaca e tapa com um chapéu alto a caixa dos... pensamentos? Ao largo,— que elle morde e atira!

XXX

Acabou-se a Mixordia annual. Voltamos á de cada dia. Em referencia áquelle, vejo no *Seculo* de hoje umas reflexões, do sr. dr. Samuel Maia, que se me impõem á transcripção.

Diz assim o publicista:

«A toda a gente que tem o habito de observar o que á roda de si, n'este mundo se passa, causa uma grande estranheza a falta de alegria d'este povo.

«Não se póde encontrar a razão do facto n'um fundo caracteristico da raça, visto a concepcão da raça modernamente não cor-

responder a nada de concreto e ser pouco mais de uma noção theorica, sem base segura, sobre tudo dentro da Europa.

«O portuguez, anthropologicamente, não differe do hespanhol, nem de qualquer povo latino, germanico ou anglo-saxonio, por caracteres marcados por uma sciencia séria. N'esta faixa de terreno que habitamos ha homens eguaes aos do resto do mundo culto, nem melhores, nem peores, nem differindo, quanto a material de construcção, dos nascidos na Escossia, na Seine-et-Oise, no Wurtemberg, ou na Toscana.

«Mas o facto é que, se observamos uma multidão em qualquer d'estas regiões, lhe notamos differenças muito sensiveis ao approximal-as de uma multidão de Lisboa.

«Nas outras ha um desejo de movimento, uma expansão de vida, um fogo de enthusiasmo e uma liberdade na manifestação de estados de alma, que a nossa não revela.

«Este Carnaval, com as ruas cheias de caras sérias, mais parecendo traduzirem cruciantes desgostos intimos que desejos

de foliar, só é possivel em Portugal. Em parte nenhuma se poderia encontrar na estricta disposição de se divertir esse rebanho escanzelado, de braços á dependura, a cara riscada de vermelhão, velando a palidez terrosa, e tristes como se acompanhassem um enterro. E os desengonçados da rua não differem dos observadores da janella. Todos se movem a medo e parecem desconfiar do visinho; o pelintra e o burguez, o peralta e andrajoso egualam-se na molleza dos movimentos, na frieza e frouxa energia das expansões.»

... Está certo. Agora vamos a vêr o parlamento. Já se percebe o cheiro!

Na ha causa *perdida* que o não mereça.

Convencido de que a Turquia — *l'homme malade* — estava irremediavelmente condemnada, escrevia-me em 1876, Emilio de Girardin, referindo-se á minha *Questão do*

Oriente, que eu lhe dedicara e na qual brochura eu defendia os Turcos:

— «Merci. Ne défendez jámais une cause perdue»...

XXXI

José Joaquim Ferreira Lobo, sepultado agora, era duplamente meu collega: como jornalista e como funccionario. Nunca nos encontrámos na imprensa, porque eram muito differentes e afastados os nossos dominios. Onde elle se me deparou muitas vezes foi no seu Tribunal de Contas, indo eu ali procural-o, para facilidade de serviço burocratico; foi nas visinhanças materiaes, ou moraes, da Casa de Correcção, de que sempre foi amigo dedicado aquelle hospede de Caxias durante o verão de muitos annos; foi em Laveiras, onde mourejava pela instrucção do povo e pelo culto religioso; e foi sempre e em todos os pontos onde eu procurei, para a palestra leal, aquelle ho-

mem intelligente, instruido, sensato, honesto e trabalhador.

Sendo muito ponderado e de conselho sisudo, era jovial no trato. Foi durante a epoca do *franquismo* que elle me disse e repetiu: — «V. aggravou a minha tristeza, com a sua taciturnidade. Estou quasi a dizer-lhe que não appareça, senão quando desapparecer *João Franco*. Hein?»

E assim foi, nos ultimos dois ou tres mezes da sinistra aventura. Quando me tornou a vêr, tendo-se expatriado o ridiculo monstro, disse-me, entre sério e risonho, F. Lobo:

—«Deus queira que o sangue derramado sirva ao menos para chamar tudo á ordem!»

Havia dolorosa prophecia n'aquella duvida.

*

Sinto profundamente a morte de Ferreira Lobo. E não vou acompanhal-o — porque só tenho forças para fazer estudos

de *toilette* final. Hei-de ir bonito, pela primeira e ultima vez!

Em 25 de Setembro de 1907, escrevi eu á *Voz Publica:*

Do sr. Antonio Cabral em «interwiew» com um redactor d'*O Mundo*:

—«Não sei qual governo succederá, no poder ao actual. Qualquer que seja, é minha opinião no entanto que a despeito de não haver lei de responsabilidade ministerial, se deve proceder criminalmente contra o sr. João Franco e collegas.»

... Ainda não prescreveu coisa alguma. O sr. Antonio Cabral é hoje *governo*. A despeito de não haver lei de responsabilidade criminal, deve-se esperar que não prevaleça a *irresponsabilidade*...

Sim, ou sopas?!

XXXII

Recebo agora o discurso proferido em 12 d'agosto de 1908, na camara dos deputados, por J. M. de Queiroz Vellozo. E' o auctor d'esse trabalho quem m'o remette. Agradeço ao meu velho e affectuoso camarada.

Trata-se da situação financeira do paiz. E' de arripiar dois semi carecas: o auctor do discurso — e eu. Já sei! Dois terços do rendimento, absorvidos pelas dividas. E os emprestimos augmentando: ainda hoje.

— Para onde vamos?

— Quem nos empurrou?

A' primeira:

— Eu cá não sei.

A' segunda:

— Eu cá não fui.

*

... Mas, que malandragem!

E incontricta!

E descarada!
E... tira o dedo do nariz, ó contribuinte!
— *Ça ne marche pas* — dizia o outro.
— *Mais oui: sur des roulettes!*

Dizia-me, ha tempos, um dos nossos homens de governo:

—«Está v., com tantos outros, a quebrar a cabeça, porque o orçamento de tal instituição não permitte que se realise o que ella precisa. Permitte tal! O caso é saber *estendel-o*. Entre nós, nem o Estado, nem os individuos, em regra, tem orçamento equilibrado. Eu, que me préso de ponderado, gasto mais do que ganho. Em tudo se póde fazer o mesmo.»

Á fallar a verdade... mas por taes principios é que se chega, ás vezes, á Penitenciaria.

E' verdade que tambem se póde *estender* a lei!

Murinello (synonimo de *Fajardo*): voc. pop., designando um typo amalandrado, descaradissimo e protegido pelo cynismo e falta de senso moral dos contemporaneos.

XXXIII

I

A' combien l'amour revient aux vieillards: —«quanto custa o amor aos velhos». — E' o titulo de uma das obras anatomicas de Balzac.

Custa caro; custa *tudo* e o resto. Nem eu sei explicar lhes, se não são velhos..

II

Contava-me, ha dias, o meu *velho* amigo A. S.:

— Tinha eu ido de Villa Fernando a Badajoz, com um amigo, homem de seus 40 annos, bem parecido de trinta. Encontrámos

na ponte do Guadiana uma hespanhola, catita, que me fez crescer agua na bocca. Olhei para o meu *joven* companheiro, e disse-lhe alto, indicando-lhe a mulher:

— *Que guapa!*

E ella parou, mediu-me d'alto a baixo, olhou para o meu *joven* amigo, e disse-lhe, indicando-me:

— *Que barbaridad!*

III

Dizia o *Castello Melhor* — de ha 40 annos:

— «Os thesouros todos, da Terra, não chegam para comprar a *sinceridade* de qualquer mulher.»

Parece certo, mas tem mais que se lhe diga.

A proposito, me diz alli *um do meu tempo*:

IV

— «Tenho 60 annos; tenho tido vinte aman-

tes, mais ou menos finas e intelligentes. Nenhuma me foi fiel; posso dizel-o agora, *que se acabou.*

«Todas me consideravam distincto. Pois só fui trahido com as fézes sociaes — parvos, ridiculos e canalhas, pelintras e chulos!...»

Falou com cabeça... ôcca. Eu lhe digo:

Accusam-me aquelles safados — de perdoar de mais, principalmente a Mulheres.

E' que eu abomino os processos ainda hoje seguidos no julgamento do Crime, pelos ferro-velhos da Jurisprudencia: — «Matou; logo, morra.» Não póde ser, piolhosos

A Mulher peccou. Vamos lá a correr o rosario das atenuantes: — Não tem *suite*, — não tem *tenue*, — é filha de medonhos patifes, — tem tido más companhias, desde a infancia, — não tem encontrado affeições sinceras. . Não ponha mais na carta!

Que rosas sahirão de tal confusão de cardos?

Vencer a Natureza? Bem sabem que o

ideal do que estuda consiste em aproveitar-lhe as forças, encaminhando a direcção d'ellas.

Por tudo isto...

V

Razão tinha o velho principe russo de *Roman d'un Capucin*, do Murger :

—«Sou riquissimo; vou casar com uma pobre de Christo. Está no meu programma — *ser corno*. Hei de sel-o, e, senão, terei o grande desgosto de um homem que vê *falhar* o seu programma.»

VI

Pensamento *fixo* da Mulher :

—«E' veiho : logo, o que pede é que o enganem bem».

Tudo que é *fixo* está errado. Ha homens que quanto mais a idade os curva — phisi-

camente,—mais se endireitam moralmente. A verdade é *evolutiva*.

VII

Henrique III, o Valois: —foi muito atraiçoado, mas nunca ninguem o enganou.

E' bem dito, pelo Alexandre Dumas, pae; mas esqueceu-lhe dizer que o Henrique *não tinha coração*.

E' *o dó* que mantém n'um apparente engano. A's vezes.

VIII

De Camillo Castello Branco;—«Ha gente que torna infame quem lhe faz bem.» Está errado.

Valerá pouco procurar o certo.

Deus vê tudo, e mexe-se...

IX

Em regra, uma velha ao pé de uma nova transmitte-lhe *sequidão*, ou *podridão*.

.....

XXXIV

Esta manhã, ás 6 horas, ao erguer-me do leito solitario e casto, ouvi um mixto de sons varios, de tom alegre, taes como — foguetorio, vivas á independencia, bimbalhada de sinos, latidos de cão pardo do quintal da *Formiga*, etc.

Celebrava se o *1.º de dezembro*, aquillo do *D. Jayme:*

Era o mez de dezembro. Emfim, desperto,
Depois de sessenta annos de lethargo,
.....

Depois, volvidos estes 269 annos, é o que se tem visto. Até os gallegos da esquina *pensam* em invasão.

Que a pensar já morreu o outro...

Adeante!

*

Escrevo ás escuras,—não falo da escuridão cerebral, mas da escuridão do tempo

São 10 horas da manhã; chove a cantaros e parece noite. Pondera-me d'ali e philosopho Tiberio:

— Olhe você que o *1.º de dezembro* despontou alegre e risonho...

— E gaiteiro!

— E gaiteiro. Horas depois é o que se vê...

— O que se não vê!

—«Ou isso. Não estará ahi o dedo da Providencia?»

... Bem se importa ella comnosco — a Providencia!

Tem sido muito apreciada — bemdita e louvada — a composição poetica do padre Gaspar Roriz, de Guimarães: o *Hymno Nacional*. Principalmente este chorudo naco:

«Surja altiva a nossa historia
N'este tão faustoso dia!
Cante o povo hymnos de gloria
No berço da monarchia. (Bis)»

Zurre no berço a ralé! E *bis* e *tris*, phantástico levita!

Que até póde cahir um raio, sobre um tal odre de sandices!

A' vida!

XXXV

Vejam isto nos jornaes, secção de annuncios. E' symptomatico:

«O caso da quinta da Formiga

«O abaixo assignado, tendo ficado por fiador no tribunal da Boa Hora, de João Maria, caseiro da quinta da Formiga, o qual se ausentou para parte incerta, pede ás pessoas ou auctoridades que no caso de o vêrem que o prendam, ou indiquem o logar onde se encontra. E' alto, magro, trigueiro e tem bigode preto, regular. Darei gratifi-

cação seja á quem fôr que indique o seu paradeiro.

«Portella de Carnaxide, 6 e 7.

«*Antonio Ramos Moura.*»

... Eu encontro, todos os dias, um typo assim: não é outro; estou resolvido a avisal-o, para que se safe. Póde ir para a Servia, ou para o Montenegro — onde já cheira a esturro.

Porque, em verdade, é revoltante que o sr. *Ramos* afiançasse um repugnante mariola, como aquelle *João Maria*, e venha agora lamuriar — porque o mariola, completo, lhe passa o pé! Depois de desmoralisar a opinião publica, protegendo o pulha, mais a desmoralisa — propondo-lhe que o denuncie! Mas, é tudo, decerto, força de inconsciencia!

Em tudo, até nas minudencias da vida social, se está revelando o *estado moral* do nosso meio. Vae de cachapuz!

Prevejo grave entalação, a soffrer brevemente, por parte do *santo imperio apostolico*: a incorrigivel liberticida Austria-Hungria.

Chegue-se-lhe!

*

Lá vamos para a China e que a Divina Providencia nos não prive da sua graça! Oxalá que não seja em lombada portugueza que o Celeste imperio prove a mão — contra os Europeus!

Corre que vae outra vez para o Rio de Janeiro o monstro diplomatico que é do grego *kamelos;* do hebraico *kamal;* do latim *lampetra;* de *lambere petra*: — que, *camello*, tem gibas sobre o dorso, e *lampreia*, lambe a pedra e o mais que Deus é servido.

Pois é esse monstro de camellice e de cyclostomia que volta a represetar nos no Rio?! Estamos com sorte!

XXXVI

Informa o dr. William Halt, um redactor do jornal americano *The World*, que ha pouco *entrevistou* Guilherme II, da Allemanha, — que o Cesar em cuecas, grande homem á face da Madureza e Caligula por vocação. — é assás, ou demasiado inconveniente, depois de jantar, pondo então a descoberto os sentimentos e a telha.

Por outra, Cesar da Madureza carrega nos trópos — até lhes tocar com o dedo! Pessima orientação, que não attende a terriveis precedentes!

Citarei apenas, aos meus amigos de Cerva e de Mondim, mais ao sr. José Novaes — o caso de Alexandre Magno, que as tomava *muito profetas* — como o tenente das Lamellas. Presa de grande carraspana, o conquistador da India coseu a punhaladas o seu amigo Clyto. E não esqueça o mais cauto Trajano — que dera ordem formal para se não fazer caso do que elle ordenasse depois de jantar.

.....

Quem sabe qual é o numero de sandices e de atrocidades dictadas pelos abusos da pinga? Até um maduro resvala á podridão!

Eu já investiguei se o *malfeitor* lhe atiçava. Não consta. Era bruto e perverso, sem mistura...

Pobre Guilherme II e pobre Allemanha, que o está soffrendo!

Já fiz notar, nas estações competentes e indifferentes — que os monumentos de D. José I e de Camões estão, sem vigilancia, expostos ás immundicies todas — dos malandros que se lhes espojam nos degraus, ao passo que o de Eça de Queiros é policiado a toda a hora do dia e da noite.

Certamente o Eça valia mais que o D. José e que todos os Braganças, mas como *cantor das nossas glorias* valeu menos que o Camões.

Foi sempre feliz — na vida e, até hoje, na morte. Não lhe faltou a votação parla-

mentar de uma pensão, vitalicia, choruda, para a familia — que póde disfructal-a no Estoril. Só uma nuvem passou pelo seu cadaver; estava cheia de asneiras, escriptas e falladas, para elle se rir—depois de morto: feliz até com as nuvens!

E o *martyrisado* — o comido—o unico— o zé esfolado — a pagar a pensão, votada pelos *gouvarinhos!*

Emfim, embargue-se, pelo menos, a porcaria nos monumentos dos outros!

Está impresso:

«François Haussey:

«E' o pseudonymo d'um homem que ha poucos annos deu muito que falar pelo mundo: Frederico Humberto, o esposo da celebre madame Humberto. Agora, precisando ganhar a vida e sustentar a familia, — a noticia vem no *Figaro* —, expõe qua-

dros o oleo, paizagem, a vêr se lh'os compram.

«Pcbre naufrago da vida!»

... Ainda havemos de vêr exposto, n'uma jaula, o nosso *malfeitor*.

Pobre naufrago da pouca vergonha!

Escreve-me um ratão, que assigna *Murinello*, perguntando-me que ha, a respeito de uns cortadores de talho, que roubam, garantidos, os freguezes e que, sendo politicos, teem modo de evitar campanhas de moralidade.

E commenta o *Murinello*:

—«Então só eu e os meus protectores é que somos moinantes e meliantes?!»

Não, egregio successor do famigerado *Fajardo!* Diga de lá, com provas—pelo menos, tão claras oomo as que o tornam es-

curo—os nomes dos taes cortadores ladrões e politicos e diga-me qual é a politica que os protege. Verá como ellas mordem—nos outros coiros! Olé!

XXXVII

Haverá uns 50 annos ia por minha casa, uma fabrica de estamparia á Ponte Nova, na margem da Ribeira d'Alcantara—fabrica muito conhecida pelos do Porto—um certo casal de que eu me estou lembrando, com uma certa saudade: era o rei D. Pedro V acompanhado da rainha D. Estephania, sua mulher. Meu pae, velho e intransigente miguelista, não desgostava do monarcha e da sua palestra judiciosa e affavel. E D. Pedro V justificava-lhe a sympathia — inquirindo das necessidades da industria e dos processos d'ella. Foi justamente á intervenção do rei, junto ao ministro Antonio José d'Avila, por solicitações de meu pae, que

se deveu a introducção, por aquella epoca, do *drawbach* na legislação aduaneira.

Quando D. Pedro V falleceu, diversos industriaes desataram a convidar o successor, D. Luiz, a ir visitar as fabricas. Foi lá o convidado, umas vezes, mas não era a mesma coisa. Longe d'isso!

Ia D. Pedro V a pé, descendo das Necessidades á Ponte Nova, por um caminho de atalho, levando pelo braço a rainha; era acolhido como amigo e interessava-se a valer pelo que ia vendo. D. Luiz ia em soberba equipagem, com uns titulares palatinos; era recebido com musica e foguetes; mal olhava para *tudo aquillo;* safava-se aborrecido e não voltava. Naturalmente, ia dando ao diabo os causticadores, e pagavam-lhes elles em affecto egual. Decididamente, não não era coisa parecida!

Já lá vão uns 30 annos. Só eu sobrevivo — para recordar-me, com certa saudade, e para confrontar, com um sentimento que não digo...

XXXVIII

Aqui temos nós um assumpto, já controvertido e que ficará em controversia, ou não ha costumes fixos n'este paiz. Ha, e inalteraveis. Repita-se aquillo do Litré—«Não se modifica com uma lei o cerebro d'um povo.»

Eis o *caso*, nos dizeres do *Jornal do Commercio*, de Lisboa:

«Esse desvario, com que uma imprensa, que tudo explora, anda ahi transformando as suas columnas em galeria photographica de malandros, n'uma lisonja inconsciente ou infame aos baixos instinctos da multidão ignara, acaba de receber d'alto a lição que merece, caso lhe penetrem na razão interesseira os motivos redemptores do parlamento francez.

E' espantoso o que se faz e mais d'espantar ainda o silencio baixo—como que de pantano estagnado—dos resto da imprensa

nacional, que se não ergue em protesto indignado contra essa glorificação diaria dos criminosos, favoravel como nenhuma outra ao contagio, ao incitamento, á perversão, n'um povo que vive sobretudo sem luz, sem conforto e sem exemplos do alto.

Bem sabemos que, só por si, a censura da opinião, a revolta dos bons, e a repulsa dos dignos não bastam. Ha annos o provou. Tarde, na sua *Philosophie Penale*.

Mas nem por isso a razão esclarecida deve cahir no pendor contrario, de suppôr que a publicidade do crime é favoravel á sua repressão. As baixas mentalidades, os subalternos, os tarados, os predispostos, os mal alimentados, os ignorantes, os maus, os desgraçados, os desilludidos, os abandonados —uma legião!—vêem, elles e os seus parentes, amigos e admiradores, uma aureola n'essa publicidade. Sahiram do negro abysmo fundo, em que escabujam, para a grande luz da vida publica! Elles, que de todos viviam ignorados, passaram a ser de todos conhecidos! Elles, que nunca viram um re-

trato seu, acham-se de repente photographados e expostos a toda a gente!

Que honra para a familia! Que orgulho para o desvairado! Que medonho deslumbramento para outras mil e mil almas torvas, que vegetam como larvas nos monturos sociaes!

Verdade é que uma ou outra rara voz— Silva Pinto á frente—se ergue corajosamente contra o desvario. Em vão, é certo.»

... E' assim: mas insistirei.

Para a Historia.

*

A pasta da marin a já tem sido prometida a tres *Gouvarinhos* regeneradoaes.

Coitados! Lembra aquillo de Edmond About, á hora da morte:

—«Offereceram me tudo, acceitei tudo e não me deram nada!»

XXXIX

Haverá uns 25 annos, redigia brusca e bravamente, em Lisboa, uma folha diaria politica—o jornalista Eduardo Tavares. Chamava-se o diario *O Espectro da Granja*, e aggredia especialmente, os progressistas e cujo chefe era Anselmo José Braancamp. O *Espectro da Granja* passou um dia a chamar se *Instituições* e mantinha o férvido culto das mimosas. Passei hontem um numero pelos olhos: parece escripto hoje—e para os de hoje. Vejam isto—de ha 25 annos:

—«Abre-se e fecha-se o parlamento sem que d'elle saia uma medida salvadora!

«Tributos, mais tributos, sempre tributos!

«Tratados, *tratados*, syndicatos!

«E as despezas a crescerem!

«E o *deficit* a engordar!

«E a miseria a bater á porta de muitas classes infelizes!

«E os generos a encarecerem! E as rendas das casas a subirem! E o povo a pagar mais, sem ganhar mais!

«E o contrabando a innundar o paiz!

«E o phyloxera a devastar regiões viticulas das mais ricas!

«E' de tudo isto que resulta o *mau estar* que leva o povo desesperado a desejar mudança na fórma de governo; sim, porque, por mais pacifico que seja um povo, por menos exigente que seja, elle não póde contentar-se nem com um decreto que prohibe só em certos pontos do paiz a cultura do arroz, o que importa para elle a necessidade de o comprar no estrangeiro e conseguintemente mais caro, nem com outro que regula as condecorações a subditos estrangeiros!

«Além dos impostos geraes, pesam sobre o povo os municipaes, agora aggravados com a despeza da instrucção. *(sic)*.

«A situação do contribuinte é em verda-

de angustiosa. *Homens de prestimo*, acudi-lhe! Fitae a sua desgraça, e sède patriotas, sacrificando-lhe as vossas veleidades e os vossos resentimentos!»

... Ha 25 annos. Os *homens de prestimo* acudiram com gana, e é o que se vê. Se não resam por nós o *bispo de Beja*, mais os *priores da Guia e da Luxuria*—lá se escangalha a reinadura,—como diz o *Herodes de Germalde!*

XL

Hoje, *um interessado em coisas tristes*, escreve-me, a perguntar-me se, na qualidade de director da Casa de Correcção de Lisboa, eu, alguma vez, em bons tempos de actividade profissional, pensei na necessidade de proceder á *detatuagem* nos menores marcados pelo meio infamante usado nos centros do crime.

Respondo:

Inutilmente pensei.—A *detatuagem* é, reconhecidamente, impossivel. Já no congres-

so de Anthropologia Criminal, de Genebra, em 1895, — a que por vezes me tenho referido e de que foi relator portuguez o nosso illustre e mallogrado dr. Ferraz de Macedo, se discutiu terminantemente o assumpto

Foi ali que o congressista Berillon, medico dos asylos de alienados, em Paris, assim levantou a questão.

«A nossa communicação dirigir-se-hia a criar uma nova applicação administrativa da anthropologia. Em nosso modo de pensar, á administração penitenciaria caberia o dever de pôr os processos de detatuagem á disposição dos reclusos que se quizessem desembaraçar d'esses estygmas de infamia. Para isso appellaria para o concurso dos medicos que teem, como os srs Variot e Julhen, proseguindo em estudos interessantes a respeito d'essa questão »

Travada a discussão, Lasspagne, professor de medicina legal em Lyon, Gosse, lente de medicina na Universidade de Genebra,

Dalifol, director da casa de educação penitenciaria *La Loye*, de Paris—e Lombroso, professor da Universidade de Turim, declaraam, successiva e positivamente, – que todos os meios falham, para a *detatuagem* e que os criminosos só conhecem o recurso de cobrir uma tatuagem com outra — para apagarem indicios da primeira. E n'isto se ficou.

E n'isto fiquei. E deploro que a legislação – a que admitte a pena de morte—não substitua esta pena pela tatuagem—em pleno rosto dos galeriotes por especiaes dotes d'alma e costumes consequentes. Salutar aviso, correspondendo ao da *cautella com estes animaes!*

XLII

Demonstrado que me não fadou para a Politica o meu destino e que não contraria os fados a minha vontade, só como *touriste* me refiro, uma vez por outra, a uns *quadros* que observo por esse mundo de Christo.

Não sou de idade, nem de feitio para o culto das *illusionices*, nem para o dos respeitos exaggerados Dolorosamente vejo o Homem cada vez mais pequeno e, em regra, mais intrujão, mais relaxado e mais covarde. *Destoar* é provocar odios, injurias, calumnias e —suprema irrisão!—o desdem garotal dos pygmeus desavergonhados. Não soffre duvidas!

E' certo que só deixam de vêr o abysmo os que fecham os olhos, ou os cegos por demasia de estupidez. A crise é aguda e retorcida—em toda a linha. E nem o que entre nós aconteceu em 1 de Fevereiro, nem o que occorrendo está na poderosa Germania elucida estes homens, prendendo-os a um arrependimento de ultima hora! Agora vejo eu resumido no *Liberal*, folha que se impõe ás transcripções, pelos lampejos do seu criterio:

«E afinal a situação é tão grave, que não se percebe como esta gente anda tão desvairada, que até corre para o precipicio, como louca.

Os que se arrogaram o papel de defender a monarchia, em Portugal, farão bem se observarem o que está acontecendo na Allemanha.

Guilherme II, aproveitando-se do espirito de obediencia que caracterisa a raça germanica, e interessando-se pelo brilho da Allemanha, conseguiu que o povo allemão o *adorasse*.

Os erros em que elle cahiu acabam de o collocar em cheque perante o povo allemão que tanto o estimava. A imprensa de imperio, que aliás estava habituada a só elogiar o Kaiser, como visse agora que é um leviano compromettedor da Allemanha, pois que provocou a França, para se vêr obrigado a encolher os impetos logo que viu a hostilidade das potencias, e como visse que elle quer ser um autocrata, indiscreto, que até como outro infeliz monarcha do occidente, se permittiu a liberdade de fazer erradas declarações a um jornalista inglez, declarações que aniquillaram a Allemanha, — a imprensa do imperio lembra a neces-

sidade de metter na ordem o imperador.

Tal é a lição.

Quando taes desacertos acontecem ao imperador Guilherme, que tanta grandeza conseguira, não estranhem o sr. conde de Samodães e o sr. Arcebispo de Braga, se tambem em Portugal, como agora está acontecendo na Allemanha, se reunirem grandes comicios para protestarem contra o facto de o monarcha querer ser *prior de Confrarias* e protector de instituições que não podem vêr no rei mais que o chefe do Estado, egual para todos mediante a acção responsavel dos ministros.

Não é facil ser rei constitucional — d'accordo. Mas mais difficil é ser actualmente rei absoluto.

Se o sr. conde de Samodães ainda não comprehendeu isto, é porque já não está em edade de aprender andadura.»

... Está certo.

O grave assumpto nacional é o conflicto com a China. Ainda não apurei quem tem razão. Alludo ao caso, para citar isto do *Seculo* a proposito das nossas providencias navaes:

«Mas é tão mau o estado dos nossos navios, pelo desprezo a que tem sempre sido votada a nossa marinha de guerra, que não sabemos como a divisão naval será organisada.

O cruzador *D. Amelia*, que se estava apromptando para uma viagem de noventa dias de tirocinio dos aspirantes, que este anno terminaram o curso, só por milagre conseguirá lá chegar, ou então não voltará, a não ser que faça longa estação em Hong-Kong para substituir os tubos das caldeiras, que se encontram em misero estado!

Os aspirantes ficarão mais uns mezes em Lisboa, á espera que lhes caia do ceu um navio para fazerem o seu tirocinio, porque nenhum dos que estão no Tejo, á excepção do *D. Carlos*, póde seguir viagem.»

Lembra-me aquillo do *Barba Azul*, entre o *rei Bobèche* e o *conde Oscar*:

«O rei: — Mas que destino deu o inspector do arsenal ao dinheiro que lhe entreguei?!

«O Conde: — Gastou-o em comes e bebes

«O rei: — Devia ter-me convidado. Ao menos não se perdia tudo.»

... Gastou-se em comes e bebes. Está certo.

Escreve-me, de Mondim, um de Cerva:

—«Visto isso, não ha *posse pacifica*?!»

Isso — quer dizer: a lambada que a legião azul em calças pardas tem levado heroicamente...

Não ha posse pacifica, não senhor! O que é uma pouca — para o *malfeitor*.

(Não esqueça contemplar o bicho!)

XLII

A proposito de destinos. Diz o monarchico *Liberal*:

I

«No estrangeiro está sendo arrastado o nome de Portugal: na alta banca cosmopolita não ha quem acceite as letras do thesouro portuguez que andam arrastadas por mãos de financeiros de 2.ª ordem. Cá dentro ha que especule com este vergonhoso descredito, a quem dá apparencias de justificação—a pessima administração de Estado, as festas inopportunas, a *hypotheca* das alfandegas...»

Verdades como punhos! E naturalmente vae cahir n'estas, por egual indiscutiveis, o criterio do collega:

«Um dos symptomas mais alarmantes da nossa decadencia civica, está na facilidade

infantil com que em Portugal se inventam festas estrondosas, a pretexto, por exemplo, de viagem do monarcha, isto quando os contribuintes estão ameaçados do augmento de contribuições e d'uma funesta bancarrota, que póde terminar pela intervenção estrangeira.

Dir-se-ha no entanto que aquelles milhares de enthusiastas que hontem affluiram á linha ferrea para vêrem o cortejo real, quizeram assim protestar contra a ameaça da administração estrangeira. Puro engano. Aquelles enthusiastas não se preoccupam com desgraças. O que querem é divertir-se e agradar.

Nem se lembram que a nação está em perigo.»

*

Lembram-se; mas as tristezas não pagam dividas, e além d'isso os Fados Historicos são inilludiveis e implacaveis. Ha de se pagar tudo — e com lingua de palmo. Pagarão os cynicos, os intrujões, os videi-

ros, os que tornaram possivel o *malfeitor* com as catastrophes todas que elle provocou — e que nada aproveitaram com a tremenda lição.

Pagar-se-ha tudo, e alvares que *tudo* applaudem hão de chorar na cama, em especial folguedo...

Para rir. E' tambem do *Liberal*:

«Annuncia-se para o regresso do rei a Lisboa uma innundação de grã-cruzes, commendas e titulos, para o Porto, Braga, Vianna do Castello e para os concelhos que o joven monarcha percorrer. Não temos senão que louvar esse acto do soberano, porque quanto mais nobreza decretar no seu reino, mais dinheiro entrará nos tisicos bolsos do Estado. Mas que esses direitos sejam pagos adeantadamente, por causa das duvidas...»

... Imbecis e caloteiros: taes são julgados!

XLIII

O meu sentimento, n'estas horas póde resumir-se n'aquella phrase de Diogenes:

—«Que de coisas no mundo, de que eu não preciso!»

E com este additamento:

—E que de coisas que eu não tómo a sério!

... e andando!

Do *Liberal*, monarchico:

I

«Nos centros politicos affirma-se a quéda do governo logo em seguida ao regresso de el-rei, da sua viagem ao norte.

«O chefe regenerador anda ha dias já, a formar o seu ministerio. Já convidou o sr.

Anselmo de Andrade para a pasta da fazenda.»

... O que? E então *Gouvarinho?*
A'lerta, *Pichona!*

II

«O rei vae regressar do Porto, talvez illudido, talvez crente em grandes destinos, e como voltou a jurar perante a camara do Porto que só quer governar com a lei, não dissolverá o parlamento. E por isso não poderá succeder ao sr. Amaral um governo regenerador ou progressista, ou dissidente, ou nacionalista, ou franquista.

«Será de novo convidado o sr. Amaral?

«Ha quem diga que sim.»

... Ha quem diga que sim, que não e que pelo contrario.

Eu cá — *pff!*

«Um bello dia, haverá quarenta annos, tendo Amorim Vianna atacado n'um jornal as casas de jogo, foi *atracado* no largo da Batalha, por D. Marcos Arguelles, dono do famoso *Gremio* — casa de jogo extincta. Ao vêr abeirar-se-lhe o jogador, Amorim Vianna desatou a fugir.

Exclamação de D. Marcos:

—«Você foge, seu covardão?!

E o sabio:

—«Não é medo: é vergonha de que me vejam a falar com você?!»

(Pela 21.ª vez).

XLIV

Entre os diversos *problemas nacionaes*, que promettem duração por todos os seculos dos seculos, ha estes que estão sendo muito discutidos; — mas não hade ser nada! — *Do estado das cadeias e das habitações das classes pobres, em Lisboa.*

Os jornaes de grande tiragem inutilmente se preoccupam em taes assumptos. Lé-se por alto, á primeira vez; encolhe-se os hombros, á segunda; depois, dá-se ao diabo a estopada. No alto, d'onde parte administração, governo, etc., ninguem quer saber de *historias*. Vamos assim a dormitar, uns atordoados pela pandega, outros pela fome e o resto pelo tédio, parar ao fundo: a casa do diabo. Para vingança do gentio do Oriente!

Tudo se paga n'este mundo.

Vem a proposito, por diversos motivos, as seguintes observações do *Mundo*, ácerca de boatos de orientação *germanica* na nossa politica externa. Vejam isto:

«São conhecidas as sympathias do chefe do governo pela Allemanha, mas é de crêr que, d'esta vez, elle não obedeça apenas ás suas proprias aspirações mas ás do ambiente reaccionario onde tanto lhe apraz

viver. Todos os reaccionarios portuguezes são germanophilos. São isso como poderiam ser outra cousa, mas absolutamente desorientados e tudo fiando da força passou-lhes agora pelas cabecinhas de alveloas que a rhetorica e a espada fulgurantes de Guilherme II viriam acudir á sua falta de miolos e á sua falta de civismo, afogando em sangue os protestos e as reivindicações da consciencia publica. Estão redondamente enganados: na hora tremenda, na hora decisiva, a Allemanha deixar-nos-hia entregues aos nossos recursos proprios, como deixou os boers, e ondas de pranto e bastos territorios pagariam essa nova e irreparavel cabeçada.»

... Está certo.

XLV

Está-se desmascarando a Miseria, o que é mau serviço aos felizes da terra, — perturbando-lhes as faceis digestões e, quiçá,

as prolongadas somnécas! Agora, desata *O Seculo* a apresentar-nos *os pateos*, onde se agonisa: como quem diz *as ilhas* de Lisboa. É horrivel—e inopportuno. Que cada qual vive como quem é: já lá dizem os bons clerigos do *Crime do Padre Amaro*.

O que vale á conservação infinita de *tudo isto* é que as revelações estarão a breve trecho esquecidas. *Ça ne marche pas*.

Estão, decerto, lembrados da escandalosa corrida da carruagem real, ao chegar a Lisboa e ao entrar n'aquella o sr. D. Manuel.

Pois apparece agora um bebado que declara á policia—não ter praticado um regicidio, porque corria muito a carruagem!

Baccho a justificar a Prudencia. Está certo.

Vamos lá com Deus: o padre Gaspar, de Guimarães, que em verso faz zurrar a ralé

no berço da monarchia, não me parece mau homem. Só me chama velho dementado,—trata-me por *tu*, sem respeito pela minha idade,—diz que eu tenho a alma empedernida—e que sou um perpetuo despeitado (?) Mais nada, em doçuras e em observação exacta e arguta. Deve ter lume no olho o reverendo Gaspar. Lume, etc.

A respeito das qualidades e prendas do povo do Minho, mais do «gesto que eu devo ás creanças», julgo mais acertado dirigir ao padre o devido gesto: Tóma!

Bem. Agora, retire os excessos de modestia. Não diga que não é poeta e que não quer entrar onde elles têm guarida e comedorias! Não ouve alto a voz convidativa?

Já cá sustento um cavallo:
Sustentarei, mais, um burro!

. . . *Dominus vobiscum!*

XLVI

... E aos meus leitores dizia eu — «O governo fica.»

Bem diz, aos seus collegas nos trabalhos da esquina, o moço de recados Bento Sepulveda, que é todo do *malfeitor João Franco*:

—«Ali o patrão (sou eu) nun xabe nada das profundezas da politica!»

... Nem das profundidades do cano geral! E' sina.

*

Afinal (desculpando-me) eu não podia contar com *aquillo;* ninguem contava. Falo do *kriterion* de José Novaes, mais do *fiel amigo*, a inclinar-se, no conselho de estado para o sr. Julio de Vilhena...

Falaram os mortos: diz-se que o proprio *malfeitor!* Que muito é errarem os vivos?

*

A respeito do sr. Beirão, provavel chefe do governo que ahi vem, diz-me um typo esta coisa eloquente:

— «Não come, nem deixa comer os outros.»

Ora, muito bem!

Vejam isto:

«BRUXELLAS, 19. — Hontem, na camara, o deputado socialista Demblon accusou o governo de ter incluido no orçamento das colonias, como despeza do Estado, algumas quantias importantes, devidas pelo rei Leopoldo. O ministro desmentiu o facto, mas o sr. Demblon voltou á carga, provocando um escandalo monumental.

... Se eu não temesse a accusação da *falta de respeito*, ao grande e sublime Leopoldo, nós falariamos... Emfim!

Refere o *Dia:*

«Esta tarde, antes do sr. conselheiro Ferreira do Amaral sahir do ministerio do reino, o correio de ministros perguntou-lhe se desejava alguma cousa:

O sr. presidente do conselho respondeu-lhe, muito aborrecido:

— Não preciso de correio, não preciso de cavallo, não preciso de cousa nenhuma. O que eu preciso é ir para casa... deixem-me, deixem-me! Isto acabou-se, felizmente!

... São feitios. O *Gouvarinho*, então, dava tudo.

Tudo!

Coisas bem escriptas e bem pensadas— do illustre Manuel Bernardes:

«O hypocrita é santo pintado: tem as mãos postas, mas não ora; o livro na mão mas não lê; os olhos no chão, mas não se

desestima. E' hypocrita o mercador que dá esmola em publico e leva usuras em occulto; é hypocrita a viuva que sáe mui sisuda no gesto e habito, e dentro em casa vive como ella quer e Deus não quer; é hypocrita o sacerdote que, sendo pontual e miudo nos ritos e ceremonias, é devasso nos costumes; é hypocrita o julgador que só onde falta a esperança do interesse é rigido observador do Direito; é hypocrita o prelado que diz que faz o seu officio por zelo da honra e gloria de Deus não sendo senão pela honra e gloria propria; é hypocrita o que não emenda em si o que reprehende nos outros; o que cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avarento solicitador das suas pretensões; o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miseravel.

«Seria nunca acabar pôr em resenha estas capas de virtude cobrindo o vicio.

«Está hoje o mundo cheio de hypocritas e

quasi todos são cyrineus que, levando a cruz, não morrem n'ella.»

XLVII

No momento em que lhes escrevo, cerca do meio dia, crê-se que será chamado o sr. Wenceslau de Lima e que já andam no ar umas *historias palacianas*.

O peior é que o cão amarello meu visinho ladra agora toda a noite, dizem as visinhas, de face humana, — que é a mortos.

Adiante, e subindo...

... Pondero áquelle *grande da terra* — que é exacto e inilludivel o que sustentam os Orientaes e já disse Bossuet: — «Só Deus é grande». Balzac definiu sarcasticamente a *situação humana*: — «O homem é sempre castigado por fazer o Bem. Deus

não quer que lhe usurpem os seus direitos.»

Faz estremecer e meditar...

Quantas vezes não succedeu a um forte e generoso coração de homem de recursos —tentar *fazer um feliz?* E' deploravel como se fracassa! A' meia volta, reconhece que o seu protegido, por quem luctou com obstinado amor, desatrema dos meritos vulgares: se é mulher, incorrigivelmente leviana; de maus sentimentos, se é um homem. Dado que sejam bons e que sejam reconhecidos e auxiliares da vontade que os protege, empolga-os a enfermidade incuravel, ou o infortunio moral que não tem remedio. A's vezes, sobrevem, até, a inesperada Morte.

Conheço de perto, desde a nossa infancia, um homem que tem passado o melhor da vida a luctar pelos outros. Nunca apurou senão ingratidão cruel, ou desventura persistente, indestructivel, tenaz como a esperança d'elle e tristemente incorrigivel, como os seus sonhos. Amargamente põe

no Destino os olhos do seu espirito — interrogando: — Não será isso um real sacrilegio para com o Mysterioso?

... Só Deus é grande.

XLVIII

A passagem do meu querido Natal produz ha vinte annos, em minha casa, este episodio: — sustentar eu, convencido, que é o ultimo Natal que festejo. E assim venho ha vinte annos.

Ainda bem para os raros que me desejam a conservação na Vida!

Hontem, como quer que eu affirmasse, ha dias, contra a má vontade, ou a inconsciencia de varios parasitas, o meu velho e inalteravel sentimento por Jesus — o grande amigo dos desgraçados e dos pequeninos — tão explorado pelos farçantes e contestado pelos ôdres de estupidez e pelos ratos do pedantismo, — recebi quatro linhas, entre muitas de diversa origem, — procedendo

aquellas de um forte e luminoso espirito e as quaes eu não reproduzo porque cumpre evitar o espalhafato com taes assumptos, mas que me fizeram crêr que nem tudo vae á matroca, pelo descaro alvar e pelo cynismo piolhoso em fóra. Ainda se affirmam, a espaços, elevadas e energicas vontades e nobres e justas aspirações! Vamos lá: se eu chegasse, ainda, ao Natal de 1909?...

Já não offerece a politica nacional semelhante margem para boas esperanças. Olhem para isto: estamos sem governo; *ninguem quer, porque todos querem*. Querem o que? A incorrigivel continuação de *tudo* que a sinistra aventura do *malfeitor* devia ter chamado á purificação — ao menos pelo temor. Não ha emenda! Ninguem quer... Olhem para isto!

XLIX

Foi ao ler no *Seculo* de hontem o seguinte telegramma que eu me lembrei de certos versos de Soares de Passos. Diz assim o telegrapho:

«PARIS, 23 — Dizem de Biarritz que, apesar das negativas do João Franco, este estadista trabalha activamente na reorganisação do partido regenerador-liberal, dispondo-o a uma proxima lucta politica.»

... Mentir *elle*? Mas os versos dizem:

Oh! vem, ó donzella!
Não temas, ó bella!

Outro:

«GENEBRA, 23, — O *Journal de Geneve* diz o seguinte sobre a crise portugueza:

«O successor do sr. Amaral terá que re-

gular um assumpto melindroso: o dos adeantamentos á casa real.

«Lamenta que o nome do rei D. Manuel ande misturado á crise e espera que o patriotismo sincero e commum saberá resolvel-a rapidamente.»

... E' da genebra!

Sabe-se que o *D. Amelia* (cruzador) está em semicupios, em Port-Said.

Mas, da canhoneira *Patria*, que tambem se apressava contra os chinezes, ha a seguinte noticia:

«A canhoneira *Patria*, que segue, como se sabe, para Macau, tendo largado de Singapura para Manilla, teve de arribar a Labuan, porto ao nordeste da ilha de Borneu, a fim de desembarcar um primeiro marinheiro, que foi atacado de paralysia. Essa praça deu entrada no hospital.»

. . . . . .

... Pretextos para não andar! Lembra-me um sujeito tropego a fingir que contempla uma montra.

Assim faço eu.

O padre Gaspar, de Guimarães, é pelludo. Deu-se ares contra mim, dirigindo chufas á minha velhice, como o faria um gaiato e esboçando ataques como a leão moribundo, e, afinal, porque o *velho* não se affirmasse, por ora, em condições de levar coices dos asnos, embezerrou e diz que eu tenho (salvo a redacção) o privilegio do insulto.

O que eu tenho é o privilegio de uma philosophia, resignada que me faz perdoar muito á visivel nullidade, em attenção a prendas encobertas: a estupidez, a bebedice, etc.

Dominus vobiscum!

Ha annos, appareceu em Lisboa uma epidemia benigna, que impunha precauções extraordinarias de hygiene e de limpeza. Ora succedeu que no pateo de um estabelecimento do estado havia, no lagedo, consideravel numero de buracos, nos quaes se ia depositando agua pouco limpa. Pensou-se naturalmente em acabar com aquelles *depositos*, tapando os buracos em questão. Era coisa de meio dia de trabalho de dois homens, e alguns kilos de betume; á larga, um orçamento de 3 mil réis.

Chamados os trabalhadores, ia a principiar-se o arranjo, quando succedeu apparecer no edificio um constructor de obras publicas, do respectivo ministerio. *Para vêr*, indicou-se-lhe a *obra* a realisar e perguntou-se-lhe em quanto importaria. Respondeu:

— «Trato d'isso. São 600 mil réis».

... Não se riam. E' um documento da nossa desventura.

L

E' já publicada esta carta em 1909. Segundo todas as probabilidades, ainda, chegarei pois a esse anno — o 61.º da minha travessia. Foi rude! Agora mesmo se está brochando um meu livro, que é o n.º 60 da minha obra bibliographia. Addiciono a essas paginas a materia dispersa, e não reproduzida, em milhares e milhares de numeros de jornaes, durante 40 annos, e repito o que algures (?) deixo publicado:

«Poderei adormecer em paz sobre dez mil paginas escriptas—sem calumnias, nem covardias, nem deslealdades.»

... Talvez, vinte mil paginas.

*

Mas, valerá a pena ufanar-se, um homem, do seu trabalho? Agora estou eu vendo, com outros, os pormenores da catastrophe (terramoto) que no sul da Italia matou 75

mil creaturas do bom Deus. Liquidação absoluta de esperanças, de illusões, de nobre pensamento, de sentimento altruista, de projectos audaciosos e sublimes! Setenta e cinco mil mortos!... sem o amor da gloria, ou o da patria, que *justificam* as hecatombes napoleonicas através a Europa, ou as dos Boers, nos campos do Transvaal. *Morrer cegamente*—como os russos na Mandchuria!

Decididamente, valerá a pena luctar, amar, soffrer, dedicar o socego a uma idéa justa; ser bom, apesar de sacrificios, perdoar,—*viver?* Mas, emfim, lá diz o Rebello dos assucares!—«E quem havia de *refinal-os?!*»

E' inilludivel. Adeante!

A respeito da nossa vida nacional, dizia-me, ainda agora, um velho amigo retirado da politica:

—Ha um *grande tumor revolucionario* que *não resolve*: que tem de ser lance-

tado, ou de rebentar; não vae com emolientes.»

E' assim. No emtanto diz hoje *O Seculo*, do actual governo (janeiro 1909):

«E como tem nas suas mãos o cofre das graças, as velhas normas corruptoras, que se seguem na politica monarchica portugueza para arranjar adeptos, serão todas empregadas com o manifesto sacrificio da nação, que é quem paga as grossas despezas que exigem tão ambiciosos e estereis caprichos...»

Está certo. Mas o tumor vae-se avolumando — a olhos vistos!

LI

A toda a hora, desde que me conheço, tenho ouvido manifestar-se o espanto, a proposito do que se tem roubado ao nosso esfoladissimo *thesouro*. E' natural o assom-

bro. Faz-me o *caso* lembrar de certo estabelecimento do Estado, muito meu conhecido, o qual tinha, *n'outros tempos*, a mais justa reputação de pelintra. Não parecia semelhante ovo susceptivel de tosquia. Pois foi, durante annos, tosquiado em dezenas de contos.

Tudo se soube; tudo se abafou. Manda a verdade que se diga—que os *Murinellos* não foram condecorados.

Adeante!

Esta choldra politica, de intrigalhada, etc., traz numerosos cavalheiros de beiço cahido. E' o caso em que o espectaculo de dôr dá vontade de rir!

Para recortar e conservar de memoria. E' do allemão, traduzido por Anthero de Quental:

O coração tem dois quartos;
Moram alli, sem se vêr,
N'um a Dôr, n'outro o Prazer,

Quando o Prazer, no seu quarto
Acorda, cheio de ardor,
No seu, esmorece a Dôr.

Cuidado, Prazer! Cautella!
Folga e ri, mais devagar...
Não vá a Dôr acordar!

LII

Não é só o orçamento particular do *kaiser*, que se vê grego. O do Estado, na Allemanha, tambem accusa afflicções. Vêde vós isto:

«BERLIM, 12 — O barão de Rheinbaden, apresentando na Dietla prussiana, como ministro da fazenda, o orçamento, consignou que o *deficit* em 1907 foi de 71.800.000

marcos e que o de 1908 se elevará a 176 milhões de marcos.»

Parece que o nosso *malfeitor* andou por lá a corrigir a publica administração. Arre!

Para os monstros:

«BELGRADO, 12 — A crise ministerial ainda não foi resolvida, porque nenhum homem politico se quer encarregar do poder, em virtude da gravidade das actuaes circumstancias.»

... Estás lá, em Biarritz, ó *malfeitor*?!

Porque uma casa mal construida desabou, hontem, em Lisboa, logo se espalhou — ainda bem para o constructor? — que houvera um abalo de terra. O publico, im-

pressionado pelas noticias de Italia, anda, em parte, aterrorisado. A catastrophe de Messina foi util aos trolhas de Lisboa!

O prior da Luxuria flatuleja, atascado na devassidão, que o desabamento da tal caranguejola é premuncio dos castigos de Deus: que vem ahi mais! Que tal está o maroto?!

Os politicos *da conserva* vêem no desastre um rabo do cão d'Alcibiades. Boas bestas!

Quem não vê nada é o M. P. (do 1.º distr. cr.), que ha meia hora tem o olho aberto, mais o *sensus* latino e o *kriterion* grego. Vae uma pitada, ó das tricanas dilecto!?

Na alameda de S. Pedro d'Alcantara pretende uma empreza construir um edificio modelar, um *casino* á altura de uma cidade civilisada. Pois senhores, ha já um *abaixo assignado* de maduros visinhos, protestando

contra a concessão requerida,—«porque ha o perigo de aquillo passar a estrangeiros, como os funestos sanatorios da Madeira.»

Se os maduros não estivessem podres, pediriam ao — que estabelecesse uma clausula prohibitiva: — não poder tal concessão sahir do poder de naturaes Portuguezes. Mas, o indigena é tolo!

No *Diario de Noticias* abriu-se a *subscripção Trindade Coelho*. O nome do desventurado e illustre trabalhador lembra e fixa um mixto de dignidade, de talento, de criterio e de coragem, que mal se comprehende quando nos opprime o espectaculo da vileza, da estupidez e da covardia de uns recem-chegados furadores e lambedores, — de gamela em punho e de lingua ao vento... Oxalá que para a subscripção-homenagem ao nosso digno compatriota ainda sobejem alguns tostões da viagem á Italia! Oxalá!

. . . . . .

LIII

Disse alguem:

«Um mau escriptor é sempre um mau homem.»

. . . A's vezes, é apenas um bebado.

Qui se ressemble s'assemble.

. . . Principalmente para cozel as.

A catastrophe na Italia já vae em 100 000 mortos! A Natureza está imitando os grandes capitães: Alexandre, Julio Cesar, Napoleão, etc. Insiste, a proposito, o meu vizinho do lado em perguntar-me se Deus é quem ordena taes coisas. — Eu sei lá, filho de tua mãe!

Outra coisa, e esta ao alcance da nossa critica:

Preparam-se soccorros, em Portugal, para as victimas sobreviventes na Italia: uma gotta d'agua no Oceano. Ora accresce que a miseria é atroz no nosso pobre paiz e que os soccorros se retrahem, porque *ninguem sabe o que será o dia de ámanhã*: eu cá não fui!

Em taes condições, a caridade portugueza para os de fóra parece-me um tanto *marquez de Franco*. Temos o commercio em fallencias, a crise operaria, a crise agricola, a revolução nos espiritos, o mal estar geral — e organisa se soccorros... á Italia. Fóra pelintras! Paspalhões!

Andando...

LIV

Insistamos n'isto — que é Historia. Foi o sr. Antonio Cabral, chefe em meiados de março, das nossas invenciveis armadas,

quem, ao tempo em que *João Franco* achatou o *bec* dos Navegantes, disse a um redactor do *Mundo* que, embora não existisse uma lei de responsabilidade ministerial, o processo criminal de *João Franco* impunha-se aos brios da nação. Ao certo, não sei bem se elle disse *brios*. Deve ter dito, que o velho Portugal é brioso. Assim elle tivesse que comer!

*

Comido nos apparece elle, pelo papudo Ayres de Ornellas,—dizem sabidos informadores; e é precisamente, o sr. Antonio Cabral quem faz *caixinha* dos documentos, —podendo e devendo, aliás, fazer, sobre elles, architectar o mais catita e vingador dos processos. Afinal, *tambem* os puritanos exploram o pobre *Zé!* O que me admira é como o triste ainda larga pelle ás unhas de tantissimos collecionadores! Mas os pontos de vista do sr. Antonio Cabral soffreram

obnoxia modificação,—embora o bolachudo francaceo gastasse á doida com o *principe de martyrio*—como diz o rei da Madureza!

— Vae tudo pela agua abaixo! dizem alli o velho, mais a velha. Vae e — não volta. Estamos promptos.

Em sessão da camara dos deputados ficou *muito borrado* o sr. Espregueira: duplamente borrado, pela nitidez das accusações e pela inepcia da defeza.

Um bello *rabo de cão de Alcibiades*—para o bolachudo Ayres de Ornellas, correligionario do *Assadas e quentes*: tal parece a questão. Mas, *tudo isto* vae n'um sino!

Na camara dos pares, disse o sr. Ferreira do Amaral:

«Que orientara sempre o rei, no sentido

da liberdade e que procurou approximal-o das forças vivas da nação. No chefe do Estado encontrou sempre disposições liberaes, que convém aproveitar. E' preciso pugnar por uma monarchia nova, que saiba respeitar os direitos do povo e promover a felicidade da patria. Em torno do senhor D. Manuel exercem-se influencias reaccionarias que o pretendem fazer um rei de clericaes. Os que amam sinceramente as instituições e o monarcha devem constituir como que uma liga de vigilancia, que impeça de avançar a onda reaccionaria, que quer avassallar a consciencia do rei. Affirma finalmente, que não só a sua palavra, mas todo o seu esforço e até a sua espada, estarão ao serviço da causa liberal, para a defeza da constituição e do soberano contra os reaccionarios, que anceiam por exercer sobre elle o seu dominio.»

...Eu cá sei quem são os papa-hostias; mas bem vejo alli o *M. P. do 1.º distr. cr. do Porto*, á cóca...

Vae uma pitada, ó lindeza!? Tóma!

Cá e lá. Ouçam:

«MADRID, 15 — Hoje no senado tratou-se da demissão do sr. Sanchez Toca, do cargo de commissario regio junto da empreza do canal de Lozoya. Ao pedido de explicações, feito pelo sr. Navarro Reverter, o ministro do fomento justificou a demissão, com o facto do sr. Sanchez Toca ter reunido em sua casa os directores da empreza do canal, para resolverem varias coisas contra o governo. O sr. Sanchez Toca explicou o seu procedimento, dizendo que os ministros srs. Maura e Lacierva teem interesses ligados a uma empreza competidora da do canal de Lozoya.»

. . . Como argumento para a *união ibe-rica*, está certo.

LV

O sr. D. Miguel resolveu em março instalar-se em Portugal e assim o fez saber ao sr. D. Manuel. Não quer lista civil (era o que nos faltava: que a quizesse!); quer apenas reforçar a familia de Bragança. Diria o outro: — «E' tão preto que é impossivel que não seja branco».

Os miguelistas estabelecem — que o seu principe *não renuncia*, nem *abdica:* apenas (!) *se abstem*. Uma subtileza jesuitica; *apenas* vem fóra de tempo. Ou a nação avança, ou morre: é o que está certo.

Ou avança, pondo *isto* a direito, ou... tem razão *O Seculo* de hontem, ao dizer, depois de citar o *deboche* que vae correndo:

«Contra isto é que ha de fazer-se, pela imperiosa necessidade de salvação, a liga das vontades energicas, das dedicações honradas e das devoções patrioticas.

«Contra isto se realisará a liga dos opprimidos, dos escarnecidos, dos expoliados, dos que, por esses campos, por essas serras, por esses bairros de mizeria e de infortunio, só conhecem o Estado pelos golpes da sua ferocidade e em cujos corações cada anno a desgraça deixa os sulcos de recordações torturantes.

«E assim se operará a reformação do nosso organismo politico, evolutindo para a democracia pura, ou a nação portugueza fechará a sua historia gloriosa e altiva, desapparecendo nem baratro de lama e de ignominias.»

... Justo! Justo!

Do sr. Ferreira do Amaral, na camara dos pares:

«O orador refere, depois, como o sr. Julio de Vilhena retirou o apoio ao governo

da sua presidencia e cujas causas foram: a sua inhabilidade na questão das eleições municipaes e a falta de confiança na solução da questão de fazenda. Já então trazia içado o camaroeiro...

«Poz ao rei a questão de confiança. O governo demittia-se collectivamente ou conservava-se, apresentando se ao parlamento com o apoio do partido progressista e dos amigos do gabinete. O rei pediu-lhe que esperasse alguns dias. O conselho de ministros reunindo-se varias vezes. Os ministros regeneradores alvitraram que se consultasse o conselho de Estado, visto o ministerio provir da indicação d'esse conselho. Não contrariou a resolução, embora não concordasse. Tambem não acreditava no effeito da panacéa. Não desejava que lhe attribuissem qualquer perturbação que depois se désse ao partido regenerador. Emittiu o seu parecer sobre o assumpto, sob o ponto de vista do direito constitucional, e disse o que pensava ácerca das funcções do conselho de Estado. Este reuniu-se e enten-

deu, por maioria, que o governo era prejudicial aos interesses do paiz.

«O sr. Arroyo — V. ex.ª assistiu ao conselho de Estado?

«O orador — Não, senhor.

«O sr. Arroyo — V. ex.ª está convencido de que o conselho de Estado votou contra a conservação do governo?

«O orador — Sim, senhor.

«O sr. Arroyo — V. ex.ª não é das pessoas mais difficeis de convencer. .»

... Tem visto mundo — o sr. Arroyo.

Para fechar, *eloquentemente*: — Na camara dos mesmos, no mesmissimo dia (vid. *O Seculo*):

«O sr. Teixeira de Sousa allude, antes de encerrar-se a sessão, aos ultimos acontecimentos de Alijó, Valpassos e Murça;

protesta contra as violencias praticadas, mas protesta egualmente contra o procedimento do governo, a quem pede providencias para os concelhos abandonados da região do Douro.

«O sr. presidente do conselho diz que o governo não tem responsabilidades na situação. Já foi aberto um credito especial de 40 contos, para acudir á crise durieuse. No Douro não se pagam decimas, e tem muita consideração por aquelles povos, etc.

«O sr. Teixeira de Sousa declara que não é exacto a suspensão do pagamento de contribuições, como diz o sr. Campos Henriques. Este esclarece que o que avançou ha pouco é o que consta do ministerio da fazenda. O chefe do governo alarga se ainda em considerações, que o sr. Teixeira de Sousa a cada passo interrompe, e tudo fica na mesma.»

... E tudo fica na mesma!

LVI

E' vulgar o facto seguinte: em vesperas de acontecimentos tragicos, determinados por situações graves, produzirem-se phrases, entre o povo, reveladoras de instincto prophetico e de previsão — maravilhosas. Eu cito.

Foi hontem, domingo. Entrava eu n'uma tabacaria e, quando alli conversava com o dono d'ella, abeirou-se de nós uma mulher do povo, que ao meu interlocutor assim disse:

— «Faz-me o favor de me trocar estas tres notas? Dê-me prata, que o *papel*, pelos modos, está em riscos de ir pela agua abaixo...»

E o lojista:

— «Vae tudo; mas a prata é mais pezada... Eu lhe tróco issso.»

... *Vae tudo*, pelos modos. Creio-o.

*

Relendo agora a *Historia da Revolução Franceza*, de Luiz Blanc, vejo esta phrase de Mirabeau, a proposito do *deficit*: — «Estamos deitados ao pé de Vezuvio!» Era em 1790 e, após a consagração do anno precedente a outros assumptos, cahira-se n'essa situação financeira. Coisa horrivel! Chamado Necker pela boa vontade do rei, teve a sorte de desagradar á rainha e aos palacianos. O Destino, a certo ponto, não quer paliativos; reclama execuções. Teve-as.

Entre nós, não ha coisa semelhante: nem taes difficuldades, nem tal rei, nem um Necker, nem taes embargantes: o que subsiste é a phrase de um deputado qualquer, a proposito do sr. Espregueira: — «Defendo-o, porque pode vir peior!»

Está certo.

Por estas palavras termina hoje *O Seculo* o seu exame da *situação*:

«Assim vae tudo! Mysterios e meias revelações vergonhosas; desperdicios ou peculatos; insidias venenosas, ou actos condemnaveis de dissipação: o maior impudor na gerencia dos dinheiros publicos e a maior subserviencia nos homens que pretendem ter na vida politica os logares de dirigentes.

«Nem a verdade altiva, nem a isenção nobre, que alevantam o moral d'um povo. A chatinagem vil e a corrupção nauseante, medrando, crescendo, dominando!»

... E o outro a ocultar documentos — para não comprometter as instituições. Cebo!

LVII

Um homem publico que eu especialmente considero — o sr. conde de Penha Garcia — produziu, ha dias, uma conferencia sobre a situação na Turquia, digna de ser *ouvida* — modo de dizer *entendida* — por todos os que se interessam pelo assumpto, — por instincto, ou por criterio. Todos nós devemos interessar-nos: ha alli, que farte, lição eloquente das coisas.

Agora, vejo eu no *Dia*, de 28 do corrente, um excellente artigo intitulado *Uma lição do Oriente!* — estudando os acontecimentos recentes e concluindo:

«Aprende-se mais n'estas lições praticas, do que nas paginas dos melhores livros e nas palavras dos mais excellentes mestres. Quem tiver de exercer o *duro officio de reinar* deve, a esta hora, estar seguindo,

passo a passo, episodio por episodio, o que occorre na Turquia.

«Quando a seus ouvidos cheguem os conselhos perfidos e ineptos d'uma camarilha de mediocres, e as exaltações desvairadas de uns fanaticos que estão mal com a Sciencia e com quem o proprio Deus se livraria de conviver no Ceo, se um dia, por engano, S. Pedro lhes désse entrada n'aquella mansão: decerto quem cingir uma coróa e tiver na cabeça algum juizo, ha de pensar reflectidamente sobre esta formidavel derrocada do poder pessoal, que ainda ha mezes fez passar maus quartos de hora ao imperador da Allemanha e que porventura, levará ao supplicio, depois de desthronado, o sultão da Turquia, — cuja vida muito folgaremos que seja poupada, para honra dos «jovens turcos», tão dignos da nossa cordeal sympathia.

«Foram-se os deuses... e tambem os sultões. As velhas instituições, já caducas, que o tempo e os erros gastam, cahem em pedaços. Não ha muralha militar que a ci-

vilisação e o direito moderno não derrubem! Para traz já se não volta.»

*

Bello! A esta hora o *M. P.* de Lisboa deve ter dado mil e uma voltas, para apanhar nas suas malhas o articulista, — como um cão para apanhar o rabo. Tóma! Certo é, porém, que *elles* não aprendem: — nem os beatos, nem os palatinos, nem os que a influencia sinistra d'esses *typos* lança na doblez e na traição. Não aprendem! A Historia a esbofeteal-os, e *elles* cada vez mais burros! Chegue-se-lhes!

(Isto é com os sultões, com as sultonas e com os pachás — de caudas ou de chavelhos). Socegue o M. P.; e tóme!

*

Um telegramma grutesco:

«CONSTANTINOPLA, 27 — O novo sultão decidiu manter o gabinete. Quando os soldados salonicenses descobriram Abdul-Hamid, na ultima camara do harem, estava estendido no chão sem sentidos.

«Foi levado perante a delegação parlamentar e então affirmou que nunca fizera mal a ninguem; amara sempre o povo e o servira; e todo tremulo repetia depois de cada phrase: «Porque me querem matar?»

Outro:

«CONSTANTINOPLA, 28 — O ex-sultão Abdul-Hamid partiu, ás 2 horas da manhã em direcção a Salonica, acompanhado de onze mulheres e 5 creados. Abdul-Hamid vae habitar uma villa proximo de Salonica.»

E ainda lhe poupam a vida — ao monstro! Lá vae a infamia traiçoeira, e covarde refocilar-se nas onze fêmeas — que póde

elevar a onze mil virgens — com a respectiva creadagem.

Pois nem um tiro?!

LVIII

Estamos em abril de 1909...

Esta desgraça, do tremor de terra, revelou a existencia nos observatorios astronomicos da capital, de apparelhos scientificos — *não montados — porque sahiria cara a montagem.* Já nada espanta n'este espantoso paiz! As *unhas aduncas* dão 162 contos — fóra o resto — para o pagode do *principe do martyrio* — como lhe chama aquelle chouriço moiro, — e não ha vintem para despezas decentes e uteis.

Não digo mais, porque o M. P.... Tóme, do meio grosso!

Defendem o Abdul-Hamid — o czar Nicolau, o kaiser Guilherme e o veneravel Francisco José. Quatro veneraveis, e mais não digo: que não vá o outro vèr offensas... Vá lá do Mazalipatão!

Voltando ao tremor de terra: os desgraçados habitantes de Benavente e visinhanças teem sido soccorridos, sem intelligencia nem presteza. Fallo dos soccorros officiaes aos pobres sobreviventes, é claro.

Não ha nesga de ceu azul! Em todo o caso, o phenomeno sismico foi um bello rabo de cão de Alcibiades!

LIX

Effeito de um pezadelo, dei-me, ao romper esta manhã, a pensar em Frederico

d'Abreu e Gouveia, o dignissimo director geral dos negocios da justiça, que se matou, esmagado pela Necessidade — amiga' intima do Egoismo.

Dos desventurados como Abreu Gouveia disse Théophile Gautier:

Sur son trone d'airain, le Destin, qui s'en raille,
Imbibe leur éponge avec du fiel amer
Et la Necessite les tord dans sa tenaille.

Extenuado, porque o desalento o deixára resvalar á Neurasthenia mais cruel, Abreu e Gouveia suicidou-se. Já não poude ouvir numerosos amigos e apreciadores dos seus merecimentos, que exclamavam, indignados contra elle:

—«E matou-se! Fossem lá adivinhar!»

E' claro que se não adivinhava semelhantes coisas.

E' claro — e fétido!

E' humano.

*

Não ha assumpto tragico em que não tenha logar o ridiculo. Quando aquelle excellente homem se suicidou, tinha entre os seus amigos um muito tapado e muito rico, que, ao saber da desgraça, poz na cabeçorra os pés de cima e bradou:

—«Eu cá era homem para lhe emprestar 300 mil réis!»

Abreu e Gouveia afundou-se ao pezo de alguns contos de réis de dividas e de um *deficit* permanente, que a sua correcção de proceder, como alto funccionario, era incapaz de destruir. E vê-se que lhe não faltaram até á sepultura dedicações de uma cana...

Corneo e retorcido planeta!

Afinal, lá fez das suas o Abdul-Hamid. *Quem o seu inimigo poupa...*

LX

Andavam aquellas pombas sem fel do franquismo, que o Diabo conserve, a alardear, pelo menos, probidade — e, afinal, nem isso, que é prenda dos gallegos da esquina! *Unhas aduncas* mettidas até ao cotovello! Só em viajata patusca do principe real, que Deus tenha, lá se foram 162 contos, fóra as despezas a bordo! E o paiz arruinado e o Estado perdido! 162 contos de réis! Que corja de... patriotas!

Como quer — que a revelação da pagodeira augmente os esclarecimentos uteis ao paiz — e que só não vêem os cegos e os que não querem vêr — houve relutancia em produzil-os e remorso de os haverem provado. Ahi os temos! Ahi está a demonstração do que os da *sinistra aventura* só diferiam dos *outros* — em serem malvados, sobre as outras prendas!

E hão de todos passar o pé, incolumes,

depois de afundarem a Patria: de a sugarem, de lhe emporcalharem as tradicções, de lhe aviltarem o prestigio! Hão de safar-se e hão de conspirar de longe — estes malfeitores, justificando o adagio: *Quem o seu inimigo poupa ás mãos lhe morre!*

No emtanto, longe vá o agouro, o cão amarello sujo da minha sujissima vizinha continúa a uivar *a morte* — que é mesmo de arripiar dois carecas!

Ouçamos o *kriterion* de José Novaes...

Em Hespanha, revelação escandalosa de prevaricação ministerial! Um vento de malandrice percorre os paizes latinos — os quaes se vêem gregos! E *também* no parlamento hespanhol se queria abafar — para honra das instituições!

LXI

Esmiuçando sinistras fantochadas, diz *O Mundo*:

«O sr. D. João de Alarcão não póde ser ministro dos negocios estrangeiros pela mesma razão que ninguem consulta um cego a respeito de côres nem um surdo a respeito de sons. Ao sr. D. João de Alarcão fallecem todas as condições para o desempenho de funcções sobre todas melindrosas e espinhosas. Em primeiro logar, o sr. D. João de Alarcão ignora a primeira palavra de qualquer das graves questões que presumivelmente terá de tratar; em segundo logar, é incapaz de as estudar, porque lhe falta para isso a necessaria preparação mental; em terceiro logar o sr. D. João de Alarcão não resiste a dez minutos de cavaqueira com qualquer ministro ou encarregado de negocios das nações, com

quem tiver de haver-se. E' um homem *embrulhado* em tres tempos e dois movimentos. E' em summa na pasta dos estrangeiros, um verdadeiro *perigo nacional.*»

*

Isto é assim; mas aviva a recordação d'aquelle episodio entre os finados Barjona e visconde de Santa Monica. Eu repito:

Era Barjona minstro da justiça e, um dia, ordenou ao Santa Monica, director geral, que nomeasse um delegado do procurador regio para uma terra da provincia. Obedeceu o director geral: lavrou a nomeação e levou-a á assignatura do ministro. E Barjona, ao vêr o nome do sujeito preferido, bradou:

— «Este homem é incapaz: é parvo, fóra o resto!»

E Santa Monica, solemnemente:

— «Sr. ministro! Já não ha d'outros Portuguezes!»

Diz-se do *Mundo*:

— «Que os franquistas continuam furiosos contra os progressistas por, causa do sr. Antonio Cabral insistir na sua accusação relativa a haver ministros franquistas que cravavam *unhas aduncas* nos cofres publicos.

— «Que nas proximas quarta e quinta feira se ficará sabendo se se preparou nas conferencias entre o sr. Telles e os homens do *blóco*, uma comedia como a combinada entre os ministros franquistas e o governo quando foi do caso das *unhas aduncas*.»

*

A proposito: *João Franco* escreveu ao *Temps* — que não fugiu; que lhe pediram que se puzesse a andar.

Sinistro pateta! Nem sabe estar calado! Nada; elle não fugiu, — encafuando-se no comboio, em um apeadeiro, em paragem

unica, — como foi publico e troçado! Mas se não fugiu, volte! Já não governa quem lhe pedin que se safasse. Volte para o Terreiro do Paço o sanguinario maluco! Ao menos, para *pousar* na *lapide!*

N. B. — *Darindana virgem* e Dita *ferrugenta*, em côro com o doutor *Bocca de Faras*, continuam a accusar-me de *ingratidão*.

Candidas bestas!

LXII

Dizia Alexandre Herculano, no seu estylo familiar: — «Destapem o calhandro e hão-de vêr e cheirar peior.»

Veiu o *malfeitor:* esconceou, tombou, destapou, entornou. Estamos cheirando e vendo...

Que horisontes! Que sucia!

*

Decerto: seria belio, relativamente, vêr-se organisado um *bloco*, para o fim de defender instituições em perigo, — correndo o risco, taes defensores, de ficarem reduzidos a protestos sem esperança, como os partidarios de D. Miguel!

Que temos nós ahi? Ligas de velhos cynicos e, ao fundo, Ligas de videirinhos — com cheiro suspeito — a distancia!

O que ahi vem!

A Inglaterra acaba de perder o seu grande poeta Sewinburne.

Prepara-se um mundo *chocolateiro* — em que a alta Poesia já não tem logar.

Sobrevivem o *humanitarismo*, a *pirataria* e a *pinga!*

Anda aos tombos, corrido dos territorios diversos onde se refugia, o ex-dictador Castro, da Venezuela — um feroz maluco: especie de *João Franco*.

Está na conta, *para ser chamado* quando cahirem *estes* — os que subiram hoje...

A vêr!

Já o reverendo Luiz José Dias engatilhava o *susto:* afinal, não tem onde mettel-o!

Que faça d'elle puxativo para o verdasco. E viva a Gula!

LXIII

E' do *Amor de Salvação*, do nosso grande Camillo Castello Branco:

«Não sei de que abril florido, do meu porvir, me veio esta manhã um bafejo de

flôres que me pareciam as da minha juventude...»

A mim, ao despontar de abril, aconteceu-me esta manhã, semelhante coisa: um bafejo de flôres que me pareciam as da minha mocidade. Que flôres! Que balsamo! Que deliciosa — a vida!

Adiante!

*

Vê-se no *Seculo* este naco de eloquencia e de moral, extrahido da ultima sessão da camara dos pares.

Falla o sr. Dias Costa:

«... As calumnias de que são victimas os homens publicos que sobem ao poder. Atravessa-se um momento difficil. Impõe-se a união de todos para a salvação da patria.

«O sr. *Arroyo:* — A patria é o sr. Espregueira?

«O *orador,* com vehemencia responde: — A patria somos nós todos. E conclue re-

cordando que, nos tempos da velha Roma, se recorria para os consules nos momentos angustiosos e que hoje nos devemos voltar para o povo, para o paiz, a fim de que sejam juizes n'esta causa...

«Todo o discurso do sr. Dias Costa é cortado de applausos do sr. Francisco José Machado, que na sessão de hontem esteve d'uma fecundidade assombros, em apoiados.»

... Pois sim; mas eu cá não fui!

LXIV

A morte do conde de Burnay lembra-me aquelles dizeres de Victor Hugo, nos *Miseveis*, a proposito de Waterloo:

—«Preparava-se uma série de acontecimentos, em que Napoleão já não tinha logar.»

E' assim. Tombado á voragem o Rotati-

vismo, findou a missão do seu homem. Acasos, ou altos designios?

Nota-se que foi muito amigo da familia o finado titular. Pormenor com que nada tem o paiz. Para este foi elle bem funesto. — Deus lhe perdôe!

Imperdoavel é aquillo de partirem as carteiras, em S. Bento, individuos destituidos de idéas — e, diz me Tiberio, que de sinceridade. Que? Ha erro do philosopho! *Soides* sinceros, meninos? Pois pagae os estragos, — que assim faz a gente de bem.

E estudae, desemburrae-vos: não basta escavacar a mobilia, grandes maduros!

Tem dado que scismar esta noticia do *Seculo*:

«O opulento lavrador sr. José Maria dos

Santos resolveu, como é sabido, collocar em Lisboa, por preços diminutos, um importante stock de vinho. O fornecimento em cascos deve começar ámanhã ou depois, ao preço de 1$000 reis os 17 litros, posto dentro das barreiras, ou de 360 réis no Poço do Bispo. Se os taberneiros se maucommunarem com os intermediarios, no intuito de fazer malograr a sua iniciativa, o sr. José Maria dos Santos tenciona abrir immediatamente numerosas tabernas, para vender a retalho por conta propria e pensa tambem no estabelecimento de tabernas ambulantes, que consistem em seis automoveis para a venda a sorvo ou a minuto. O vinho destinado á venda na capital enche 15.000 pipas.

«O sr. José Maria dos Santos diz tomar este expediente para não ser forçado a paralisar os trabalhos agricolas nas suas propriedades. O importante lavrador telegraphou ao sr. ministro das obras publicas, manifestando lhe a intenção de admittir nas suas herdades de Moura, grande numero

de trabalhadores, ao preço de 340 réis por dia.»

... Tudo a ganhar pelo povo: consumidores e trabalhadores. Pois, senhores, ha grande irritação e protestos dos *intermediarios*...

Vem a ser os *politicos rotativistas* da pinga! *Tambem* são frescos.

LXV

Não me esquecem aquelles dizeres de Oliveira Martins: — «Ainda ha muito boa-fé em Portugal». Já houve mais, a tomar se a *boa fé* como synonimo de confiança.

Hoje é consideravel o numero dos que descrêem.

Principalmente da sinceridade dos politicos.

*

Não basta partir carteiras no parlamento, para se afirmar auctoridade moral e mental. Isto dado o relaxamento da *eleição*, no tocante á maior parte dos *eleitos*: modo de dizer, dos nomeados.

Em regra, são os mais ineptos os que mais alli vociferam. Claro que não é de hoje.

Agora vejo eu n'um jornal de hontem:

«Bem póde succeder que os tumultos de ámanhã tenham um aspecto mais grave que o dos ultimos dias. Alguns dos elementos opposicionistas estavam hontem muito irritados com os ares provocadores, insolitos, de alguns membros do governo; e mostravam-se dispostos a não consentir essa attitude, por a considerarem aggressiva.»

Elles, que aturaram o que se viu — ao *João Franco!*

*

Tambem impresso eu vejo:

«E, entretanto ainda, no paço conspira-se. Agora, os elementos reaccionarios lembraram-se do general Craveiro Lopes para chefe de um gabinete em que entrariam elementos de todos os partidos monarchicos, ou elementos estranhos a todos elles. O sr. Craveiro Lopes é, como se sabe, chefe da casa militar do rei, e tem a triste responsabilidade dos acontecimentos de 5 de abril, como commandante da divisão. A feição do ministerio seria, pois, bem clara: palaciano, e anti-popular até á ferocidade. São idéas d'estas que abortam as abelhas palacianas! Se não existissem, seria necessario invental-as. A pressa que elles mostram em acabar com isto!»

... Dizia o marechal Suchet, no cerco de Saragoça:

— «As velhas atiram-nos com os bacios? Estamos perdidos!»

E' o caso:

— «Os palacianos entram em scena? *Lá se escangalha a reinadura!*»

Como diziam os *reizeiros* de Germalde, ou de Ramalde, em dia de Reis.

Deixae proceder o Destino! Não barafusteis. *Não provoqueis o irritavel!*

Como diria Hugo.

*

Até logo — e *a vér!*

Como dizem os vaqueiros ás suas *ellas* chavelhudas...

LXVI

E' crivel que os acontecimentos se precipitem, como succede *para o fim*, por modo que nao possa esta chronica seguil-os bem

de perto, em commentario. *Ça ne marche pas* é uma pungente verdade, exceptuando-se a marcha vertiginosa para o sorvedouro, após a derrocada.

Pois que pensavam os meus amigos de Cerva e de Mondim?!

*

Claro é que já difficilmente vingam os factos assombrar-me; ha, todavia, uma circumstancia da nossa vida nacional, que consegue despertar-me o espanto. E' a córnea estupidez que do inferno aberto e para ahi escancarado, a que chegámos, só extrahe esta conclusão:

—«E quem irá agora?»

Quem irá agora? é a phrase portuguesissima dos nossos grandes lances *nacionaes*. Resolve o rei *martyrisado* acabar com os rotativos e despede o Hintze, para entrar nas calhas da mo-ra-li-da-de; e logo a porca opinião:

—«E quem irá agora?»

Vem o *1.º de fevereiro de 1908*; cahe o *martyrisado* na sepultura; foge o grão-canalha, estupido e sinistro; e a porcalhona:

—«E quem irá agora?

*

Estamos perto do Fim. Empurram, para o abysmo, os restos da Patria — os politiqueiros, os sindicateiros, os palatinos, as grandes croias, os homens de saias,—todo o pagode! Ha trepidação e ha demasias de descaramento! Pois, a porca-suja não tem mais que lhe diga:

—«E quem irá agora?»

Vejam-se estes *Diz-se* do *Mundo*:

—«Que a situação continua irreductivel, pela attitude dos deputados do *blóco*.

—«Que o sr. Espregueira, sabendo que se conhecem documentos até agora ocultos e existentes n'um estabelecimento de credito, não quer o inquerito por modo algum.

—«Que o sr. José Luciano faz questão

do sr. Espregueira, mandando dizer ao sr. D. Manuel que o sustente.

—«Que todas as influencias clericaes apoiam o sr. Espregueira, por pedidos de *canastrões* que tiveram participação no emprestimo.

—«Que se aponta os nomes de palatinos interessados nas operações financeiras.»

«... E quem irá agora?

*

Mais um *Diz-se:*

—«Que o sr. conde de Paçô Vieira é um dos deputados que vê com maus olhos o homem dos tabacos, dos *adeantamentos* e do emprestimo.»

... Agora, me rio eu!

LXVII

Vejo no jornal *A Beira*, de Vizeu, que o padre *Manuel dos Alhaes*, parocho em Moimenta da Beira, «tendo conhecimento de que um grupo de rapazes d'aquella villa vae fundar uma escola noturna para creanças e adultos, com o fim exclusivo de ministrar a instrucção, aconselha na egreja a que se não frequentem taes aulas, pois é de presumir que d'alli se saia assassino, ou ladrão»!

... *Alhaes* é corrupção da prosodia. Dizse *Ilhaes*. Já é velha a phrase *dar aos ilhaes:* quando o burro arquejante dá aos folles. Estaes vendo e ouvindo a reverenda cavalgadura!

—

Escrevem de Villa Fernando, ao *Combate*, da Guarda:

«No dia 14 falleceu na povoação de Monte Margarida, o rev. padre Francisco Soares da Cunha, que contava 85 annos de edade, e parocheou aquella freguezia 35 annos. Era natural d'aqui, e foi sempre um bom e exemplar parocho, pae dos pobres, e bom amigo.

«Ao sahir o cadaver de casa da residencia só se ouvia chorar e dizer que tinha morrido o pae dos pobres e bom pastor d'aquella freguezia.»

... Por contraste, antevê-se o funeral dos trastalhão Prior da Luxuria, que tem feito da sacristia casa de alcoveta. Rebentado, com a *alma* de cantaro aos pés do Supremo Juiz, sahe de casa, para o guano, a carcassa ignobil, e na rua côro de lamentações:

—«Lá vae o pae das Magdalenas nunca arrependidas!»

Estaes a vêr. Ides agora contemplar, em *pendant*, o enterro do prior da Guia. Estica o pernil, e, na vizinhança, os taberneiros, voz em grita:

—«Lá morreu o pae dos bebedos!»
Ah, coria!
Orate, Fraters!

Para consolar. Vejo impresso:

«COVAS (TABOA), 22—C.—Por iniciativa do sr. José Freire Garcez vae crear-se uma escola mixta em Percelada, melhoramento de ha muito reclamado, visto n'aquella povoação e quintas circumvizinhas haver 63 creanças de ambos os sexos em edade escolar.»

... Louvores á iniciativa particular! Tem que fazer, contrariando a acção do Estado e o rancor dos *ilhaes!*

LXVIII

Ça ne marche pas. Não anda. Immobilisada pela inepcia, apavorada pelo *ámanhã* — se estupida ou cynicamente indifferente á *sua obra até hontem* — esta gente limita-se a mastigar as velhas férias sédiças e fétidas com que ha meio seculo vem burlando os pobres de espirito e arrajando a porca vida — e basta.

Nem uma resolução.

Nem um impulso.

Nem uma idéa.

Só o pavor e o chocho pavoneado dos poltrões que badalam para disfarçar o medo!

Ça ne marche pas.

*

Lembra o caso outr'ora invocado pelo sr. Ramalho Ortigão, com a proposito e graça, do papagaio *marchando* no poleiro, indiffe-

rente á liberdade, se o soltam, e apenas com o olho fito no comedoiro. De quando em quando, bérra e agita-se, a simular impaciencia. Em que pensa o bruto? Na paparoca. Não se move nem bérra para outra coisa.

Çá ne marche pas.

*

Ainda agora encontrei um camarada, homem novo e intelligente, que é professor num estabelecimento do Estado. Engatilhou elle a pergunta nacional, logo que me viu:

— Que diz você a tudo isto?

— Deixe-me vorê!

— Percebo: téd o, horror, o diabo! Que lhe parece a historia das *unhas aduncas?* Que pagode e que pagodeiros, hein? E que *se vae legalisar tudo!*

... Outr'ora, eu teria desviado o homem, para um assumpto fresco e lavado, mas parece tudo fedentinoso e resequido... E' talvez porque estou velho; ha, porém, um

pensamento fixo que me consola e sustenta o aprumo:

— *Eu cá não fui.*

LXIX

Dizia-me, ha tempo, um camarada que tem visto mundo:

— «V. terá ainda ensejo de soffrer e de gosar desillusões: recebendo o éco das injurias, mais o dos louvores, *d'onde menos os esperava.*»

Não está certo. E' verdade que u'timamente se teem affirmado sympathias e odios, *mas sem me surprehender a origem.* Pela certa, é boa gente e nada tola — a dos agrados; e pelo que toca á dos rancores não está menos certo: espiritos e caracteres anegriscados e fétidos — seja qual fôr o sexo. Tudo abaixo de discussão e á altura das ruas, no ponto em que se escarra.

Está bem. Continuo a aceitar a sentença:

—«Dize-me quem te ama e quem te odeia: dir-te-hei quem tu és.»

Já sei.

Quer alli o Rebello dos assucares que eu lhe diga o que sahirá de uma lucta entre a Austria e a Servia.

Parece-me, Rebello de uma cana, que não devemos esquecer aquillo de Turenne:

—«Le bon Dieu, dans une batalle, est toujours pour les plus gros escadrons.»

Em regra....

Vem no *Seculo*:

«Albergue das creanças abandonadas

«*A benemerita instituição recebeu, no mez findo, trinta e oito creanças — Mais dois infelizes protegidos pelo Albergue*

«No mez findo o Albergue das Creanças

Abandonadas recolheu no internato da rua de Santo Amaro, vinte e uma creanças de ambos os sexos, e na sua succursal da travessa das Alagoas sete rapazes, e já no mez corrente foram recolhidas tambem varias creanças, entre as quaes Manuel da Silva, de 4 annos, filho de uma pobre rapariga que ha pouco foi accommettida de grave doença, ficando cega.

«Emquanto o pequenito era recebido no Albergue, a infeliz mãe dava entrada no Asylo das Cégas, na rua Formosa.

«Tambem na succursal do benemerito Albergue vae entrar o menor José Pereira da Silva, de 10 annos, orphão de pae e cuja mãe é uma pobre doente, que vive de esmolas.

«Este menor, que vagueava pela cidade, foi encontrado pela policia judiciaria e considerado como vadio, mas, reconhecendo o sr. dr. Castro Pereira Lopes, delegado da 2.ª vara, que não se tratava de um criminoso mas sim de um desgraçado, victima

da miseria, participou o facto á direcção do Albergue».

... Consolador. No entanto, as Commissões de Patronato só produzem *lamentações economicas!*

Simples commentario de Tiberio á projectada vinda de D. Miguel para estes reinos:

—«Attrahente piolheira!»

Certo.

OS JESUITAS [1]

CARTAS AO BISPO DO PORTO

Primeira carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Em testemunho de admiração pelas altas virtudes de v. exc.ª rev.ma aprouve ao traductor da *Historia Imparcial dos Jesuitas* dedicar-lhe o seu trabalho. Coherente foi o proceder. Dirigindo me a v. exc. rev.ma pago-lhe tambem um tributo: nos annaes das grandes luctas religiosas da Companhia de Jesus veneram os adversarios d'esta ultima,

[1] A proposito da *Historia Imparcial dos Jesuitas*, por H. de Balzac, traducção de F. G. S. — Porto, 1877. — 8.ª edição, 1909.

por mais d'um titulo, um *collega* do bispo do Porto: o prelado a quem alludo, exc.^mo e rev.^mo senhor, chamou-se em vida *Bossuet* e foi bispo de Meaux.

V. exc.^a rev.^ma, snr. D. Americo dos Santos Silva, não é bem uma reproducção de *Bossuet:* altos feitos de v. exc.^a, a competir com os do adversario illustre de Port-Royal, não os registrou, que eu saiba, a chronica religiosa dos nossos dias; e em materia de lucta com os hereticos, por parte do bispo Americo, só conheço um documento, cuja auctoridade não discuto: —uma carta do ex-padre Bonança.

Apraz-me todavia crêr, exc.^mo e rev.^mo senhor, que não sendo o bispo Americo uma perfeita reproducção do bispo *Bossuet*, não hesitaria em cantar um *Te-Deum* após as carnificinas das Cevennas; creio nos bons desejos de v. exc.^a rev.^ma: o que lhe falta, meu digno prelado, é um Luiz XIV, que, em nome da inviolabilidade dos dogmas, semeie de cadaveres dos impios as serranias do seu paiz. Os Luizes de hoje, meu

reverendissimo prelado, modificaram um tanto o codigo dos Luizes d'outr'ora, mercê da Revolução; deshonra dos lares domesticos, esbanjamento dos dinheiros do povo, escarneo dirigido ás leis e á patria que os tolera — isso não soffreu transformações. Os bons desejos dos Luizes de hoje tambem os não contesto, meu prelado reverendissimo!

Annunciei a v. exc.ª e ao publico uma refutação da apologia dos jesuitas e da defeza dos seus actos e doutrinas: vou encetal-a, sem preambulos. As cartas que a v exc ª dirijo — pobre tributo que a ingratidão do meu prelado deixará sem premio — dirão a v. exc.ª que o assumpto foi por mim estudado com afinco e fervor, não nos apontamentos do Larousse (repositorio da sciencia facil), mas nos documentos authenticos, que opportunamente irei citando.

O snr. José Maria de Sousa Monteiro, o campeão da Fé, que, por falta de estylo, de espirito e de talento, não consegue reproduzir entre nós o vulto de Luiz Veuillot,

terá ensejo de notar que é licito estudar assumptos d'esta ordem, sem renegar miseravelmente o credo liberal dos primeiros dias.

Exc.mo e rev.mo prelado, eis-me no assumpto:

Balzac, o auctor do livro offerecido na traducção a v. exc.ª, é o primeiro romancista d'este seculo e, incontestavelmente, o primeiro romancista do mundo. A apreciação do seu estupendo monumento artistico pertence á critica litteraria e não cabe na indole d'este trabalho o fazel-a. Como philosopho, veja-se a opinião de Taine: o methodo do romancista illustre é simplesmente deploravel. A Egreja infallivel e a monarchia absoluta são as bases do seu trabalho; não lhe contestem o dogmatismo do proceder: o atrabiliario escriptor não acceitará discussão!

A sua *Historia Imparcial dos Jesuitas*, escripta aos vinte e cinco annos, é uma af-

firmação de estudo, de coragem e de cega obediencia ao *systema*. Desvirtua os factos, deturpa-os, calumnia os personagens, suppprime os acontecimentos: tudo isto com a sinceridade enthusiastica do crente. Por vezes, cria uma contestação puramente phantastica e refuta-a com uma indignação em extremo comica, fazendo lembrar o prégador que collocava o seu barrete no parapeito do pulpito e discutia com elle, terminando por *convencel-o*.

Os apontamentos que nos fornece sobre Ignacio de Loyola só póde excedel-os em falsidade a apologia das *intenções* dos jesuitas: do desinteresse e dos sentimentos de humanidade dos membros da Companhia.

Os primeiros vinte e nove annos da vida de Ignacio de Loyola foram ornados de glorias bellicas e façanhas amorosas, dignas — estas ultimas — de illustrar os annaes da Regencia. Não me confunda v. exc.ª rev.ma, attribuindo-me calumniosos intuitos contra o fundador da Companhia. Por fiador da minha affirmação dar-lhe-hei Diderot,

o colosso da *Encyclopedia* [1], — não desagrade a v. exc.ª a citação do impio.

Base moralissima da Associação: os homens que compunham esta ultima eram obrigados por estatutos da Companhia a delatar os actos dos seus collegas: o systema da espionagem legalisada tem fóros religiosos, meu prelado. E' ainda Diderot quem o affirma

Attribue se (attribue o escriptor francez, que refuto) á Universidade de Paris sentimentos de inveja rancorosa contra a Companhia de Jesus. As reclamações continuas d'aquelle estabelecimento de ensino contra os espiões são apregoadas como resultado do ciume que aos homens da Universidade inspiravam os homens da Companhia.

Os queixosos appellam para as decisões do Parlamento; eu, rev.mo prelado, appello simplesmente para a sentença do Parlamento de Paris (6 de agosto de 1763) que sup-

---

[1] *Hist. abrégée des Jésuites.*

primiu a Ordem dos Jesuitas como sendo «uma seita de fanaticos, impios, corruptores e regicidas»; é esta a lettra da sentença.

Permitta-me v. exc.ª rev.ma que eu illustre as paginas da minha epistola com a descripção dos seguintes factos, especie de illustrações applicaveis a qualquer *Historia Imparcial* dos filhos de Santo Ignacio.

Em 1581 os jesuitas Campian, Skervin e Briant são condemnados á morte por haverem attentado contra os dias da rainha Izabel d'Inglaterra.

Nota o illustre Diderot, no qual vou, por enquanto, apoiando as minhas affirmações, que durante a vida de Izabel foram descobertas cinco conspirações de jesuitas contra a vida da rainha. Assim foi.

Em 1588 fomentam a conspiração da Liga contra Henrique III. Tranquillise-se v. exc.ª rev.ma: não lhes attribuo o assassinato do ultimo Valois. Os Dominicanos cortaram o passo aos seus rivaes no assassinio e bem mereceram do *Senhor*.

Deixo de parte as divagações de Molina, perigosas, mas ineptas, sobre a concordia da graça e do livre arbitrio.

Em 1593 o jesuita Varadé incita Barrière ao assassinio de Henrique IV.

Em 1593 são apprehendidos ao jesuita Guinard varios escriptos apologeticos do regicidio: o apologista é conduzido á praça da Grève, afim de receber os laureis devidos ao seu acto meritorio.

Em 1597 o papa Clemente VIII fulmina-os nas seguintes palavras: «Sois vós, intrigantes, que lançaes a perturbação em toda a Egreja!»

V exc.ª não recusará, creio, o parecer do seu pontifice.

Em 1598 armam contra o illustre Mauricio de Nassau o braço d'um assassino, promettendo-lhe em troca do crime a eterna bemaventurança. A Hollanda expulsa os miseraveis.

Em 1604 são expulsos do Collegio de Bréda, mercê da sua immoralidade, pelo cardeal Frederico Borromeu.

Em 1610 Ravaillac mata Henrique IV. Perdoem me os manes de Balzac e a piedosa ira de v. exc.ª rev.ma: como houvesse duvidas sobre a intervenção dos Jesuitas no regicidio, Mariana publica no mesmo anno a apologia do assassinio dos réis [1].

Em 1619 são expulsos da Bohemia, como perturbadores da ordem e da moral publica.

Em 1619 são, por egual, banidos da Moravia, ainda como perturbadores.

Em 1613 estabelecem no Japão a discordia, e fomentam a mais sanguinolenta peleja entre os christãos e os idolatras, d'aquelle imperio.

Em 1723 o czar Pedro o Grande expulsa-os, como intrigantes, dos seus dominios.

A minha *liberalidade* de liberal e livrepensador não cusa recommendar ao prelado Americo a leitura do trabalho obsceno do jesuita Berruyer sobre os patriarchas hebreus, nem as façanhas da torpissima seita

---

[1] Vide *Institution du prince*.

de devassos, creada por Benzi em plena Italia, no anno de 1743; ha coisas perante as quaes só deixa de córar um miseravel escudado pelo grande nome de Jesus.

Deixo em paz o regicida Damiens, educado pelos Jesuitas, e o famoso Malagrida, que a ferrea mão de Sebastião de Carvalho despenhou no duplo abysmo da infamia e do tumulo.

Passamos ás doutrinas subversivas prégadas ou inventadas pelos Jesuitas? quer v. exc.ª a impostura imbecil? — no *Elucidariam*, de Posa, lê-se que a Virgem Maria concorreu *como homem e mulher (?!!!)* para a producção do corpo de Jesus, *secundam generalem naturæ tenorem ex parte maris et ex parte feminæ!*

E' dos Jesuitas, rev.^mo prelado, a doutrina do *probabilismo*.

E' dos Jesuitas a doutrina do *peccado philosophico*.

As condemnações fulminadas contra elles por todos os tribunaes do mundo christão (vide a sentença do Parlamento de Paris,

de 6 d'agosto de 1792) não ousaria lêl-as sem horror o mais sceptico dos impios; por ventura as leria com a placidez dos acerrimos defensores da *Fé* o prelado a quem me dirijo.

Os papas Clemente, VII, IX, X, XI e XII, Paulo V, Gregorio XIV, Urbano VIII, Innocencio X, XI, XII e XIII, Alexandre VII e VIII (o VI, scelerado que pôz nos altares de Roma a imagem da prostituta Vanozza, não conspurcou a lista) esses pontifices, chefes espirituaes da Egreja que conta o prelado Americo em o numero dos seus campeões, foram em vida torturados, mercê das revoltas, das perturbações e dos escandalos da Companhia de Jesus[1]: se á Historia é licito transpor, sem perigo para a sua alvura immaculada, os humbraes do paço episcopal, releia v. exc.ª, edifique a sua alma na contemplação dos horrores, e

---

[1] *Résumé des constitutions des Jésuites:* por La Chalotais, 1763.

imponha silencio aos homens que tentam avocar do tremedal pretendidas glorias que a consciencia humana calcou de vez sob o cothurno poderoso e formidavel!

Excellentissimo prelado (perdôe-me v. rev.ma as frequentes faltas de *reverencia*), o auctor da *Historia Imparcial dos Jesuitas*, patrocinada por v. exc.a, desentranhou-se em esclarecimentos sobre a organisação interna da Companhia de Jesus.

Não sei a quem aproveitará tal conjuncto de banalidades firmadas por um nome illustre.

Citei ha pouco o eminente Procurador geral no Parlamento da Bretanha, Luiz de La Chalotais: para a historia da Companhia não acceito mais digno relator do que o illustre martyr dos scelerados a quem desmascarou com mão robusta: fructo de intelligente e aturada investigação, o seu trabalho constitue um extracto de apontamentos da Ordem, submettidos a uma critica de singular lucidez dotada. Não sei até onde

é licito chegar a ignorancia d'um bispo, mas folgarei em destruil-a — se existe.

O trabalho primitivo, impresso na cidade de Praga, em 1757, tem por titulo: *Institutum societatis Jesu, auctoritate congregationis generalis XVIII, in meliorem — ordinem digestum, auctum*, etc. Em um livro notavel, recentemente publicado em França, é licito aos bispos e aos impios encontrar a exposição fidelissima da constituição da Ordem de Jesus, sobre os documentos indicados [1].

Estatue o regulamento da Ordem «obediencia ao Papa e ao Geral» (cap. I); da desobediencia fulminada pelos pontifices que ha pouco citei a v. exc.ª absolve-os o cap. IV do regulamento, nos seguintes termos:

«O voto de obediencia ao Papa só diz respeito ás missões: é assim que cumpre interpretar a lettra das cartas apostolicas

[1] Vide *Dossier des Jésuites et des libertés de l'église gallicane*, 1877.

quando alludem ao voto. O Geral da Ordem póde além d'isso retirar das missões não só os seus enviados, mas tambem os membros da Companhia enviados pelo Papa».

Aqui a perfidia e o intuito de rebeldia manifesta; agora o orgulho desmedido a invadir os dominios do grutesco:

Ainda o cap. IV: «Fica estabelecido que nenhum rei, principe, ou duque soberano poderá arrogar-se o atrevido direito de lançar qualquer collecta sobre os nossos bens e pessoas, *sob pena de excommunhão e de maldição eterna.*»

O atilado juizo de v. exc.ª apreciará a *humildade*, a *pobreza* e o *amor do proximo*, revelados na transcripção e apregoados em tom diverso pelo catholico romancista de Tours.

Em França a influencia dos jesuitas nas altas espheras do poder tem sua origem no supplicio de Guignard, membro da Companhia, condemnado á forca, por haver escripto a apologia do assassinio de Henrique IV. Expulsos então do reino, os Jesuitas só fo-

ram readmittidos sob a condição de ficar um dos membros da Ordem, como refens, junto a Henrique de Bourbon.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma

attento venerador

Porto, abril 2, 1877.

Silva Pinto.

Segunda carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — O astuto Bearnez, desejando apagar no espirito do Papa a impressão do supplicio de Guignard, arvorou o rev.º Cotton, jesuita refens, em seu confessor. O exemplo do primeiro rei da dynastia bourbonica foi seguido por Luiz XIII e por Luiz XIV. Voltaire, cuja auctoridade v. exc.ª recusará talvez, em homenagem á coherencia, não contesta a existencia de homens notaveis no seio da Companhia: esses, porém, sobre-dourava-lhes o espirito potente a modestia, que é apanagio, quando sincera, dos elevados e nobres talentos.

Do fel dos impostores que compunham a maioria da Ordem vai ligeiro specimen nas seguintes linhas por elles formuladas contra o illustre e venerando Pasquier.

Fallam os Jesuitas escudados pelo nome do Christo:

«Pasquier é um mariola, um vadio de Paris, um trapaceiro, um garoto, archimestre em toleima; um asno de dupla força, um traficante, etc.[1]».

Quando ha pouco, um escriptor moço fustigava, entre nós, em estylo jovial e fluente, as demasias dos campeões da fé[2], ergueu-se um brado geral nas fileiros d'estes ultimos, contra a audacia satyrica do escriptor: censuraram-lhe o *jacobinismo* da critica e a Liberdade da palavra. Os berradores, exc.mo prelado, rastejam na sombra do redactor do *Universo*, Luiz Veuillot, o mais illustre dos modernos insultadores da liber-

---

[1] Vide *Dictionnaire Philosophique*, de Voltaire.
[2] Luiz d'Andrade, *Caricaturas em prosa*.

dade. O criticismo moderno que elles invocam, traduzem-no em injuria soez; e o pão que a Liberdade lhes concede, exc.mo prelado, não os estrangula na hora do insulto. Christo prohibiu-lhes a represalia; elles vivem na provocação!

Em Roma tombou no olvido a recordação das torpezas da Ordem. Operou-se a reconciliação, e e espirito jesuita paira sobre a Egreja: «Somos todos josuitas», affirmava ha pouco um prelado [1]. A intriga e o espirito da discordia ameaçam ainda hoje, á hora em que escrevo, a generosa França: cria e sustenta o *terror negro*. A carta de 1830 contivera os impetos dos sceleradós. Em 1843 os athletas da escóla liberal, Quinet e Michelet, sustentam algumas polemicas ardentes; mas o elevado talento de Montalembert não vinga restituir aos Jesuitas a influencia e o credito perdidos [2].

[1] Vide Michelet: *Du Prêtre*, etc.
[2] *Dossier des Jésuites*, 1877.

Trabalham com ardor na eleição presidencial de Bonaparte e recebem a recompensa do miseravel na expedição de 1849, contra a republica romana, e na lei Falloux, sobre o ensino, em 1850. Em dezembro de 1851 abençoam o go'pe de estado e os seus horrores [1], e o arcebispo Sibour, o prelado de Paris, canta um *Te-Deum* sobre as desgraças da patria, prelado portuense! sobre o triumpho dos bandidos!

A deploravel expedição do Mexico, a degradação do imperio e as miserias da França na sua desastrosa campanha de 1870, não saciam a perversidade dos jesuitas: são elles que combatem Thiers e criam laços entre o partido legitimista e os sectarios de Bonaparte e de Orleans. As penas do inferno cahiram de ha muito no tremedal do ridiculo; substituiram-n'as aos olhos das classes abastadas pelo phantasma do *terrror vermelho*, fomentando por tal modo

---

[1] Vide *Dossier des Jésuites*, intr. de J. Lemer.

o odio eterno das classes. Perante as camadas populares, singelas e incultas, redobra a appellação para os *milagres:* ha as santas paraliticas, as aguas milagrosas, as indulgencias e as bullas. Pelas ruas d'esta cidade, reverendissimo prelado, circula, á hora em que a v. exc.ª me dirijo, o programma d'um jornal infame que promette arramcar do purgatorio as almas que alli soffrem, mediante as assignaturas dos fieis: v. exc.ª rev.ma, snr. D. Americo, não protestou, não interpoz a sua dignidade de prelado, em favor da Egreja, que se afunda coberta de escarneo e de maldições; e os fieis assignam o papel: triplice documento de impiedade, de embuste e de espoliação!

Prelado do Porto! no seculo XVII, um bispo de elevado talento, gigante que os arraiaes contrarios contemplam com respeito, o illustre e já citado BOSSUET, dedica ao Delfim de França o seu monumento litterario — *ad usum Delfini.* No seculo XIX os prelados catholicos reconhecem a existencia d'um Delfim novo, o potentado de ama-

nhã; é para esse que escrevem, conspiram, intrigam: chama-se Povo a adolescente sobèrano; mas se aos principes roubou a adulação a eterna verdade, importa prevenir comtra os mentirosos de hoje o ignorante a quem adulam. A tarefa é simples, padre! os olhos da Consciencia não perdem de vista os arraiaes de v. exc.ª e dos seus: *a verdade está do lado opposto!*

Chego ao receptaculo das infamias desmascaradas, que importa tornar patentes olhos do povo crédulo: alludo ás intrucções secretas da Companhia de Jesus *(Monita secreta)*: nada mais completo para uso dos exploradores e usurpadores de toda a casta! O admiravel livro de Machiavel *(O Principe)* não logrou gindar-se a similhante extremo.

O documento singular foi encontrdo, não ó ignora de certo v. exc.ª, em um collegio de Jesuitas, de Praga, ou de Paderbonn. Para edicação *dos fieis*, abro pelo cap. vi as transcripções:

—«Cap. VI: das Instrucções secretas da Companhia de Jesus *(Monita secreta)*: «Do modo de attrahir as vivas ricas» — Art. 1.º —«Para tal fim devem ser escolhidos religiosos de edade avançada, dotados de vivacidade e possuindo o dom da conversação agradavel; importa que elles visitem as viuvas nas circumstancias indicadas (de bens de fortuna), offerecendo-lhes os bons serviços da sociedade, caso encontrem n'ellas alguma affeição pelos jesuitas; se as alludidas mulheres acceitarem a offerta e começarem por frequentar as nossas egrejas, cumpre confial-as aos cuidados d'um confessor que manteuha no animo des penitentes o proposito de não mudarem de estado, exaltando-lhes as vantagens e a suprema ventura da viuvez e garantindo-lhes que por tal modo evitarão as penas do Purgatorio». — Art. 4.º (vão os mais eloquentes) — «Convém principalmente afastar os familiares (creados, etc.) de casa da penitente, quando taes individuos não sejam affeiçoados á Sociedade de Jesus, isto gra-

dualmente, e substituil-os por outros que dependam — ou busquem depender--dos nossos: por este modo estaremos ao facto de quanto se passa no interior da familia». — Art. 5.° —«Que o confessor não leve em vista senão um fim: tornar a viuva dependente do seu conselho; que não busque outro alvo, e só assim achará uma base para o seu futuro adiantamento espiritual».

(Comprehende-se, ex.mo prelado; imaginemos, se a candura de v. exc.a rev.ma póde descer a tal abysmo, que o bom padre confessor cuidava dos proprios interesses, tomando *por alvo* os dinheiros da penitente... Horrivel!)

Art. 7.° —«E' conveniente a repetição de confissão geral, afim de termos pleno conhecimento de todas as inclinações da penitente».

Art. 9.° —«Importa, de quando em quando, propôr-lhe para marido individuo por quem ella sinta repuuancia, e desacreditar

no seu espirito o homem que porventura lhe agrade: isto afim de inspirar-lhe repulsão pela ideia de segundas nupcias.»—Art. 11.º—«Quando houvermos conseguido isolar a mulher, separando-a das relações da familia e dos amigos, iremos dispondo a penitente á pratica de boas obras — especialmente esmolas — sempre debaixo da direcção do seu confessor... (Ex.mo prelado, a conclusão d'este ponto do Regulamento entra no 7.º cap. da *Monita secreta*. Passemos a elle).

—«Cap. VII: das instrucções secretas dos jesuitas: «Do modo de dispôr dos bens das viuvas, provendo á sua existencia». — Art. 3.º—«Convém que a penitente renove duas vezes por anno o seu voto de castidade. N'esses dias ser-lhe-ha facultado um *passatempo honesto* com um dos membros da nossa Companhia».

(Ex.mo prelado, assevera a v. ex.ª a libertinagem do impio que a minha penna

vai espirrando por vezes no papel, alludindo aos *honestos passatempos* da Companhia de Jesus. Que não dirá a candura de v. exc.ª, meu digno prelado reverendissimo?)

Art. 4.º —«E' preciso visital-as amiudadas vezes e distrahil-as agradavelmente, por meio de contos espirituosos e gracejos (cá espirrou a penna...) em harmonia com a indole e inclinação da mulher».

(Que as leitoras provaveis d'estas paginas me perdoem a fidelidade da transcripção: não me dirijo a donzellas castas, mas sim ao prelado Americo).

Art. 6.º —«Importa que a viuva não visite outras egrejas afóra as da nossa Ordem; cumpre persuadil-as de que a Companhia de Jesus resume todas as indulgencias concedidas ás outras Ordens religiosas».

(Então, reverendissimo prelado Americo,

a Companhia de Jesus affirmava aberta e impudentemente a sua supremacia; hoje, purificada nos soffrimentos, a perversidade astuta dos Jesuitas como que se espiritualisou, inoculou-se na Egreja romana, paira sobre ella, inspira-lhe os dictames, vigia-lhe o proceder. Chegámos, porém, á rapinagem franca, excellentissimo senhor!)

Art. 14.° — «Os confessores tratarão de convencer a mulher da necessidade de pagar annualmente determinadas pensões para a sustentação dos collegios e das casas professas, não esquecendo os ornamentos dos templos, a cêra (parece epigramma!) e o vinho (tambem parece epigramma!) necessarios para a celebração da missa.

Art. 15.° — «Se durante a vida, a penitente não houver disposto da totalidade dos seus bens em favor da Companhia de Jesus, terá o cuidado, o confessor, de por meios suaves, ou pela força, obrigal-a a acudir ás despezas dos collegios pobres da Companhia (embora não fundados), isto

quando a viuva se ache enferma — promettendo-lhe, em troca das doações a gloria eterna.

Art. 17.° — «Importa convencer as mulheres ricas de que a soberana perfeição consiste em que, despojando-se das cousas terrestres, façam doação d'ellas a Jesus Christo.

Art. 18.° — «Mas, como ha, de ordinario, menos a esperar das viuvas que tem filhos, é mister remediar essa falta como se vê do seguinte capitulo:

— «Cap. VIII: Do modo de arrastar á vida religiosa, ou de devoção, os filhos das viuvas: Art. 1.° — «Para tal fim, as mães usarão da violencia e nós da doçura: incitaremos a mãe á oppressão dos filhos de ambos os sexos, — de modo a desgostal os do lar e da sociedade, principalmente as filhas, e a buscarem refugio nos estabelecimentos religiosos, — cujas seducções vão descriptas em artigo separado...»

Excellentissimo senhor! *Ab uno disce*

omnes: o veio uberrimo da *Monita secreta* dar-me-hia gara largas considerações, mas os documentos de accusação surgem em torno de mim, solicitando um olhar, uma palavra que os denuncie. Urge attender a tantos que este pobre povo fanatico desconhece na sua cegueira. «Ideia de especulação» não é argumento que os Jesuitas de hoje possam arremessar-me com justiça: v. exc.ª bem sabe que o *genero* explorado no campo da publicidade, com lucros para o industrial, consiste nas chalaças, em prosa e verso, atiradas pela baixa ralé da imprensa ao cadaver de qualquer infeliz demente, por ahi assassinado em qualquer viella do Porto[1]. Arrancar mascaras a tartufos, meu prelado, não é amor da industria, é *dever* de *consciencia*. V. exc.ª imaginará o quanto pesam na vida do homem as duas palavras que ahi deixo, quando tra-

[1] Allude se a um facto recente, assas conhecido e discutido.

duzidas em ideias respeitaveis; luctas obscuras, rancores eternos, suppressão de trabalho, escarnuo dos tratantes cortejados, desdem dos parasitas, insultos dos mercenarios da imprensa: isto na vida. Depois da morte: — o latim dos Jesuitas e a comiseração dos patifes.

Creio que me afastei um tanto do livro que venho refutando: perdôe-me v. exc.ª as expansões do meu espirito.

Passemos ao Breve de Clemente XIV, que supprime a Companhia de Jesus. O defensor dos jesuitas, Honnoré de Balzac, faz preceder a transcripção do Breve de algumas linhas consagradas ao pontifice: no dizer do romancista, o Breve de Clemente XIV tem o cunho de pezar, proprio d'um pae obrigado a castigar os seus filhos mais queridos e estimados.

Transcreve o romancista o Breve, e a transcripção corrige-lhe o primitivo parecer: o documento de pezar paterno transforma-se em attestado da instabilidade das coisas humanas; Clemente XIV deixou de

ser o pae em frente dos amados filhos, para tornar-se o verdugo dos bons padres, a quem severamente condemna sem ouvil-os (de mais os ouvira!). O bom do romancista vae confessando ao mesmo passo, que a Europa inteira reclama a condemnação dos jesuitas. Algumas paginas antes, attribuira a perseguição á inveja das Universidades. Pelos modos, o feio peccado generalisára-se: as Universidades, os Parlamentos, os principes reinantes, os prelados (que adeante citarei) trovejam contra a Ordem: confessa-o o romancista, excellentissimo senhor! Inveja! calumnia, meu prelado! Se eu me tornasse echo do que por ahi dizem de certo bispo... mas, para impiedade basta, meu pastor!

Entretanto, pesem os ignorantes do caso os seguintes periodo de condemnação dos Jesuitas, proferidos pelo pontifice romano. Queira ouvir com respeito, excellentissimo senhor, os seguintes excerptos do Breve do seu pontifice:

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma

attento venerador

Porto, abril 3, 1877.

Silva Pinto.

Terceira carta

Excellentissimo e reveredissimo senhor. — Falla o pontifice romano:

«Muitas queixas reforçadas com o testemunho de alguns principes foram aduzidas contra a Companhia de Jesus, perante Paulo VI, Pio V e Sixto V.

«Do numero d'este principes foi o rei catholico de Hespanha Filippe II, d'illustre memoria, quem apresentou a Sixto V as razões mais graves de queixa contra os Jesuitas; as reclamações feitas pelos inquisidores de Hespanha contra os privilegios immoderados e fórma de regimen da Com-

panhia; e os pontos principaes de contestação confirmados por muitos dos mais celebres membros d'ella; e quem por ultimo o levou a nomear uma commissão de inquerito ou visita apostolica, cuja escolha recahiu n'um bispo de notoria prudencia, virtude e instrucção; e, além d'isso, estabelecia um congresso de cardeaes, para se occupar do assumpto. Porém, a morte prematura arrebatou do mundo este pontifice, e tal projecto ficou sem effeito.

«O papa Gregorio XIV, de saudosa memoria, approvou de novo, em 28 de junho de 1581 o instituto da associação, confirmou todas as immunidades concedidas pelos seus antecessores, especialmente o privilegio, que tinha de expulsar os seus membros, independentemente de fórmulas juridicas; isto é, sem prévia inquirição, elaboração de acta, intimação, dilação, ainda a essencial, mas tão sómente pela verdade do acto, e tendo apenas em vista a natureza do erro, a causa razoavel, a pessoa e outras circumstancias. N'este ponto ordenou

o mais profundo silencio, prohibindo, sob pena d'excommunhão maior, o ataque directo ou indirecto ao instituto da Companhia de Jesus, suas constituições e decretos, no que não era licito mudar ou alterar qualquer ponto. Deixou o direito salvo para representarem sobre o addicionamento ou alteração que julgassem dever propôr-lhe, mas o poder de estatuir reservou-o exclusivamente para si e para os pontifices romanos seus successores, ou por meio de legados, ou nuncios apostolicos.

«Tudo isto, porém, longe de pacificar as queixas contra a Companhia, fez resurgir em todo o universo as mais desagradaveis polemicas sobre pontos doutrinarios que muitos denunciaram como oppostos á fé orthodoxa e aos bons costumes.

«As dissensões foram augmentando, e multiplicaram-se as accusações contra a Companhia de Jesus, a que especialmente se attribuia avidez pelos bens mundanos. D'aqui provieram as perturbações bem conhecidas que tanto maguaram a Santa Sé,

e as indisposições de alguns monarchas contra a associação: e por isso ella, desejando obter do papa Paulo V, nosso predecessor, de feliz recordação, nova confirmação de seu instituto e immunidades, viu-se obrigada a pedir-lhe que houvesse por bem ratificar e confirmar com a sua auctoridade alguns decretos produzidos pela quinta assembléa geral, os quaes se acham escriptos sobre o assumpto, a 4 de setembro de 1706; onde se lê que não só as inimizades e discordias internas dos membros da Companhia, como tambem as queixas e as exigencias dos extranhos a ella, haviam levado a assembléa a formular o seguinte estatuto:

—«Como a nossa associação, inspirada pelo Senhor para a propagação da fé e vantagem das almas, póde, sob o pendão da cruz, chegar felizmente ao fim a que propõe, com vantagem da Egreja e edificação do proximo, empregando meios consoantes seu instituto, que são as armas espirituaes; e sendo certo que prejudicaria estes bons effeitos, e se exporia a grandes

perigos, se se occupasse de assumptos seculares e dos que respeitam a politica e ao governo do Estado: foi sabiamente estatuido por nossos antepassados que, servindo nós na milicia do Senhor, não nos intrometteriamos em coisas que repugnassem á nossa profissão: e, como sobretudo n'estes perigosos tempos, talvez por erro de alguns dos nossos, quer pela ambição, quer pelo indiscreto zelo, a nossa religião adquiriu mau nome em algumas partes e perante alguns principes para com os quaes o santo padre de Loyola, de respeitavel memoria, entendeu que em homenagem a Deus, nós deviamos conservar-nos dignos de amizade e benevolencia, não havendo bons fructos possiveis em as boas graças de Jesus Christo: E' a assembléa de parecer, que convirá afastar de nós toda a apparencia do mal, e obviar quanto possivel as queixas baseadas ate em falsas suspeitas. Pelo que, ella pelo presente decreto prohibe severamente a todos os nossos a intervenção nos negocios publicos, sob qualquer pretexto, sendo-lhes

defezo afastarem-se do seu instituto por quaesquer rogos ou inducções: e ella ha por muito recommendado aos padres definidores que determinem sollicitamente os mais efficazes remedios para curativo do mal, onde haja carencia d'elles. —

«Temos porém observado e reconhecido, posto que com a maior magua, que esses remedios e outros posteriormente applicados, não tiveram a virtude nem o poder de desenraizar e dissipar taes males, accusações e queixas contra a Companhia referida; que foi em vão que nossos predecessores se esforçaram por restabelecer na Egreja a tranquilidade desejavel, publicando mui salutares constituições, assim em negocios seculares interdictos á Companhia de Jesus, ora em objecto de missões, ora n'outro, como tambem a respeito das graves desintelligencias com os ordinarios das localidades, com as Ordens regulares, communidades e estabelecimentos pios da Europa, Asia e America; polemicas suscitadas em detrimento das almas, e com surpreza

dos povos; e do mesmo modo no tocante á interpretação e pratica dos ritos pagãos, observados em algumas partes, com omissão dos que a Egreja universal devidamente approveu, e tambem no concernente á interpretação e exercicio dos sentimentos que a séde apostolica prescreveu por escandalosos, e nocivos á boa disciplina de costumes; e por ultimo na parte respectiva a outras materias egualmente de subita importancia, especialmente necessarias para conservar immaculada a pureza dos dogmas christãos; resultando da inefficacia de taes esforços, agora e nos tempos passados, numerosos inconvenientes e prejuizos, taes como: tumultos nos paizes catholicos e perseguições contra a Egreja, em algumas provincias da Asia e da Europa.

«Emfim, os nossos predecessores hão soffrido grandes desgostos por causa d'esta Companhia; especialmente o papa Innocencio XI de piedosa memoria, que chegou ao extremo de prohibir-lhe a admissão de noviços e de tomarem habito: Innocencio XII

que se viu forçado a ameaçal a de egual rigor; e por ultimo Benedicto XIV, cuja memoria está bem recente, o qual mandou fazer visita a todos os collegios e casas, ou Companhias, situadas nos dominios do nosso muito amado filho em Christo, o rei fidelissimo de Portugal e dos Algarves.

«Não resultou para a Santa Sé consolação, para a Companhia de Jesus auxilio, nem para a republica christã vantagem alguma das ultimas lettras apostolicas, nas quaes o instituto da associação referida é muito elogiado e approvado, porque ellas, para me servir da phrase de Gregorio X no concilio ecumenico de Lyon, mais foram extorquidas do que obtidas no nosso immediado antecessor Clemente XIII, de saudosa recordação.

«Depois de tantas e tão duras tormentas toda a gente de bem esperava vêr raiar a aurora desejada, precursora da paz e tranquillidade completa: mas emquanto Clemente XI se sentau na cadeira de S. Pedro sobrevieram tempos mais agitados: os cla-

mores e queixas contra a Companhia redobravam de força. Houve sitio onde rebentaram sedições, tumultos, e escandalos, relaxando e cortando as cadeias da caridade christã, inflammando entre os fieis a furia partidaria, os odios e as vinganças. Tão imminente pareceu o perigo, que aquelles mesmos de quem por toda a parte se proclamam como virtudes hereditarias a dedicação e liberalidade para com a Companhia de Jesus, e são os nossos queridos filhos em Christo, os reis de França, Hespanha, Portugal e Duas Sicilias, estes mesmos viram-se obrigados a despedir e expulsar de seus reinos os membros da Companhia: sendo opinião dos estados e provincias que este remedio extremo era absolutamente necessario, afim de evitar que os povos christãos se provocassem, atacassem e dilacerassem no seio da Egreja, nossa santa mãe. Mas aquelles nossos muito amados filhos em Christo, convencidos de que tal remedio não era duravel, nem efficaz, para a reconciliação de todo o universo christão,

se a associação não fosse radicalmente extincta e supprimida, expuzeram ao dito papa Clemente XIII sua opinião e desejo; e interpondo na auctoridade rogos e supplicas, lhe requereram o emprego d'aquelle meio effiicaz para socego inalteravel de seus subditos e bem da Egreja christã.

«Mas o fallecimento inesperado d'este pontifice obstou á consummação do negocio: e tendo-nos a Clemencia Divina collocado na mesma cadeira de S. Pedro, eguaes votos, pedidos e rogos nos foram dirigidos: muitos bispos e outros personagens, consideraveis por sua posição, conhecimentos doutos e piedade, nos fizeram conhecer suas opiniões e vontade.

«Todavia, para adoptar o alvitre mais seguro, em assumpto de tanta magnitude, entendemos nós carecer de muito tempo, não sómente para procedermos ás rigorosas investigações, apreciando maduramente os factos, e deliberando com a maior prudencia, mas tambem para rogar a Deus, em continuas e sentidas preces, o auxilio de

luz e particular inspiração que tambem solicitamos, por meio de orações e obras piedosas, dos fieis, a quem nos soccorremos. Entre outras diligencias que fizemos, tractámos de examinar em que se baseava a opinião de muita gente, affirmando ter sido a Companhia de Jesus approvada e confirmada de um modo solemne no concilio de Trento: e viemos a conhecer que n'esse concilio apenas se tractou d'ella para a isentar do decreto geral que estatuira a respeito das outras Ordens regulares: que, completado o tempo do noviciado, os noviços julgados idoneos seriam admittidos á profissão, ou despedidos do mosteiro.

«Por essa occasião, o santo concilio citado (sess. 25 e 26) declarou não querer fazer innovação nem prohibição alguma que impedisse a religião dos clerigos da Companhia de Jesus de ser util ao Senhor e á Egreja segundo o seu piedoso instituto, approvado pela Santa Sé Apostolica.

«Depois de empregados tão numerosos e necessarios esforços em que nos julgamos

auxiliados e inspirados pelo Espirito Santo, levados ainda pelo dever do nosso cargo, que rigorosamente nos obriga a conciliar, manter e consolidar quanto possamos a tranquillidade da republica christã, e a desvial-a de tudo quanto possa prejudical-a; e vendo tambem que a dita Companhia de Jesus já não póde produzir os fructos abundantes e salutares, nem as grandes vantagens, sob cuja espectativa ella fôra approvada e galardoada com tantos privilegios; sendo de mais a mais certo que emquanto ella subsistir será extremamente difficil e talvez mesmo impossivel restituir á Egreja verdadeira e permanente paz, resolvido por estes poderosos motivos, forçado por outras razões que as leis da prudencia e o desejo de bem governar a Egreja nos aconselham, e cujo sigillo permanece no intimo de nosso coração; e seguindo as pisadas de nossos predecessores, particularmente as de Gregorio X no concilio geral de Lyon, visto como agora tambem se tracta d'uma associação que por seu instituto e regras per-

tence á Ordem dos mendicantes; tudo finalmente, maduramente considerado, de sciencia certa e pleno poder apostolico:

«Nós extinguimos e suprimimos a sobredita Companhia, revogamos-lhe e cassamos-lhe todos os seus ministerios, cargos e funcções, desapossando-a egualmente das casas, escólas, collegios, hospicios, fazendas e propriedades, que em qualquer reino ou provincia, e de qualquer modo, ella possua; derogamos-lhe as ordenações, decretos, livros de praticas, constituições e regras, ainda as mais solemnemente confirmadas por juramentos, por approvação apostolica, ou por qualquer outro modo; e queremos que o theor de todas e de cada uma d'essas immunidades e concessões geraes seja considerado parte integrante d'este Breve, como se ellas aqui se achassem insertas palavra por palavra, não obstante o que possa haver de odioso em todos esses factos, decretos, formulas e mais termos...»

Fallou o pontifice.

Uma circumstancia digna de attenção (da attenção dos crentes) faz notar na sua Defeza o romancista Honoré de Balzac: o espaço consagrado no Breve á exposição das graças e dos beneficios concedidos pelos antecessores de Clemente XIV á Companhia de Jesus, é superior ao que occupa a descripção das queixas proferidas contra a Companhia. O caso, digno (já o confessei) da attenção dos crentes, é para os *impios*, meu digno prelado, d'uma puerilidade em extremo comica. Os escandalos e as torpezas, as espoliações, os assassinios, as immoralidades da Companhia de Jesus, não ha Breve, por mais detido, capaz de comportal-os. «Affirmações banaes!» — dirá o meu candido prelado. — Não, excellentissimo senhor! factos, serenamente registrados, se não com frieza egual á que presidiu aos commettimentos.

Antevejo nas faces venerandas de v. exc.ª o rubor do pejo, ao citar-lhe como repositorio da moralidade dos Jesuitas a notavel Compilação de Theologia moral, de vinte e

quatro padres da Companhia, devida ao jesuita Escobar e revelada ao vulgo pelo illustre Pascal nas suas eternas *Provinciaes (cinq. lettre)*: antevejo a commoção de v. exc.ª; mas importa arrostar com o sacrificio.

Sou de v. exc.ª rev.ma
attento venerador

Porto, abril 4, 1877.

Silva Pinto.

Quarta carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Não ignora v. exc.ª que os pontifices romanos lançaram a excommunhão sobre os padres que se despojam das vestes ecclesiasticas (perdôem-me a citação os reverendos que por ahi correm as ruas da cidade, envoltos em trajes archi-profanos, de *cassetête* em punho, modos facetos e olhar provocador; v. ex.ª não lançará o que vou dizer-lhe á conta de sentimentos piedosos revoltados; mas quando vejo sob o pallio um *sujeito* que, alguns minutos antes, passou á minha beira com gestos descompostos, appeteço a gloria do martyrio para o farçante que assim rebaixa e avilta a instituição a que pertence!)

Dizia eu, excellentissimo senhor, que os pontifices romanos excommungaram os padres que se despojam das vestes ecclesiasticas. Não o ignoravam as *duas duzias* de Jesuitas compilados por Escobar: veja-se a Compilação (tr. 6. ex. 7, n.º 103): — «*Em que occasião póde um religioso tirar as suas vestes, sem incorrer na excommunhão?*» — *Resposta* dos mesmos sabios: «*Quando, além d'outros motivos, se dirigir, incognito, aos lupanares: em tal caso deve logo em seguida, revestir-se da sotaina, que largou...*» [1]

Córou v. exc.ª? tambem eu, meu prelado, mas importa instruir este bom povo, que os traficantes industriaes dos *milagres* embrutecem com ardor. Trabalhemos pois.

Pascal, o gigante cujos titulos de gloria, sabe-o talvez v. exc.ª, não se limitam ás eternas *Provinciaes*, não fez simplesmente, como o assevera o romancista Honoré de Balzac na sua Defeza, um trabalho eloquen-

---

[1] Vide Escobar e Pascal, ob. cit.

te, se a eloquencia exprime (como é licito vêl-o na intenção do romancista) a fluencia do trabalho.

Mais do que isso fez.

Firmou nos factos incontroversos cada um dos seus passos no caminho da demolição: teve a consciencia e a verdade em face do embuste, teve a serenidade dos grandes e nobres espiritos que combatem pela justiça. A sua obra ficou.

Quer v. exc.ª novas bases creadas pelo gigante, para a singular revelação que despertou o rubor do pejo nas faces pallidas do meu prelado? Leia v. exc.ª ainda a Compilação de Escobar, capitulo intitulado *Praxis Societatis Jesu schola:* lá tem as palavras condemnatorias: *Si habitum dimittat ut furetur occulte vel fornicetur*. Como se não bastasse a auctoridade citada, escreveu Diana: *Ut est incognitus ad lupanares* [1]. Em moralidade basta!

[1] Vide ainda a Bulla de Pio V, *Contra clericos*, etc.

Esforça-se o campeão dos jesuitas, que vou refutando, por demonstrar a innocencia dos seus bons padres em materia de *homicidio*. N'este ponto limitarei por agora a uma citação os argumentos que me acodem contra o romancista.

Gaspar Hurtado, um dos auctores compillados por Escobar, no seu trabalho de *Sub pecc. diff. 9* (cit. por Diana, a pag. 5, tr. 14, r. 99) escreve: *E' licito a um filho desejar a morte de seu pae, com a mira na herança, e não pelo simples motivo de malquerença.*

Já v. exc.ª reverendissima deve ter observado que não invadi o terreno da Critica religiosa e só sim me propuz oppôr factos a declamações. O meu trabalho não é o de um critico; é o de um pamphletario. Que os ingenuos sujeitos, a quem a palavra *pamphleto* se afigura escandaloso synonimo, hajam por bem notar que estão no erro mais absurdo e desmascarado. Pamphletarios foram Ezechiel, S. Paulo, João de Pathmos, Isaias, Juvenal e, nos modernos

tempos, Pascal, Paulo Luiz Courier e Karr. Entre nós o primeiro pamphletario de Portugal é um dos maiores espiritos da litteratura do seu paiz: poeta de primeira plana e critico eminente: alludo ao snr. Anthero de Quental.

E, já que alludi ao grande espirito que entre nós explicou, nos vastos dominios da Philosophia da Historia, as *Causas da decadencia da Peninsula hispanica nos ultimos tres seculos*, não deixarei de demonstrar com alguns periodos do eminente escriptor peninsular as banalidades da Defeza do illustre romancista.

O celebre concilio de Trento, a espaços invocado pelo defensor dos Jesuitas, apresenta já os largos traços da influencia da Companhia de Jesus, que mais tarde havia de afirmar-se sem uma sombra de protesto por parte dos prelados da curia.

«Roma não queria cahir [1]. Por isso resis-

[1] Ob. cit. de Anthero de Quental.

tiu longo tempo, illudiu quanto pôde os votos das nações que reclamavam a convocação do concilio reformador. Não podendo resistir mais tempo, cede por fim. Mas como o fez? como cedeu Roma, dominada desde então pelos jesuitas? Estamos em Italia, no paiz de Machiavelo!... Eu não digo que Roma usasse deliberada e conscientemente d'uma politica machiavelica: não posso avaliar as intenções. Digo simplesmente que o parece; e que, perante a historia, a politica romana em toda esta questão do concilio de Trento apparece com um notavel caracter de habilidade e calculo... muito pouco evangelicos! Roma, não podendo resistir á idéa do concilio, explora essa idéa em proveito proprio. D'um instrumento de paz e progresso, faz uma arma de guerra e dominação; confisca o grande impulso reformador, e fal-o convergir em proveito do Ultramontanismo. Como? D'uma maneira simples: 1.º, dando só aos legados do papa o direito de propôr reformas; 2.º, substituindo, ao antigo modo de votar

por nações, o voto *por cabeças*, que lhe dá com os seus cardeaes e bispos italianos, creaturas suas, uma maioria compacta e resolvida sempre a esmagar, a *abafar* os votos das outras nações. Basta dizer que a França, a Hespanha, Portugal, e os Estados-catholicos da Allemanha nunca tiveram, juntos, numero de votos superior a 60, em quanto os italianos contavam 180, e mais! Nestas condições, o concilio deixava de ser universal: era simplesmente italiano, romano apenas! Desde o primeiro dia se póde vêr que a causa da reforma liberal estava perdida. Provocado para essa reforma, o concilio só serviu contra, para a sophismar e annullar!

Composta e armada assim a machina, vejamol-a trabalhar. Para sujeitar na terra o homem, era necessario fazel-o condemnar primeiro no ceu: por isso o concilio começa por estabelecer dogmaticamente, na sessão 5.ª, o *peccado original*, com todas as suas consequencias, a condemnação hereditaria da humanidade, e a incapacidade do homem

se salvar por seus merecimentos, mas só por obra e graça de Jesus Christo. Muitos theologos e alguns poucos synodos particulares se haviam já occupado d'esta materia: nenhum concilio verdadeiramente liberal deixava essa questão na sombra, no indefinido, não prendia a liberdade e a dignidade humanas com essa algema: o concilio de Trento fez d'essa definição o prologo dos seus trabalhos. Convinha-lhe, logo no começo, condemnar sem appellação a Razão humana, e dar essa base ao seu edificio. Assim o fez. D'então para cá, ficou dogmaticamente estabelecido no mundo catholico que o homem deve ser um corpo sem alma, que a vontade individual é uma suggestão diabolica, e que para nos dirigir basta o Papa em Roma e o confessor á cabeceira.

Na sessão 13.ª confirma-se e precisa-se o dogma da Eucharistia, já definido, ainda que vagamente, no 4.º concilio de Latrão, e vibra-se o anathema sobre quem não crêr na *presença real* de Christo, no pão e no

vinho depois da consagração. E' mais um passo (e este decisivo) para fazer entrar o christianismo no caminho da idolatria, para collocar o divino no absurdo. Poucos dogmas contribuiram tanto como este materialismo da *presença real* para embrutecer o novo povo, para fazer reviver n'elle os instinctos pagãos, para lhe sophismar a razão natural! Parece que era isto o que o concilio desejava!

Na sessão 14.ª tracta-se detidamente da Confissão. A confissão existia ha muito na Egreja, mas comparativamente livre e facultativa. No 4.º concilio de Latrão restringira-se já bastante essa liberdade. Na sessão 14.º de Trento é a consciencia christã definitivamente encarcerada. Sem confissão não ha remissão de peccados! A alma é incapaz de communicar com Deus, senão por intermedio do padre! Estabelece-se a obrigação dos fieis se confessarem em epochas certas, e exhortam-se a que se confessem o mais que possam. Funda-se aqui o poder, tão temivel quanto mysterioso, do

confessionario. Apparece o typo singular: *director espiritual*. D'ahi por deante ha sempre na familia, immovel á cabeceira, invisivel mas sempre presente, um vulto negro que separa o marido da mulher, uma vontade occulta que governa a casa, um intruso que manda mais do que o dono. Quem ha ahi, hespanhol ou portuguez, que não conheça este estado deploravel da familia, com um chefe secreto, em regra, hostil ao chefe visivel? Quem não conhece as desordens, os escandalos, as miserias introduzidas no lar domestico pela porta do confessionario? O concilio não queria isto, decerto: mas fez tudo quanto era necessario para que isto acontecesse.

Na parte disciplinar e nas relações da Egreja com o Estado, predomina o mesmo espirito de absolutismo, de concentração, de invasão de todos os direitos. Na sessão 5.ª, tornam-se as Ordens regulares independentes dos bispos, e quasi exclusivamente dependentes de Roma. Que arma esta na mão do papado, que já de si não

era mais do que uma arma na mão do jesuitismo! Na sessão 13.ª só o papa, pelos seus commissarios, póde julgar os bispos e os padres. E' a impunidade para o clero! Na sessão 4.ª põem-se restricções á leitura da Biblia pelos seculares, restricções taes que equivalem a uma verdadeira prohibição. Ora, o que é isto senão a suspensão da Razão humana, condemnada a pensar e a ler pelo pensamento e pelos olhos de meia duzia de eleitos! Nas sessões 7.ª, 9.ª, 18.ª e 24.ª, estabelecem-se egualmente disposições, tendentes todas a sujeitar os governos, a impôr aos povos a policia romana, apagando implacavelmente por toda a parte os ultimos vestigios das Egrejas nacionaes. Finalmente, a superioridade do papa sobre os concilios triumpha nas sessões 23.ª e 24.ª, pela bocca do jesuita Lainez, inspirador e alma do concilio... se é permittido, ainda metaphoricamente, fallando d'um jesuita, empregar a palavra alma... A redacção d'um Catecismo vem coroar esta obra de alta politica. Com esse Catecismo, im-

posto por toda a parte e por todos os modos aos espiritos moços e simples, tractou-se de matar a liberdade no seu germen, de absorver as gerações nascentes, de as deformar e torturar, comprimindo-as nos moldes estreitos d'uma doutrina secca, formal, escholastica e subtilmente ininteligivel. Se se conseguiu ou não esse resultado funesto, respondam umas poucas de nações moribundas, enfermas de peior das enfermidades: a atrophia moral.

Essa machina temerosa de compressão, que foi o catholicismo depois do concilio de Trento, que podia ella offerecer aos povos? A intolerancia, o embrutecimento, e depois a morte! Tómo tres exemplos. Seja o primeiro a Guerra dos Trinta annos, a mais cruel, mais friamente encarniçada, mais systematicamente destruidora de quantas tem visto os tempos modernos, e que por pouco não aniquila a Allemanha. Essa guerra, provocada pelo partido catholico, e por elle dirigida com uma perseverança infernal, mostrou bem ao mundo que abysmos

de odio podem occultar palavras de paz e religião. O padre não dirigiu sómente, assistiu á execução. Cada general trazia sempre comsigo um *director* jesuita: e esses generaes chamavam-se Tilly, Picolomini, os mais endurecidos dos verdugos! Salvou então a Allemanha e a Europa a firmeza indomavel d'um coração tão grande quanto puro, sereno em face d'essas hordas fanaticas. O verdadeiro heroe (e unico tambem) d'essa guerra maldita, o verdadeiro santo d'esse periodo tenebroso, é um protestante: Gustavo Adolpho. Em quanto ao Papa, esse applaudia a matança! O segundo exemplo é a Italia. O terror que inspirava ao papado a creação na Italia d'um Estado forte, que lhe puzesse uma barreira á ambição crescente de dia para dia, tornou-o o maior inimigo da unidade italiana. E' o papado quem semeia a discordia entre as cidades e os principes italianos, sempre que tentam ligar-se. E' o papado quem convida os estrangeiros a descerem os Alpes, na cruzada contra as forças nacionaes, cada

vez que parecem querer organisar-se. «O papado, diz Edgard Quinet, tem sido um ferro sagrado na ferida da Italia, que a não deixa sarar». Hoje mesmo, que essa suspirada unidade se consummou, não foi no meio das maldições e coleras do clero e de Roma? O unico pensamento, que hoje absorve o papado, é desmanchar aquella obra nacional, chamar sobre ella os odios do mundo, o ferro estrangeiro, podendo ser: e assassinar a Italia resuscitada! Estes factos são por todos sabidos. O que talvez nem todos saibam é o papel que o catholicismo representou no assassinio da Polonia. «A intolerancia dos jesuitas e ultramontanas, diz Emilio de Laveleye, foi a causa primaria do desmembramento e queda da Polonia». Esta nação heroica, mas pouco organisada, ou antes, pouco unificada, era uma especie de federação de pequenas nacionalidades, com costumes e religiões differentes. Encravada entre monarchias poderosas e ambiciosas, como a Austria, a Russia e a Turquia d'então, a

Polonia só podia viver pela tolerancia religiosa, que conservasse amigos e unidos contra o inimigo commum os grupos autonomicos de que se compunha.

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma
attento venerador

Porto, abril 6, 1877.

Silva Pinto.

Quinta carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — A essa tolerancia deveu ella, com effeito, a força e importancia que teve na historia da Europa até ao seculo XVII: catholicos, gregos schismaticos, protestantes, socinianos viveram muito tempo como irmãos, n'uma sociedade verdadeiramente christã, porque era verdadeiramente tolerante. Um dia, porem, os Jesuitas, lá do centro de Roma, olharam para a Polonia, como para uma boa preza. Aquella nação era effectivamente um escandalo para os bons padres. Tanto intrigaram, que em 1570 tinham já logrado introduzir-se na Polonia: o rei Estevão Bathory concede-

lhes, com uma culpavel imprudencia, a Universidade de Wilna. Senhores do ensino, e em breve das consciencias da nobreza catholica, os Jesuitas são um poder: começam as perseguições religiosas. Em 1648, João Casimiro, que antes de ser rei fôra cardeal e jesuita, quer obrigar os camponezes ruthenios, sectarios do schisma grego, a converterem-se ao catholicismo, e começa uma guerra formidavel, cujo resultado foi separarem-se cossacos e ruthenios da federação polaca, dando-se á Russia, em cujas mãos se tornaram uma arma terrivel sempre apontada ao coração da Polonia. Nunca esta nação teve inimigos tão encarniçados como os cossacos! Sem elles, a Polonia enfraquecida entre visinhos formidaveis, devia cahir, e cahiu effectivamente. A partilha espoliadora de 1772 não fez mais do que confirmar um facto já antigo: a nullidade da nação polaca.

Assim, pois, o catholicismo dos ultimos tres seculos, pelo seu principio, pela sua disciplina, pela sua politica, tem sido no

mundo o maior inimigo das nações, e verdadeiramente o tumulo das nacionalidades. «O antro da Esphinge, disse d'elle um poeta philosopho, reconhece-se logo á entrada pelos ossos dos povos devorados».

E a nós, hespanhoes e portuguezes, como foi que o catholicismo nos annullou? O catholicismo pesou sobre nós por todos os lados, com todo o seu peso. Com a Inquisição, um terror invisivel paira sobre a sociedade: a hypocrisia torna-se um vicio nacional e necessario; a delação é uma virtude religiosa: a expulsão dos judeus e mouros empobrece as duas nações, paralysa o commercio e a industria, e dá um golpe mortal na agricultura em todo o sul da Hespanha: a perseguição dos *christãos novos* faz desapparecer os capitaes: a Inquisição passa os mares, tornando-nos hostís aos indios, impedindo a fusão dos conquistados, torna impossivel o estabelecimento d'uma colonisação solida e duradoura: na America despovôa as Antilhas, apavora as populações indigenas, e faz do

nome de christão um symbolo de morte: o terror religioso, finalmente, corrompe o caracter nacional, e faz, de duas nações generosas, hordas de fanaticos endurecidos, o horror da civilisação. Com o jesuitismo desapparece o sentimento christão, para dar logar aos sophismas mais deploraveis a que jámais desceu a consciencia religiosa: methodos de ensino, ao mesmo tempo brutaes e requintados, esterilisam as intelligencias, dirigindo-se á memoria, com o fim de matarem o pensamento inventivo, e alcançam albear o espirito peninsular do grande movimento da sciencia moderna, essencialmente livre e creadora: a educação jesuitica faz de classes elevadas — machinas inintelligentes e passivas; do povo — fanaticos corruptos e crueis: a funesta moral jesuitica, explicada (e praticada) pelos seus *casuistas* com as suas restricções mentaes, as suas subtilezas, os seus equivocos, as suas condescendencias, infiltra-se por toda a parte, como um veneno lento, desorganisa moralmente a sociedade, desfaz o espirito

da familia, corrompe as consciencias com a oscillação continua da noção do dever, e aniquila os caracteres, sophismando-os, amollecendo-os: o ideal da educação jesuitica é um povo de creanças mudas, obedientes e imbecis: realisou o nas famosas Missões do Paraguay [1]; o Paraguay foi o *reino dos ceus* da Companhia de Jesus: perfeita ordem, perfeita devoção; uma coisa só faltava, a alma: isto é, a dignidade e a vontade, o que distingue o homem da animalidade! Eram estes os beneficios que levavamos ás raças selvagens da America, pelas mãos civilisadoras dos padres da Companhia! Por isso o genio livre popular decahiu, adormeceu por toda a parte; na arte, na litteratura, na religião. Os santos da epocha já não teem aquelle caracter simples, ingenuo, dos verdadeiros santos populares: são frades beatos, são Jesuitas habeis. Os

---

[1] Citadas como titulo de gloria para os jesuitas, pelo defensor da Companhia.

sermonarios e mais livros de devoção, não sei por que lado sejam mais vergonhosos; se pela nullidade das idéas, pela baixeza do sentimento, ou pela puerilidade ridicula do estylo. Em quanto á arte e litteratura, mostrava-se bem clara a decadencia n'aquellas mas estupidas de pedra, da architectura jesuitica, e na poesia convencional das academias, ou nas odes ao divino e jaculatorias fradescas [1]».

Excellentissimo senhor, ha na defeza intentada pelo escriptor francez, a quem refuto, circumscrevendo nos aos jesuitas de *hontem*, inepcias de tal quilate, que só póde explical-as o fanatismo d'um systema quando as subscreve vulto de primeira plana: figuram entre ellas as seguintes: a glorificação da Ordem dos Jesuitas, productora d'um sem numero de homens eminentes nas lettras dos vários paizes, e a definição do procedimento de Pombal para com a Com-

[1] Anthero de Quental; ob. cit.

panhia de Jesus. Adoptando o ponto de vista de Balzac para a primeira affirmação, sernos-hia mister considerar como fructos da Universidade de Coimbra os homens notaveis que o acaso ali despenhou durante a juventude: exemplificando: crê v. exc.ª que as sebentas d'aquelle estabelecimento influiram na *creação* de Anthero, de João de Deus, de Eça de Queiroz (para só alludirmos aos modernos) e de tantos outros? Que fructos de benção não eram esses, meu prelado, que resistiram ás emanações d'aquelle lago de Asphaltite!

O caso de Pombal é por igual curioso: segundo o romancista francez, o procedimento de Sebastião de Carvalho para com a Ordem é simplesmente um fructo de rancor. A tentativa de regicidio é um *pretexto* do ministro. Admiravel ponto de partida: um scelerado assassina seu pae; é preso, julgado e condemnado: chama-se a isto justiça? não, senhores: é o rancor do juiz; o parricidio é um *pretexto* para a condemnação! Deixemos isso.

Ha perto de tres annos, meu reverendo prelado, que uma affirmação insensata da *Palavra* (folha religiosa do Porto) me impoz o dever de elaborar nas columnas do *Diario da Tarde* alguns artigos de refutação: tratava-se, n'esses artigos, de expôr aos leitores da folha liberal as reclamações, os queixumes e as sentenças condemnatorias formuladas pelas Universidades, pelos Parlamentos e por grande numero de prelados, contra a Companhia de Jesus. Affirmei, sem réplica. Os artigos offereceriam, segundo creio, á maioria algumas novidades. Importa reconstruil-os — e completal-os.

Digne-se v. exc.ª rev.ma lêr commigo os documentos do processo [1]. De passagem farei observar que os alludidos documentos abrangem simplesmente um periodo de

[1] Vide *Retrato dos Jesuitas*, approvado em 1671 por Fr. Francisco de S. Caetano e Fr. Francisco de S. Bento; qualificadores do Santo Officio.

pouco mais d'um seculo (1540-1650); os escandalos posteriores, — controversia dos Jansenistas, etc., não collaboram na obra de revelações.

Citarei primeiramente os prelados.

Em 1545, Melchior Cano, bispo das Canarias e um dos mais illustres theologos do seculo XVI, assevera no seu juizo sobre os Jesuitas [1] «que esta Companhia causará á Egreja males sem conto: é d'elles (accrescenta o prelado) que fallou, adivinhando-os, S. Paulo, na 2.ª carta a Timotheo: «Mas sabei que nos ultimos tempos se verão homens amantes de si mesmos, avarentos, gloriosos, soberbos, maleficos, desobedientes a seus paes e mães, ingratos, calumniadores, traidores, insolentes, mais amantes do appetite que de Deus, trazendo apparencia de piedade, mas na verdade arruinarão o espirito e a virtude... introduzindo se

[1] Vide *Historia da Companhia de Jesus*, pelo Jesuita Orlandino.

nas casas e levando atraz de si, como captivas, mulheres carregadas de peccados e possuidas de diversas paixões... Assim como Jannés, e Mambré resistiram a Moises, da mesma sorte resistirão estes á verdade. São homens perversos no espirito e corruptos na fé. Mas os progressos que elles fizerem terão seus limites, porque, emfim, será conhecida de todo o mundo a sua loucura.»

Meu bom prelado, basta de panegyrico por parte d'aquelle sabio collega de v. exc.ª. Outros esperam a sua vez.

O arcebispo de Toledo, D. João Martins Silicio, prohibe, em 1552, aos jesuitas — que profanem os confessionarios do arcebispado. Outrosim, ordena aos parochos e ás casas religiosas que não permittam aos jesuitas a celebração da missa, e interdiz o confessionario a todos os sacerdotes de Toledo que hajam feito com elles exercicios espirituaes.

Em 1554 o bispo de Paris, Eustachio de Bellai, formúla, por ordem do Parlamento,

a sua censura sobre o Instituto e Bulla dos Jesuitas. Ouçamos o prelado parisiense:

«As Bullas contém muitas cousas que não devem ser toleradas nem recebidas na religião christã, por extranhas e alheias da razão.

«E' singular arrogancia a attribuição que a si propria e exclusivamente, fazem do nome de Jesus, *quod Ecclesiæ Catholicæ et œcumenicæ competit.*

«Tendo embora feito voto de pobreza, entendem que podem ser providos nas dignidades ecclesiasticas e maiores... e tambem ter collação e beneficios.

«Fazem violencia não sómente aos bispos, mas ao Papa, arrogando-se o poder dispensar *super irregularitate.*

«Esta Companhia, que nasceu ha dois dias e que não veio senão para fazer novos dogmas da Fé e perturbar o descanço da Egreja, esforça-se por abolir inteiramente a jurisdicção episcopal (n'aquelle tempo não dissera ainda um bispo: Somos todos jesuitas).

Este ultimo periodo faz parte da queixa do bispo de Paris, em 1563, contra um discurso do geral dos jesuitas, Laine, no concilio de Trento.

O arcebispo de Dublin, Jorge Bronswell, escreve, em 1558:

«Surgiu recentemente uma Companhia que se intitula *de Jesus*, composta de homens que vivem, a maior parte, como os escribas e phariseus. Tratam de abolir a verdade e tomam, para os seus fins, diversas fórmas. Introduzem-se no vosso intimo, afim de conhecerem as vossas intenções e inclinações. Serão admittidos aos conselhos dos principaes, os quaes não ficarão mais sabios, antes serão ludibriados pela astucia d'esses homens, peiores do que os judeus.»

N'este ponto, exc.^{mo} prelado, cumpre-me, em homenagem ao bom senso, reclamar pelos filhos de Israel: estabelecel-os em ponto de confrontação afigura-se-me alta-

mente injusto para aquella raça laboriosa, intelligente e soffredora. Ainda bem que os prelados de hoje não desdenhariam a amisade de Rotschild.

Mas, tem a palavra outro prelado:

O bispo de Bazaz, Mr. de Pontac, escreve, em 1569, a M. Lange, conselheiro no Parlamento de Bordeus:

«Aquelles que, por indiscreto zelo, receberam entre si os Jesuitas não tardaram em arrepender-se: testemunhas — grande numero de cidades da Italia, que todos os dias formulam amargas queixas, e os habitantes de Avinhão, que, pouco depois de haverem solicitado a presença dos Jesuitas, pediam a Sua Santidade que os afastasse do centro da população.

«Não é menos censuravel a avareza d'esses homens: asseveram que o seu intuito consiste em prodigalisar o ensino, sem remuneração mundana, mas os unicos colle-

gios que se lhes afiguram acceitaveis são os que auferem rendas de grande vulto...»

Entre nós, exc.mo prelado: a modestia dos *jesuitas de hoje*, o seu desprezo pelas coisas da terra, a sua humildade christã, as suas tendencias para os rigores do ascetismo não se distanceiam (Deus me castigue, se erro!) d'aquella tendencia dos bons padres do seculo XVI para fruir as *rendas de grande vulto*: o paço episcopal, onde v. exc.ª vae macerando as carnes por um modo que os ascetas desconheceram, — pobres ignorantes do sacrificio, — o paço episcopal, digo, não se me afigura perfeita reproducção do curral onde viu a luz o Redemptor: os lacaios e os aulicos de v. exc.ª não me dão amostra fiel da suave candura dos pastores; e se eu dissesse a v. exc.ª que portas hei visto, alta noite, abrirem-se aos apostolos... Parodia triste, excellentissimo senhor! *As portas do inferno prevaleceram* quando a saciedade da luxuria as impellia.

Que a bondade do meu pastor espiritual

tolere a narração d'uma historia profana, muito para confusão de theologos.

Até amanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma
attento venerador

Porto, abril 6, 1877.

Silva Pinto.

Sexta carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Béranger, Chateaubriand e o prelado de Paris jantavam, um dia, em casa d'este ultimo; é inutil descrever o *menu*: v. exc.ª conceberá decerto o que não ousa affirmar-lhe o meu respeito religioso por aquelle principe da Egreja: o prelado de Paris não offerecera talvez aos seus convidados dos pobres legumes que constituiam de ordinario a refeição do Mestre e da Virgem. Como quer que fosse, reinava santa alegria á mesa do prelado: Béranger recitava canções, o arcebispo Quélen applaudia, e o auctor do *Genio do Christianismo* desfranzia o carregado aspeito.

A' beira dos tres, uma espirituosa fidalga de Paris, conviva do prelado (sem epigramma!) suavisava, mercê de sua presença, as escabrosidades dos versos libertinos. Subito, a amenidade do *caraco*, toldada por um paradoxo feminino, descamba na discussão do inferno: quero dizer — da condemnação eterna. Assoma o rubor da colera prelaticia ao rosto do arcebispo; Chateaubriand franze o sobrolho olympico. Béranger ri occultamente. A dama interpella violentamente o irritado principe da Egreja.

— Posso asseverar lhe que não ha inferno, *monsenhor!*

— Asseverar! oh senhora condessa!

— Asseverar, sim, *monsenhor*, se o meu prelado quizer ser sincero...

— Então?

— Dirá que está d'accordo.

Imagine-se v. exc.ª na posição do prelado de Paris, se é licito imaginar-se o bispo Americo de parceria com Chateaubriand e Béranger: o arcebispo jurou, barafustou,

praguejou (Deus lhe perdôe, meu prelado!) e por fim:

— Ha inferno, com um milhão de diabos, minha senhora!

— E eu digo-lhe que nem ha inferno, nem sombra, sequer, de um diabo, replicou a dama. Senão digne-se, *monsenhor*, seguir o meu raciocinio. Poder-se-hia crêr que o meu prelado saboreasse com delicias esta magnifica perdiz, tendo o seu espirito assaltado pela suspeita de que algum dos seus parentes, seu pae, por exemplo, padecia no inferno a eternidade dos tormentos? Oh *monsenhor!* deixe-me ter em mais subida conta a benignidade do seu coração!

Que podia responder o arcebispo? O que v. exc.ª responderia; o que eu proprio responderia, meu prelado, se a má estrella da Egreja me houvesse feito arcebispo: amuou por honra dos principios e mudou de assumpto.

Mudemos tambem de assumpto.

Em 1614 o veneravel bispo de Albarazem, Jeronymo Baptista de Lanuza, mais

tarde bispo de Balbastro, escreve, no commentario sobre a prophecia de Santa Hildegardes; Theat. Jesuit., part. II, pag. 183. Mor. prat.

«Todo o mundo sabe que os Jesuitas procedem sem honra nem vergonha, em todos os actos da sua vida. Nada lhes serve de obstaculo para a realisação dos seus intentos.

«Foram elles quem inventou e applicou o processo da confissão por cartas, impondo aos penitentes a revelação dos nomes de seus cumplices.

«Não vemos (continúa o prelado) a quem applicar com mais acerto, do que aos Jesuitas, as seguintes palavras da prophecia:

«Apparecerão uns homens que viverão dos peccados do povo: estabelecerão relações com as mulheres, ensinando-as a illudir seus maridos e a cercearem-lhes os bens, em favor d'elles Jesuitas. Receberão subsidio e bens das mãos dos devassos, dos adulteros, dos apostatas, das mulheres

publicas, dos juizes injustos e dos principes que vivem contra a lei de Deus.

«Com que ar de suavidade (prosegue o bispo de Lanuza) não dizem elles dos outros todo o mal que se lhes afigura util a seus designios! Com o pretexto de um acto de superior caridade lançam o descredito sobre as suas victimas: não ha pretexto com que não mascarem a sua malignidade».

Ponho termo ás citações de Jeronymo de Lanuza, excellentissimo prelado. Seja-me licito indicar, de passagem, os factos que darão auctoridade á *prophetiza* Hildegardes e ao seu commentador, aos olhos de v. exc.ª As revelações da veneravel irmã da Ordem de Cistér foram defendidas por S. Bernardo e sanccionadas pelo pontifice Eugenio III; no concilio de Reims (1148). Da austeridade e virtudes do bispo de Lanuza testemunham as actas do capitulo geral da Ordem de S. Domingos, celebrado em Roma em 1629. Os estados do Aragão solicitaram de Roma a canonização d'aquelle homem illustre e veneraudo; entre nós, meu prelado, não

creio que a v. exc.ª reservem os portuenses do seculo XIX um destino similhante.

Deveria eu, excellentissimo pastor, levar a fadiga ao espirito dos leitores indiscretos das minhas epistolas, transcrevendo centonares de anathemas arremessados sobre aquella horda de miseraveis (alludo aos Jesuitas) hoje escudados com a protecção de Roma e inspirando os dictames da Curia? Citarei La Rochefoucauld, bispo de Angoulême; Smith, bispo de Caledonia; Le Prêtre, bispo de Quimper; Guerreiro, arcebispo de Manilha e tantos varões que combateram por sua honbridade e saber o descredito crescente da Egreja?

Prelado do Porto, á minha sinceridade apraz fazer justiça inteira á lucidez de v. exc.ª reverendissima: creio que o pastor espiritual dos portuenses não esperou que eu terminasse no campo da simples refutação de Balzac as minhas epistolas serenas. Mais perto venho. Abeiro-me dos *jesuitas de hoje*: dos intrigantes de taverna, dos despotas de seminario, dos conspira-

dores que minam surda e incessantemente o edificio liberal, que se escoram e apoiam na protecção politica, no fanatismo popular das aldeias do paiz e na indifferença desdenhosa dos liberaes cultos. Venho á beira de v. exc.ª e dos seus, sem declamações, sem phrases de effeito, sem rancores pessoaes contra uma classe ou contra um individuo, cheio de serenidade e conduzido por uma verdade evidente: o escarneo e a zombaria dos liberaes resvalam sobre as faces dos *jesuitas de hoje:* o vestigio do nosso escarneo desapparece, mas a peçonha *d'elles* inocula se.

Ha no meio liberal de hoje, entre nós, elementos de gangrena profunda, que disputam fóros aos *jesuitas*, na obra da destruição. Afóra protestos isolados, vemos o afastamento desdenhoso dos maiores espiritos e dos maiores caracteres;[1] vemos no jornalismo *sério* a venalidade e a ignoran-

[1] Citemos dois: A. Herculano e Anthero de Quental.

cia, em politica as deserções de cada hora e o rebaixamento mais sordidamente descarado das consciencias: por toda a parte a intriga organisando as egrejinhas das facções, o favoritismo e o compadrio seguidos pelo descredito profundo: descredito da Imprensa, das Academias scientificas, das instituições politicas, e um riso bestial em torno da dissolução: riso nos cafés, no parlamento, nas praças publicas, e um desdem cheio de lastima para os homens que olham com tristeza não os miseraveis que se afundam, mas o edificio que vae com elles.

Isto vejo e confesso, excellentissimo!

E' pois licito a v. exc.ª reconhecer no auctor d'estas epistolas a serenidade que repelle e exclue a condemnação *à outrance* dos individuos em homenagem cega aos principios. Distingo, meu prelado: as vestes prelaticas podem revestir, porventura revestem, uma entidade dupla — o *bispo*, raccionario chafurdando na politica militante, reclamando o espancamento dos libe-

raes, perseguindo os sacerdotes que não abafaram na sotaina a consciencia, conspirando nas trevas contra a liberdade, fomentando odios, insultos e calumnias, — e o *homem*, mellifluo, refalsado, especie de inquisidor moderno, dois terços de Vitellio e um de Judas.

Isto existe, padre, mas distingo: o *bispo* tem a minha indignação e o *homem* o meu despreso.

Abeiro-me dos *jesuitas de hoje:* isto disse, excellentissimo prelado. Porventura me afastara eu d'elles na intenção e na palavra? Os factos de hontem não terão acaso entre nós reproducção diaria, com o acrescimo aggravante da covardia? Hesito em descrevel-os perante as accusações de «rancores pessoaes» e de «amor do escandalo». Volvo os olhos, de novo, ao passado, cobrando alento para o *final* do meu trabalho.

Siga-me v. exc.ª

Em 1649 o veneravel bispo da Povoa dos Anjos (America Hespanhola) escreve ao Papa Innocencio V a seguinte narrativa,

que deixa na sombra o que de mais torpe e vergonhoso hei relatado em materia de altos feitos jesuiticos:

«Os ecclesiasticos que tinha mandado a Roma á presença de vossa santidade disseram, santissimo padre, que os juizes conservadores, que os jesuitas — tomaram para si — me tinham excommungado, me tinham feito innumeraveis affrontas, e tinham passado a outros escandalos. Mas depois da sua partida, excitaram os Jesuitas ainda maiores perturbações contra a minha pessoa e contra a minha dignidade. Moveram as mais violentas sedições, despedaçaram-me com injurias as mais atrozes; e perseguindo cruelmente tanto o meu clero, como o meu povo, reduziram o meu bispado a um estado ainda mais violento e mais miseravel do que d'antes.

«Vendo que o meu povo se não movia com as excommunhões nullas, que punham os juizes, conservadores dos seus privilegios; e que, pelo contrario, estava inviolavelmente unido commigo, se arrebataram

de um furor tão cego e violento, porque entendiam que os despresava a elles, que entraram no projecto de me prender, a mim, que sou o seu bispo, se não consentisse em sujeitar a auctoridade do meu logar e a dignidade do meu ministerio á sua desmarcada ambição; compraram por uma grande somma de dinheiro o favor do conde de Salvaterra, nosso vice-rei, que ainda fóra d'isto me tinha um odio mortal. Por meio d'elle usaram contra nós das armas, e da violencia. Arrastaram á cadeia ecclesiasticos e seculares; e nos obrigaram a supportar mil injurias, mil indignidades. Ajuntaram uma companhia de homens armados, composta das pessoas mais perdidas e mais depravadas que puderam achar, para se servirem d'ellas para me prender, para me despojar da minha dignidade e dissipar o meu rebanho. Para isto escolheram o dia da festa do Santissimo Sacramento Sem respeito ás censuras ecclesiasticas, que eu tinha publicado contra elles, e com as quaes estavam ligados, suspen-

sos, e irregulares, não deixavam de celebrar missa publicamente, administrar os sacramentos, confessar os seculares, e até prégar nas outras egrejas fóra das suas. Levaram á cadeia com uma violencia sem igual, e á força secular, muitos ecclesiasticos; entre os principaes d'estes foi o meu vigario geral, bispo eleito de Honduras, homem de grandissima doutrina e eminente virtude. Perseguiram tambem o meu rebanho, de mil modos, com uma crueldade barbara; e não houve invenção, nem artificios, de que não usassem com uma paixão incrivel, para me metterem a mim em uma prisão, ou ao menos me desterrar para fóra da provincia. Eu resolvi-me a conservar a minha vida e a minha dignidade por meio de uma fuga (que não podia deixar de ser muito honrada, pois era tão conforme ás regras do Evangelho) antes, do que obrigar os meus filhos, uma parte dos quaes estava inteiramente resoluta a defender-me, a que tingissem cruelmente as mãos no sangue uns dos outros;

porque eu tinha conhecido que o intento dos meus inimigos era, principalmente, ou prender-me, ou matar me em algum motim, para que, tendo chegado a conseguir uma cousa, ou outra, pudessem triumphar da minha dignidade, do meu povo, e da justiça da minha causa.

«Fugi para as montanhas, e busquei na companhia dos escorpiões, das serpentes, e dos outros animaes venenosos, que são immensos n'estas terras, a paz, que não havia podido achar n'esta implacavel Companhia de religiosos. Depois de haver passado assim vinte dias, com grande perigo de vida, e em tal necessidade de sustento, que algumas vezes nos viamos reduzidos a não ter outro comer nem outro beber mais do que unicamente o pão da afflicção e a agua das lagrimas, achamos em fim uma pobre cabana, onde estive escondido perto de quatro mezes.

«Não se esqueciam entretanto os jesuitas de me buscar por toda a parte: e para isto dispenderam muito dinheiro, com a espe-

rança de que, se me achassem, me constrangeriam a desamparar a minha dignidade ou perder a vida. Assim, com a extremidade a que fui reduzido, e com os perigos a que me expuz, foi o meu povo posto em salvo d'esta tempestade, e se restituiu a todo o reino a tranquillidade temporal; porque, pelo que pertence á espiritual, santissimo padre, emquanto temos os Jesuitas por inimigos, só Jesus Christo, ou vossa santidade, como seu vigario, é quem póde restituil-a, ou restabelecel-a. Tão terrivel é hoje o seu poder na Egreja universal, são tão grandes as suas riquezas, é tão extraordinario o seu credito, e a sujeição que se lhe rende é tão absoluta, que elles se levantam acima de todas as Dignidades, de todos os Concilios e de todas as Constituições apostolicas; de sorte que os bispos (ao menos n'esta parte do mundo) são reduzidos ou a morrer, ou a fraquejar pelejando pela sua dignidade, ou a fazer covardemente tudo o que elles desejam, ou ao menos esperar o fim duvidoso

de uma causa justissima e santissima, expondo-se a innumeraveis perigos, incommodos e despezas, e ficando em um perpetuo risco de serem opprimidos com as suas falsas accusações».

Até ámanhã.

Sou de v. exc.ª rev.ma

attento venerador

Porto, abril 7, 1877.

Silva Pinto.

Setima carta

Excellentissimo e reverendissimo senhor. — Continúa o prelado:

«Vendo pois os jesuitas que em vão me buscavam para me metter na prisão, resolveram perseguir, affligir e atormentar cruelmente o meu rebanho; e eis aqui de que sorte o executaram com grandissimo escandalo de todo o povo: Primeiramente mandaram vir da cidade do Mexico os seus pretendidos juizes conservadores, que são dous dominicanos, a quem eu pouco antes tinha excommungado: e tendo junto grande numero de carruagens para os ir esperar ao caminho, os trouxeram com uma pompa incrivel para a cidade da Povoa dos Anjos... Iam entretanto os jesuitas a cavallo

pelas ruas e praças publicas bradando em voz alta ao povo — *que se pozessem de joelhos a estes dous juizes conservadores, porque eram papas e summos pontifices*... Depois, havendo-lhes posto na cabeça uns chapéos de tafetá rôxo, os levaram com grande magnificencia por todas as praças publicas. Mandaram-lhes levantar com grande apparato um tribunal, fizeram dar trato de muitos modos a todos os ecclesiasticos e nobres seculares, excommungando uns, confiscando outros e servindo se do soccorro do braço secular para desterrar, encarcerar, injuriar e perseguir, por toda a sorte de modos e artificios, aquelles que não eram da sua facção *(aqui vão os nomes de todos os conegos e outros ecclesiasticos que foram presos, desterrados, ou fugiram)*. Serviram-se de toda a sorte de ameaças e crueldades para obrigar o povo a submetter-se ás suas censuras e determinações, ainda que fossem absolutamente nullas... Depois passaram a cousas ainda mais enormes; porque obrigaram á força de promes-

sas e artificios os conegos que restavam a declarar por vaga a cadeira episcopal.

«Tendo chegado assim os Jesuitas ao fim do seu intento, para cuja execução tinham feito jogar tantas machinas, usurparam altamente a jurisdicção ecclesiastica. Commetteram um adulterio espiritual: levantaram um altar sacrilego contra um altar legitimo: estabeleceram outros officiaes, outro provisor, e vigario geral, e tambem um vigario para as religiosas, e lançaram fóra os que eu tinha nomeado.

«Tomando os Jesuitas mesmos o governo do falso cabido, lhe fizeram revogar todas as determinações, que eu tinha feito em ordem aos bons costumes e reforma tanto dos ecclesiasticos, como dos seculares. Tinha eu probibido o comer e beber profanamente nas egrejas: permittiram que se renovasse este abuso, e profanaram as mesmas egrejas. Approvaram os clerigos seculares e regulares que eu tinha prohibido ouvirem de confissão aos seculares... Contra as minhas ordens permittiram ás

religiosas o tornarem a ter communicações suspeitosas com seculares e ecclesiasticos; e (o que é mais culpavel do que se poderia dizer) elles mesmos as exhortaram a isso publicamente. Deram um grande numero de licenças a religiosos moços para ouvirem de confissão as mulheres... Não cabendo em si de furor e raiva, de vêr que todos os esforços que faziam para desapegar os povos do amor que tinham ao seu pastor, não serviam de mais que de os azedar e animar contra elles, com grandissimas sommas de dinheiro ganharam alguns juizes seculares, e os obrigaram a fazer-me um processo crime. Constrangeram uns com as maiores violencias a ser testemunhas contra mim; venceram outros por dinheiro; persuadiram alguns com artificios; attrahiram outros com lisonjas e promessas, para que fossem depôr com juramento *que eu tinha attentado contra o Estado*... Mas, em um processo tão violento e tão cheio de nullidade, não lhes foi possivel convencer me de ter feito cousa que fosse

indigna do meu caracter. Assim, tendo-se desfeito em fumo este processo crime, que tão indignamente tinham forjado, passando os Jesuitas além de todos os limites do pejo religioso e da moderação christã, trabalharam por um modo ainda mais atroz do que antes em despedaçar a minha reputação, a minha pessoa e a minha dignidade.

«Com o pretexto de solemnisar a festa de Santo Ignacio, seu fundador, ajuntaram os seus estudantes e lhes mandaram fazer danças vis e torpes, a que os hespanhoes chamam *mascaradas*, nas quaes, com representações horriveis e posturas abominaveis, mofavam publicamente do bispo, dos sacerdotes, das religiosas e até da religião catholica... Estando assim mascarados estes estudantes, sahindo do collegio dos Jesuitas, correram no meio do dia por toda a cidade, representando estas sagradas pessoas com estatuas vestidas por um modo vergonhoso e indigno; e com um sacrilegio inaudito, misturando palavras

profanas com a oração santissima do Senhor e a saudação angelica, cantavam insolentemente, não temendo o seu desafôro commetter contra a Egreja de Deus, contra os bispos e sacerdotes, em um paiz christão e catholico, chocarrices ridiculas de theatro, sómente dignas de gentios ou de herejes. Alguns d'elles, misturando estas infames cantigas com a oração dominical, em vez de acabar dizendo: *E livrai-nos do mal*, diziam: *E livrai-nos do Palafox...*

«Outros, passando ainda mais adeante do que o fizeram nunca os gentios contra os christãos, faziam sobre si, á vista de todo o povo, com pontas de boi, signaes da cruz e clamavam em voz alta: *Eis-aqui as armas de um verdadeiro e perfeito christão!* Outro, levando em uma mão a imagem do menino Jesus, tinha na outra o que não é licito nomear (*Impudicissimum instrumentum...*). Outro levava atado á cauda do cavallo o annel episcopal e nos

estribos a imagem de uma mitra, para mostrar que a pizavam com os pés.»

Para citações basta, excellentissimo.

Eu não quero firmar o meu desamor pela exploração em factos mais positivos do que a minha quasi completa abstenção no terreno das personalidades. O interesse para as maiorias, em protestos d'esta ordem, consiste na revelação, ou antes na publicação de factos contemporaneos, discutidos ou commentados no theatro, nos cafés e nas praças publicas. A consciencia dirá, por mim, ao bispo do Porto se me seria facil colher na sua biographia de prelado documentos de perseguição odiosa e de vingança miseravel contra homens distinctos na Egreja portugueza por sua hombridade e por sua illustração.

A' hora em que a v. exc.ª me dirijo, seria licito commentar o ridiculo e odioso processo, menos odioso do que ridiculo, *perpetrado* contra o reverendo abbade de S. Christovão de Mafamude pelas camarinhas de sotaina: os depoimentos burlescos

e as tristes accusações, tão covardes e mesquinhas, que o sacerdote perseguido póde, de antemão, contemplar o seu pedestal nos cadaveres dos estrangulados perseguidores.

Excellentissimo prelado, ha dezenove seculos que o maior espirito da antiga Roma e um dos mais illustres da humanidade lavrava, como que de olhos fitos nos impostores de hoje, definição que estes ultimos reclamam: *Apud alios loqui didicerunt, non ipsi secum* [1]. V. exc.ª rev.ma não se me afigura bem um d'aquelles entes privilegiados a quem alludiu Juvenal:

> ..... Queis arte benigna
> Et meliore luto finxit præcordia Titan...[2]

Eu não reclamo dos prelados de hoje abnegação e dotes correlativos a requererem a adoração dos fieis. Não desconheço

[1] Cicero; tusc. quæst. l. 5, c. 36.
[2] Sat. 14, v. 34 e 35.

que a intriga, a perturbação e o embuste, como *armas*, a hypocrisia e a immoralidade, como *dotes*, constituiram até hoje patrimonio de bispos, brahmanes, muphtis, magos, faquirs e outros monopolistas do ceu, não peze a honrados bispos, cujo testemunho invoquei contra a Companhia de Jesus. O meu protesto levantou-se simplesmente contra as saudações *ás vossas virtudes*, contra a apologia de vossos feitos, contra o fanatismo estupido, que vos serve e reverenceia, que hoje, como hontem, se chama devoção, caminho do *beaterio;* beaterio caminho da *prostituição;* que hoje, como hontem, se traduz em vergonha do lar, em luto e em miseria: eu, que a v. exc.ª me dirijo, prelado do Porto! fui discipulo dos *jesuitas*, e juro, pela Liberdade, que todos os meus condiscipulos que não reagiram contra a empeçonhada educação, a um tempo mystica e devota e hypocrita, delatora e traiçoeira, d'aquelles miseraveis, são hoje ainda, ao cabo de dezoito annos, dissimulados, covardes e alheios a todos

os brios e a todos os deveres do homem e do cidadão!

Padre! a accusação de calumnia pronunciaram-n'a já contra mim os calumniadores de officio, os mercenarios de sotaina; juro a v. exc.ª que não descerei ao tremedal, a erguer o que *elles* reputam aggravos; não responderei sequer ás injurias do padre Moura, mais douto em assumptos de taverna do que em materia de criticismo religioso; afastar-me d'essa gente não é covardia, bem sabem *elles* que ninguem póde temel-os e que *eu* nunca os temi: é, porém, licito passar de largo quando um grupo de dementes saltita no enxurro: passei de largo e venho dizer a v. exc.ª as ultimas palavras, que serão para muitos esclarecimento e para o meu ataque (?) justificação.

Em 1545 e em 1562 o concilio de Trento prohibe aos bispos que tenham amantes nas residencias episcopaes, — signal manifesto de que as tinham, diria o popular Wenceslau.

O mesmo concilio prohibe aos *clerigos* que conservem em seu poder os *filhos que hajam tido de suas amantes.*

Concilio de Montpellier (1215):

Prohibição aos bispos de lançarem *(como o teem feito)* o interdicto sobre as egrejas, com o fim de obterem dinheiro dos respectivos curas.

Copia textual do processo verbal do concilio de Sens (1460):

«Os padres trajam immodestamente, frequentam as tavernas (sem epigramma ao padre Moura) e as casas de jogo, estabelecem peditorios, sem auctarisação, desviando o seu producto...»

Até agora os concilios severos. Importa desfranzir o sobrolho.

Concilio de Worms (868):

«Se um bispo fôr accusado de alguns crimes resgatal-os-ha dizendo tantas missas quantos forem os crimes imputados».

Basta de nojo!

Meu reverendissimo prelado, é tempo de concluir: sinto-me fatigado pela attitude re-

verente que me impõem os mens sentimentos pela Egreja e o especial conceito que v. exc.ª soube de ha muito merecer-me. Diz-me a consciencia, esta cousa sagrada, mais luminosa, quando viva, do que o espirito dos concilios, que é mistér honroso corrigir inepcias, prevenir incautos e desmascarar tartufos: n'este empenho vou lidando em paz com a consciencia, se em guerra com os homens e desviando-me do bem estar corporal, em harmonia com os dictames do seu Christo, meu prelado, e com os meus... Se v. exc.ª rev.ma, no recinto do seu paço, cortejado pelos seus famulos, alguns dos quaes exultam com as minhas epistolas, sentir despertar o desejo de conhecer-me, dir-lhe-hei que na carreira ecclesiastica eu nunca desceria a *bispo*, como na vida jornalistica não descerei a *academico*: os diplomas que me recommendam junto de v. exc.ª, póde resumil-os o seguinte, elaborado por *um bispo de outra diocese*, gigante que eu contemplo com

os olhos d'alma e perante cujo nome v. exc.ª baixará os seus.

Ahi fica, padre, o documento:

«Silva Pinto.

«Li, profundamente commovido, as pa-«lavras que soube conquistar á sua nobre «e severa independencia o meu singelo tra-«balho *(O Bispo)*.

«No silencio que recebe de ordinario os «meus livros, estimo ouvir, de quando em «quando, uma voz amiga, que me envia «uma saudação fraternal. Trabalho porque «creio, e, para robustecer a crença que me «incita, essa voz é para mim um echo da «justiça futura, a que ha de dar-me tam-«bem o meu quinhão de luz na aurora que «se levantará então sobre as campas razas «de todos nós.

«Abraça-o o seu amigo muito reconhecido

Guilherme Braga».

Por mim, sou e serei de v. exc.ª rev.ma, snr. D. Americo dos Santos Silva, —o que a sua consciencia de prelado lhe disser que sou.

Porto, abril 3, 1877.

Silva Pinto.

De profissionaes

I

A Patria é o orgão republicano do concelho d'Ovar. Dirige este semanario o sr. Antonio Valente d'Almeida. Tenho a honra de reproduzir o artigo que o digno jornalista alli publicou em 1 d'abril do corrente anno. Assim diz:

«Silva Pinto

A proposito da *recita-homenagem* ao illustre escriptor, promovida por um grupo de seus admiradores e amigos.

«Quarenta annos de inconfundivel vida litteraria: quarenta annos bem cheios, pois que empregados, pois que empenhados na lucta — face a face com a estupidez e a malevolencia, e frente a frente com o cynismo.

Passo a passo, hora a hora, dia a dia, inalteravelmente *sensivel*, inevitavelmente *generoso;* trazendo ao embate do Circo as grandes coleras da Justiça, as nobres indignações da Honestidade, a superior magnanimidade dos fortes: — o bello, o admiravel caminho traçado pela persistencia, a cerebração do escriptor! Talento de primacial importancia, individualidade creadora, espirito claro, subtilissimo, profundo; rictus ironico, — da poderosa e rara ironia dos Mestres, — como ha-de o pobre de mim esquissar a Obra, fallar do auctor: insufficientemente, mesquinhamente para que cinematographal-a quem o não sabe, quem o não pode, quem o não deve, portanto?!

Citar, rascunhar nomes, dar aqui a broxadela de um adverbio, pintamonar, descoradamente, o trecho preferido no concerto e amplidão do edificio, aquelle portico, além a ojiva e aqui o florão simbolista, — figurar a rima dos seus sessenta volumes como o completo da Nave tecida em pedra, gizada em sonho, harmoniosamente perfeita e ga-

lhardamente imperecedora... citar, dizer, se os titulos são do que todos sabem e todos, salvo os tolos e isso não conta, todos unanimemente idolatram ou pelo menos respeitam; citar, n'este caso, é inutilidade, é pedanteria, talvez.

«Paginas vivas e inimitaveis que hão sempre ter quem as leia amorosamente, quem as admire, quem n'ellas veja, lucidamente, uma riquissima, uma personalissima dição; — unica sob a sua fórma e no seu pujante caracter: unica e sempre naturalmente espontanea de seiva florida e juvenilmente vivaz... paginas que um prélo palpitante — Alma — tem pela vida fóra e pela edade adeante marcado, documentado, deixando-se pelo papel a si mesma, sem se gastar, sem se corrompêr!

«Paginas — quantos milhares! — de enternecida piedade pelos que soffrem, de irreductivel severidade para os que gosam, — de um lado a devoção e dedicação pelos pequenos e pelos fracos, do outro, indomavel nas suas arestas, a inconciliação insubmissa

com os que vexam, com os que opprimem: os fortes, os plantarosos e os *habeis:* permanentemente o fundo de mais sympathia e o de maior accordo na obra direita e admiravel do escriptor, — homem de coração n'uma penna de ciro!

«A devoção pelos fracos, quero dizer os desprotegidos, os sobrecarregados; a sympathia pelos pequenos, — devoção e sympathia *militantes*, eis do que eu teria querido fallar, porque, de facto, é o que mais me eleva á admiração desde os *Combates e Criticas*, as *Noites de Vigilia*, e o *Alma Humana*, até ao ultimo volume, do *Frente a Frente:* parte da serie notavel em boa hora iniciada com a *Philosophia de João Braz*... um caloroso brado a favor dos nús, dos famintos, dos pobres diabos da amargura.

«Essa *philosophia*, principio e modo na vida, tenho-a debaixo de mão, para as meditações solitarias e para as energias renovadoras; necessariamente, um bom livro, valendo mais, muito mais que qualquer formalidade da etica, calva, hieratica, secca;

e não conheço a Silva Pinto nenhum volume que não seja uma boa acção; um nobre trabalho pela Justiça.

*

«Pamphletario, Silva Pinto em cada seu livro, pelo sarcasmo, pela ironia placida, por o que os inglezes chamam *humour*, incansavelmente, faz o processo do mundo velho, o mundo pôdre, o mundo iniquo — que é o seu, que é o nosso; ai de nós! e por quanto tempo! Como poucos dos libelistas, porém, o alto escriptor não ataca só, meramente, a representante de tal torpeza, de tal absurdo, de tal iniquidade: o accidental, o fortuito: — vae a sua penna nervosa ao fundo negro do poço e sarja e anatematisa a instituição e o facto, no que ha n'elles de permanente, de originario, de organicamente insoluvel pelos meios timidos de endireitadores sem firmeza, quando não, sem sinceridade. Vae a sua penna e escava, ardua obra de sapa, fatigadora, des-

alentando pela viscosidade molle, que a dureza petrificada estimula, vae e rasga com a galhardia e tenacidade de um campeador de Justas antigas — annos a fio na brecha, ao fim, fecunda como um mar; resistente e bella como um diamante.

«Tarefa aspera, superior destino: servir a causa que traz pobreza, por Capitolio ter uma penna; mas amontoando livros sobre os homens, traçar o *mane thecel pharés* que, os que pisam, ao accordar de suas festas hão-de vêr um dia, pontualmente, no irrevogavel das supremas leis que regem os factos.

«Pontualmente, irrevogavelmente, embora com vagar: *Ça ne marche pas* para a demorada e anciosa espectativa de sessenta annos sem o seu abraço; mas ao cabo, e determinativamente, em movimento irreprimivel.

«Difficil, por demais, não é apear um idolo; mas já canceira só de titans é o arrancar do alicerce cimentado á terra, — a molle macissa onde se fez throno, — e ha

muitos annos que o camartelo de Silva Pinto embate contra a ultima, teimosamente, para que apóz o bonzo cahido não se levante um mais novo e nem por isso menos monstruoso.

«Ha muitos annos que dá batalha e o esforço, o cristalino trabalho, não é perdido para as gerações que o saúdam; vae aclarando o horisonte; já nós, os novos, nos aqueceremos ao sol, á liberdade do novo dia; nós, para com o homem que finda a jornada sagrada, seus devedores do triumpho, seus bemfadados herdeiros: — e na aspiração seus discipulos.

«Quarenta annos de litteratura, distincta entre a mais distincta que em Portugal se tem feito, dão bem direito á honra civica dos concidadãos, com o significado na latitude de: — consideração nacional. Mormente quando essa litteratura é posta indefessamente, ao serviço do bello, do justo; quando pleiteia pela razão e quando batalha pela verdade, pela humanidade: — pela Bondade sem juros.

«Honramo-nos, erguendo o trabalhador mental nos escudos, e livramo-nos, de uma cajadada, de «ingratidão» e «estupidez», o que teriam de nos chamar, ámanhã, os nossos irmãos quando reparassem o nosso erro.

«E foi apenas para isto — exarar a minha profunda homenagem, sacudir a agua cá do capote, que este, desalinhavado, vesgo, mas puro pela intenção, sahiu a lume por mal de sorte.

Sem *requerimento*... percebem?»

II

Da *Voz da Beira*, redigida em Oliveira do Hospital, pelos srs. Manuel Telles e Padre Luiz Augusto Martins (n.º 52 do semanario):

«Li ha dias, n'um jornal de Lisboa, collaborado assiduamente pelo grande escriptor Silva Pinto, um notavel artigo de sug-

gestiva critica a uma caracteristica feição da nossa vida nacional.

«O auctor d *Philosophia de João Braz*, em cuja prosa se mistura, como na de Henri Heine, n'uma estranha fusão, o humorismo mais scintillante e vivo ao mais severo e azedo pessimismo, ha-de ficar entre os jornalistas da nossa epoca, como um dos primeiros, senão o primeiro, embora os seus artigos de critica aos acontecimentos diarios não tenham no paiz o renome e a procura, d'alguns, que com muito menos merecimento do que elle, conquistaram as graças da opinião publica.

«Não é que a prosa de Silva Pinto, com o seu ar cuidadamente litterario, esteja fóra do alcance da educação e gosto artistico do nosso paiz. Não; embora cultivadamente litteraria, a sua prosa é d'uma composição tão simples, d'um mechanismo de fórma tão commum e vulgar, que muito peor são de se entenderem os artigos algo espaventosos...

«O que rouba a Silva Pinto a populari-

dade e o prestigio que a sua missão de jornalista, por tantos titulos devia conquistar-lhe, é a sinceridade feroz dos seus artigos, desnudando as questões a que se afferra, transformando o papel em mesa de autopsia e os assumptos em esqueletos de cadaveres. E não é d'isto, d'esta verdade palpavel e cruel, verdade que doe, mas que salva, que o paiz mais gosta d'ouvir. [1]

«O que o paiz quer é que lhe fallem ao sabôr dos seus desejos, que lhe adivinhem os gostos d'occasião, um pouco de má lingua hoje, um bocado de louvaminha ámanhã, tudo adentro e por eterno motivo, da sorna politica sertaneja. Lá irritarem-lhe os nervos é que não. Muito menos mudarem-lhe de assumpto e ferirem outras notas de qualquer suja podridão social. Respeito aos

---

[1] Fala Camillo Castello Branco, em seu Prologo, dos meus *Combates e Criticas:* — «Ainda não conquistou a *popularité populacière* : para isso falta-lhe escrever mal.»

S. P.

focos infecciosos e... de largo! Conservantismo intransigente até no que é mau. Quando muito a ladroagem dos governos, o batido descredito dos Mariannos e dos Navarros. Isto para as formidaveis cargas ao gosto popular. Para os elogios e encomios ao mesmo aperitivo gosto, a rigeza de pulso do Franco, a honradez lendaria do José Luciano, as qualidades parlamentares do Alpoim ou do Arroyo, as habilidades financeiras do Marianno, o aprumo e talento de grande estadista do Hintze e outras quejandas e por demais sabidas parlapatices.

«E não ha quem os tire para fóra d'este invariavel thema de critica.

«E' que não ha nada mais facil que tal systema de encher jornaes, systema que, de resto, cahiu no gosto do nosso publico, que não comprehende outro e não quer que d'outro lhe fallem. Ou não fossemos nós o povo que perto de dois seculos, esperou e acreditou na vinda de D. Sebastião! Certamente que a politica do nosso paiz é um elemento fundo, em que se podem buscar

motivos de largos livros de critica sobre a nossa decadencia, quanto mais, simples *artigos de fundo* periodicos Certamente que assim é. Mas o nosso jornalismo é que não se occupa a rebuscar no cavername pollnido e arruinado da chamada não do estado os tuberculos que a fizeram apodrecer. O que o nosso jornalismo não faz é applicar a essas *baterias* de animalculos, os sôros antipestosos que uma boa observação do mal e uma clara comprehensão das modernas theorias scientificas, physica e moralmente fallando, aconselham. O nosso jornalismo está tão atrazado para esta epocha de rigorosa observação e estudo, como um medico que desconhecesse as grandes descobertas e principios chimicos de Pasteur, e fosse no tratamento da raiva ou da tisica applicar a *agua quente e sangrias* do bom collega do *Gil Blas*. O nosso jornalismo lembra, precisamente, uma grande multidão de pessoas assistindo de terra a um naufragio, n'uma gritaria de ensurdecer, soltando lamentações, e torcendo as mãos afflictas, mas sem

que nenhuma se lembre de qualquer expediente libertador, e que nenhuma se atire ao mar, levando as boias salvadoras aos naufragos.

*

*

«Silva Pinto, que preferiria quebrar a penna a torcel-a e accommodal-a aos habitos e gostos do vulgo, salienta-se n'este estagnado meio jornalistico de Portugal. Não passa o tempo a dourar pilulas, para illudir o bom paladar dos que leem. Dá lhas a engulir como as faz, amargosas e duras. E é assim que ellas fazem melhor, embora os doentes lhe torçam o nariz.

«Depois, Silva Pinto, não se limita a funcções meramente especialistas no diagnostico de determinadas doenças. Abrange nos seus estudos todos os variados ramos da pathologia social. Abre todos os cancros, pensa todas as chagas, tacteia todos os symptomas.

«Assim, elle tem ferido e adivinhado os

mais reconditos tumôres do nosso organismo collectivo e nos causticos violentos que a muitos tem applicado, já decerto outro doente, de menos degenerado temperamento, teria saltado a terra prompto para uma nova vida. Que, não basta quem nos cure e nos dê remedios infalliveis; é preciso que nós nos convençamos da efficacia d'estes e que ajudemos, na nossa vontade de viver, o medico e a therapeutica.

«Vou porém referir-me directamente ao artigo de Silva Pinto, a proposito do qual venho de bordar as considerações que para ahi ficam.

«Versa esse artigo, em que entra a perguntas o philosopho Tiberio, sobre o bom conceito publico do triumphadores politicos *pelo trabalho energico de muitos annos* e a adiposa gordura da banba que os reveste em confronto com a magreza e perguiça ingenitas dos chamados intellectuaes, escriptores, artistas, homens de pensamento, etc. Tiberio, quer que se tire o chapeu respeitosamente áquelles senhores que levam

uma vida inteira de trabalho e se não dê tanta consideração a estes pelo pouco que fazem, pela sua peculiar indolencia. Desculpa a gordura d'aquelles e não admitte que estes se revoltem contra a injustiça que os condemna á fome.

«Silva Pinto ouve; mas o Tiberio apanha pelas ventas esta lambada que se repercute sonorosa e a arder nas ventas de quantos Tiberios philosopham sentenciosas alarvices por esse paiz além:

— «Ha um ponto de critica, muito bem assente, que vincúla as faculdades de governantes e de governados, na *ditosa patria minha amada*. E' licito (!) a um birbante sem escrupulos e com cadastro abafado, a um charlatão de feira politica, no jornalismo de pé fresco ou fóra d'elle, collar-se durante annos á arvore orçamental, sugar-lhe a seiva, comer-lhe as folhas, esgarçar-lhe os ramos, apodrecer-lhe o tronco e metter no proprio bojo toda aquella vida, toda aquella seiva. Avoluma-se-lhe o bandulho e

cria-lhe lustro o pêllo. A voz adquire-lhe tom auctoritario. Do troca-tintas surge um conselheiro, mais ou menos director geral com fundadas aspirações a ministro O malandro está no fundo do cavername.

«Este trapólas prospero é um animal tolerado. Contra si apenas conta os invejosos menos habilidosos ou menos felizes — são os inimigos evidentes. Os *homens que desprezam*, por direito de caracter e de conquista, não produzem perturbação. Refolia-se, espoja-se, triumpha o tolerado. E' do tempo; é historico.

«As exigencias severas só se applicam ao *homem de pensamento*, ao *artista*, ao *homem de talento*. Esses sim: precede-os e segue-os a reputação de gente dissipadora. Quanto custou ao seu paiz Latino Coelho, accusado de *perguiçoso* por todos os relaxados e por todos os imbecis da sua terra? Menos do que um activo e sujo galopim. Quanto tem *devorado* o nosso grande Raphael Bordallo, que nas suas caricaturas só olvidou ou desprezou a de um *tribunal d'honra constitui-*

do por gatunos? Ralé de estupidos miseraveis! O mais apropriado assumpto para lhes distrahir as *memorias* seria a historia da agonia dos superiores mortos pela miseria! Depois um sonoro concerto de lamentações hypocritas — pela Humanidade e pela Patria!»

III

Do *Correio da Extremadura* (n.º 923), de Santarem:

«Silva Pinto, o grande philosopho e pensador, que dia a dia vem escrevendo com a sua scintillante penna, nas columnas do nosso collega a *Epoca*, deu agora á estampa uma carta do nosso malogrado conterraneo José Eugenio dos Santos, uma preciosa existencia que a morte ceifou ainda no verdor dos annos, que aqui vamos registar no jornal que teve a honra de receber em vida d'esse talentoso rapaz a sua primorosa collaboração.

«Diz Silva Pinto:

—«De uma cidade que é capital de um districto contiguo ao de Lisboa, recebi em 1903 umas considerações, em prosa e verso, suggeridas por um artigo meu, a que se referem e que abaixo reproduzo, para completa comprehensão de tudo. Esse artigo, que viu a luz n'uma folha de Lisboa, acha-se no meu livro *N'este valle de lagrimas,* publicado em 1896. Quanto ao *original* que elle determinou, levou sumiço, quando o recebi e só hoje me reappareceu.

«Ignoro se o meu correspondente, gravemente enfermo ha seis annos, vive ainda, para ver reproduzido em publico o seu trabalho. Oxalá! N'esse caso, affirmativo, poderá hoje receber o aperto de mão, demorado, de um companheiro... em amarguras.»

Eis a carta:

«... *Sr. Silva Pinto.*

«Dei-me hontem a pensar sobre aquelle seu artigo do *Popular*, a respeito do Suicidio, e d'ahi resultou esta carta a V., a quem não tenho a honra de conhecer pessoalmente, e que muito menos me conhece a mim. O caso, além de extranho, póde parecer disparatado; mas não o será, talvez, inteiramente: 1.° porque quem escreve para publico communica em espirito com muita gente que nunca viu, e ahi tem os seus *conhecidos*, e até os seus amigos, e ainda os seus inimigos; 2.° porque ha n'aquelle artigo opiniões, que eu não estou habituado a ver em escripta, ou porque poucos *saibam sentir* assim, ou porque não tenham a coragem de o publicar, e com as quaes a desventura de ha muito me pôz d'accordo; 3.° finalmente, porque, por aquelle respeito pela dôr alheia, tão natural em quem tem sido rudemente contundido pela adversida-

de, V. poderá achar extravagante, não achará de certo ridiculo, que eu busque, por um momento a natural consolação dos tristes de desabafar um pouco com quem, pela afinidade de opiniões, tão bem nos possa entender — e sobretudo quando essa pessoa é *alguem*.

«Mas o que póde importar a V. a minha vida?

«E' verdade isso; mas o que poderia, por ventura, importar-lhe, como escriptor, seria a apreciação das suas opiniões por quem o lê: e o fim principal d'esta carta é que V. saiba que alguem, cá dos confins da geral, disse: apoiado!

«Ora, pois: ha no referido artigo de V. duas affirmações que eu particularmente acceito e aprecio: 1.ª que, desde que o *porqué* da vida se afundou, a continuação d'ella deixou de ter razão de ser; 2.ª que o suicidio não é um acto de cobardia, mas de coragem: cobardia é *consentir* na continuação da vida, depois do naufragio de todos os estimulos que a manteem e justificam.

.....

«N'esta ordem de idéas, alinhavava eu, já ha bastantes annos, as seguintes linhas:

ULTIMA PENUMBRA

«Se ha homens que ao revolto turbilhão da vida
Sómente p'ra soffrer parecem ser lançados,
Que póde haver de extranho no acto do suicida,
Que só busca, a final, um termo, uma fugida.
Aos seus dias maguados?

Se foi só para a dôr, sómente p'ra soffrer,
Que alguem depoz no mundo esse infeliz preceito,
Em face da razão que crime póde haver,
Se busca libertar-se de um viver afflicto,
E emfim, quiz morrer?

Acaso alguem tem culpa de se achar no mundo?
Que póde pois haver de extranho e singular,
Se elle tenta volver, se tenta regressar
Ao anniquilamento eterno — esse profundo
E inconsciente estado a que o foram buscar?

Onde está pois ahi a excepcional torpeza,
Levitas da Moral, interpretes da lei?
— P'ra que folgue a Moral forçoso é com certeza
Que pene, que agonize e soffra a Natureza?
— Philosophos, dizei!

. . . . . .

E será justo, ó Deus,
Tu que deves ser bom e ser compadecido,
Que eu seja d'infortunio eterno perseguido,
Como expiando crimes que não sejam meus
Ou faltas que jámais eu haja commettido !

Não ! pois bem : quando em fim a esperança é já perdida
E a dôr nos alanceia,
Que ao menos seja livre p'ra sahir da vida
O que só n'ella entrou pela vontade alheia ! »

«Quando isto appareceu em letra redonda chamaram-lhe subversivo. Será.

«Pela morte de Anthero escrevi eu tambem :

AO SUICIDA

ANTHERO DE QUENTAL

«Como eu te quero, ó alma delicada,
Sensitiva que a mão da dôr feriu,
E do rude contacto maguada
As pétalas mimosas retrahiu !

Ah ! tens razão ! p'la dôr purificada,
Foste p'ra Deus se o ha ; e a não o haver,
Deixa a Moral bradar 'scandalisada,
Que a gente tambem cansa de soffrer.

Quantas vezes, em vida, nós morremos
(Horas crueis em que desfallecemos)
Antes que surja a bala redemptora !

Quando virá tambem o meu resgate !
Quando o lance final que dê o *mate*
No jogo d'esta vida esmagadora ?»

«Pois apesar de assim pensar do suicidio, ainda hoje sou vivo — e em que condições ! Tisico ha 5 annos — tisico em ultimo grau, sem esperança de qualidade nenhuma, que justifique a minha existencia ! Apologista do suicidio e sem coragem de o praticar : o que de ha muito me deu a convicção de que o suicidio é um acto de coragem, que não é dado a todos pôr por obra. Verdade seja que ainda lhe não perdi de todo a esperança ; mas já deveria ter sido.

V. que, ao que parece, tem olhado tan-

to para a dôr humana, desculpe a impertinencia de mais um triste, dos muitos que ha por este mundo.

«Santarem, 18-1-903.

«Sou com toda a consideração

«de V. etc.

«*José Eugenio dos Santos.*»

IV

Da *Chronica* (n.º 14), revista litteraria, propriedade de A. M. Pereira:

«SILVA PINTO

«Não vou fazer-lhe a biographia, que essa seria longa e matisada de traços irisados, cheios de amarguras humanas, de desillusões das cousas e dos homens, e de verdadeiras victorias litterarias, d'aquellas que

criam um nome e atravessam uma geração.

«Em dizendo que elle foi o discipulo dilecto de Camillo, creio dizer mais do que o sufficiente para acentuar o seu grande valor.

«Dos que lêem, creio que não existe ninguem em Portugal que não conheça o nome de Silva Pinto, esse Schopenhauer portuguez, que em boa prosa vernacula tem, sob o pseudonymo de *João Braz*, derramado taças de critica, de philosophia, de observação e de criterio.

«Incontestavelmente, este homem é um talento de primeira ordem, ao qual encontro o unico defeito de conhecer a sociedade quando a descreve, e desconhecel-a quando lida com ella.

«Silva Pinto é um amargurado e um desilludido. Pela lente clarissima de seu pessimismo ultra, vê todas as miserias da alma e todas as criptogamias nocivas do espirito.

«Coração de poeta, elle quizera que o Bem e a Virtude, o Amor e a Sinceridade,

reinassem na Terra; mas infelizmente, é o contrario que preside á marcha da Sociedade.

«Isto fal-o rir no papel, como só elle sabe, em rajadas de espirito e avalanches de ridiculo que abalam os mais solidos fundamentos da imbecilidade e da hypocrisia humana, mas tambem tornam-n'o aspero e espinhoso no trato pessoal.

«Elle desconfia de tudo e de todos, e afinal ainda ha quem o estime e muito quem o aprecie.

«Prouvera a Deus que elle um dia se convencesse d'isto, afim de lhe serem mais doces os dias da sua existencia!

«Teem-lhe dirigido as mais persistentes e crueis settadas, mas n'isto reside o seu grande valor.

«Um mediocre — ri-se a gente d'elle e passa adiante.

«A um talento é costume fazerem cerco em regra os vaubans da litteratura, e as ratazanas das lettras.

«Camillo percebeu-o e reconhecia-lhe o

valor, e é este o mais honroso e soberbo florão da sua corôa litteraria.

«E' na critica que elle tem demonstrado toda a pujança do seu talento, vendo os homens e os factos nitidos e reaes através a espessa camada das apparencias em que elles se envolvem.

«Ninguem como elle surprehende melhor um delicto em flagrante, expondo-o vivo e a espernear á gargalhada publica.

«A sério, é caustico, arrojado, violento e soberbo, e a sua penna fustiga e corta as carnes como um latego biblico. Amigo disvellado das creanças, elle concentrou no pequeno Marius todas as suas affeições e sentimentos, farto o coração de sangrar, ferido pela ingratidão dos homens.

«E essa affeição é a nota vibrante e nitida de que foi a maldade social quem crystalisou o seu coração nascido para estimar e ser estimado, *malgré* todas as excentricidades do seu modo e feitio particular e especial.

«Como veem, isto não é nem a sombra

de uma biographia, mas apenas uns leves traços do homem em quem reconheço um dos mais talentosos e autorisados escriptores do meu paiz.

«*Alfredo Gallis*».

V

Do *Gabinete dos Reporters*:

«Eis um nome de corajoso e audaz fundibulario, que o nosso pequeno mundo das lettras tem julgado com a mais desfavoravel e crua injustiça... Elle é um revoltado, seguramente; o seu grande espirito reage com a mais brutal energia contra a ideia feita capacho, o espirito feito adulação. Librando-se alto e de longe, a sua possante individualidade foge de misturar os seus protestos ao concerto coaxante das rãs que no charco pedem um rei. Mas tambem, de cada vez que o cacete providencial, cahindo

de chofre na agua, assusta e debanda os pobres reptisitos, elle, de cima, ri... D'ahi a lenda de rebellião, de intractibilidade com que lhe teem arriçado o nome os que o odeiam e o temem.

«E todavia Silva Pinto, a dentro das asperezas do seu temperamento excessivo, guarda uma alma extremosissima. E' ver a facilidade espantosa, a espontanea e viva arrogancia, o desinteressado afan e a alarmante alegria com que a sua penna se apresta a defender toda a idéa grande, todo o pensamento levantado, toda a iniciativa fecunda e generosa E' ver como em todos os tempos e situações da sua vida attribulada e ravinada de infortunios, sempre o seu espirito enfileira ao lado do Bem, e sempre, quer seja o polemista ardente dos *Combates e Criticas*, quer o resignado philosopho *João Braz*, elle tem alma e coração para baterem unisonos com a desgraça, e vergastarem a poder de indignação e de sarcasmo a impudencia triumphante

dos grandes malandrins dispondo da sorte e da fortuna.

No cyclo restricto das suas predilecções, na commovida evidenciação dos seus affectos, teem logar á parte os seus irmãos mentaes, os seus mais particularmente afins pelas privilegiadas modalidades do espirito. —Teve-o Camillo, o seu mestre e carinhoso amigo de tantos annos, de cujas tremulas mãos, já entresilhadas por um exaspero senil de nevropatha, que o isolamento e a dôr exaberbaram, o notavel critico soube colher a herança e o segredo dos mais ricos e abundantes mananciaes de vernaculismo da lingua portugueza. Teve-o Cesario Verde, esse ephemero incomprehendido, que, gerado no seio d'esta sociedade purulenta, molle da espinha e do cerebro, em cuja lassidão crepuscular, como n'um esgoto, se afogam todos os ideaes e florescem todas as intrigas, havia de succumbir cedo, fatalmente... Uma estrella n'um pantano, não ha exemplo; só por emprestimo, reflectida do céu.

«Acabámos de escrever que Silva Pinto herdou de Camillo o segredo de escrever bem, e é verdade. Nenhum escriptor entre nós é hoje mais vernaculo, nenhum dispõe d'um estylo mais masculo, mais synthetico, nem d'um mais pittoresco, variado e intensivo poder de expressão. Cumprindo á risca a conhecida formula de Taine, «de que toda a Arte consiste e se resume na *manifestação* por *concentração*», Silva Pinto usa e possue uma prosa singular e inconfundivel, em que o mais penetrante vigor se casa com o mais nobre atticismo, com a mais limpa sobriedade, e que o feitio especial do seu temperamento, e as demasias caudaes da sua sensibilidade, fazem palpitar de não sei que extranho nervosismo, fazem vibrar d'uma nota dolorida e lugubre, fundamente humana, que inalienaveis predilecções rhethoricas nunca deixaram com tanta sinceridade manifestar mesmo ao proprio Camillo.

«Temos pois Silva Pinto um descontente, um revoltado, um azêdo, um monge-*trap-*

pista da Liberdade, do Amor e da Justiça. Sempre o foi. Desde os seus primeiros tempos bohemios, em que, no Porto, dava a lume o folheto *Controversias e estudos litterarios* (1878), e fustigava as instituições e apavorava o burguez com os *sueltos* d'um escarninho jornal, a poder de difficuldades sem conto impresso n'um recanto escuso de viella. Onde residirá a causa, d'onde virá o phenomeno?

«Em primeiro logar, elle é demasiado sensivel, o que o torna infinitamente desgraçado; o seu temperamento melindroso e facilmente excitavel fal-o sentir demasiado as pequenas coisas, os contratempos fataes da existencia; dá-lhe violentas repercussões do mal dos outros; leva-o a appetecer um certo numero de sensações dôces e deliciosas, que não existem senão nas novellas e que são a desesperada miragem e o triste alento da Vida... Em segundo logar, a propria acuidade do pensar e do sentir tornou-o sceptico antes de tempo. N'este pavoroso ruir das religiões e das socieda-

des, n'este rebentar de innovações, n'este *pêle mêle* de doutrinas, a precoce avidez do seu espirito, muito rapidamente esclarecido, desnorteou-o, trouxe-lhe vertigens, geroulhe breve o desencantamento e o desgosto por toda a obra dos homens.

«D'ahi, as antinomias e os attrictos com a sociedade, as revoltas com a gente e as coisas do seu tempo. O pensamento contraria-lhe a sensibilidade; diz-lhe o juizo que é mau aquillo que a phantasia e o coração iam prestes endeusar; a frialdade da argumentação parecia-lhe as escandescencias do instincto. Por modos que, em ultima analyse, a sua torturada fórma de escrever, a sua arrogancia impetuosa, o seu estylo de fel e de lagrimas, o falho alvejamento de suas criticas, muitas vezes, provêem simples e unicamente da propria exuberancia e vitalidade das suas qualidades naturaes; provêem d'elle ser um dos ultimos valiosos e fortes rebentões d'uma raça cuja missão historica avoejou ha muito, fechada e cumprida, para os fumos do passado, e cujo

papel anthropologico vem já de longe derivando, cada vez mais reduzido, e mercê de varios atavismos degenerescentes, para uma figura mesquinha de comparsa da grande comedia humana.

«*Abel Botelho*».

FIM

OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia, 1870.
Sciencia e Consciencia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas Farçadas contemporaneas, 1871.
A questão da Imprensa, 1871.
Theophilo Braga e os Criticos, 1871.
A' hora da lucta, 1872,
Horas de febre, 1873.
O Espectro de Juvenal, 1873.
Eugenia Grandet (trad.), 1873.
O Padre maldicto, 1873.
Balzac em Portugal, 1873—4.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal), 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal), 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez, 1875—2.ª ed.
Contos phantasticos, 1875.
Os homens de Roma (drama), 1875.
A questão do Oriente, 1876.
Revista Litteraria, 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo), 1877—8.ª edição.
Do Realismo na Arte, 1877 — 6.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto, 1877—4.ª edição.
O Padre Gabriel (drama), 1877 —2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios, 1878.
No Brazil, 1879—2.ª edição.
O Emprestimo de D. Miguel, 1880—5.ª edição.
Realismos, 1880—4.ª edição.
Combates e Criticas, 1882—2.ª edição.
Novos Combates e Criticas, 1884—2.ª edição.
Terceiro livro de Combates e Criticas, 1886—2.ª edição.
O Caso de Marinho da Cruz, 1889.
Camillo Castello Branco, 1889.
A Mulher do capitão Branican (trad.), 2 vol. 1892.
Philosophia de João Braz, 1895.
Santos Portuguezes, 1895.
Theorias de João Braz.
N'este Valle de Lagrimas, 1896.
A queimar cartuchos, 1896.
De palanque, 1896.
O Riso amarello, 1897.
Noites de vigilia (4 vol.), 1897.
Criterio de João Braz, 1898.
Memorias d'um suicida (trad.) 1898.
A torto e a direito, 1900.
Pela Vida fóra, 1900.
Alta noite, 1900.
O mundo furta côres, 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No mar morto, 1902.
S. Frei Gil, 1902.
Por este mundo, 1903.
Alma humana, 1904.
No Coliseu, 1904.
A velha historia, 1906.
Ao correr do pêllo, 1906
Na Travessia, 1907.
Em férias, 1908.
Entre nós, 1908.
Frente a frente, 1909.
Para o fim, 1909
Na Procella, 1909.
Rompendo o fogo (no prélo).

PQ 9261 S55P7

Silva Pinto, Antonio da
Na procella

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW

D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 05 01 007 9